

À Sombra da Mariposa.

Ígor O.



À Sombra da Mariposa.

Í g o r O.

2 0 0 8.

A presente Obra foi revisada e editada por mim, ÍgorO ;nome artístico também conhecido por Mago Merlin, fã do livro “A Taverna de Cronos”. Quem vos escreve enquanto dedicatória sou eu, o Merlin, na versão de Baal Zebu, o próprio em pessoa. Tomei a liberdade de auxiliar na edição dessa obra em 2013, já eu instalado na cidade de TIR, enquanto o autor dessa obra está nesse mesmo ano em Curitiba, Paraná, Brasil, curiosamente a cidade onde eu estou com minha legião.

Amigo pessoal do autor dessa obra, trabalhamos no passado em muitas actividades conjuntas, e por esse motivo resolvi fazer algumas impressões desse livro, em homenagem a nossa camaradagem e aos velhos tempos e para a surpresa feliz do autor da obra, que para os mais íntimos gosta de ser chamado mago e é um ser misterioso, tal como a mariposa da obra, que ele mesmo desenhou.

Entre feitiçarias, bruxedos e alguma loucura com bom senso, com aventuras e desventuras, com sofrimento e alegria, fica aqui a minha homenagem ao meu velho amigo, fã de Poe e de Fernando Pessoa, homenageando-o com a presente edição impressa, que desde já, e a pedido do mesmo, é obra pública, ou seja, a quem interessar possa, inclusive no que se refere aos direitos de autor, podendo ser editado e reeditado e reescrito, revisado, a qualquer tempo e espaço e por quem quiser.

Obrigado velho amigo, pelo tempo que passamos juntos nessa estrada, você, que agora segue o caminho para TIR.

Completando um ciclo de 800 anos, ÍgorO, meu heterónimo, está desaparecido, desde que o vi, pela última vez, nas brumas de Avalon.

Certamente, para fugir à maldição que lhe impus compulsoriamente, ele teria de ir à Marte.

Boa leitura, meus amigos;
B.Z.



Homenagem ao Movimento Resumista. Essa Obra tem características do Resumismo, Surrealismo, Suspense, Terror, Erótica e Romance.

Não leia com moderação.

Editado e Impresso no Inferno.

- Me desculpe! - Surpreso. - Não vi que estava aí.
- Sou assim tão insignificante? - Maliciosa. - Tão sem importância e invisível?
- Claro que não! Não lhe quis dizer isso.
- Então nem quer falar comigo?
- Não! - Mais surpreso!
- Não?- Em fúria.
- Digo, sim!
- Como?

Não. Não é aqui que se conhecem. Nem é agora que ocorre o seu derradeiro diálogo.

Estão juntos, porém. E talvez este seja o mais significativo dentre os seus desencontros, suas traições, desventuras e travessuras.

O corredor de serviço por onde ninguém jamais passa, com seu ar estagnado, sua vaga utilidade, recebendo a visita de uma sombra sem dono, que não devia estar lá. Trata-se de uma negação, o envolvimento dos dois, pois ambos traíram seus amores, seus amigos e a própria alma maculada em dor entre eles próprios, tal qual canibais ou mastins dos infernos. Ele não é o corredor vazio, muito menos ela a sombra, embora se comportem como tais. Trata-se de um grande não.

E o negror do piche os envolve.

Uma estranha força que de modo algum os aproxima, mas sim, os impede de afastar. E não é boa, somente os mantém juntos, coesos sem fazer sentido, desde a situação na qual se descobriram, no decorrer de uma sucessão de eventos, que qualquer um, precipitada e erroneamente, afirmaria casual.

Mas não foi casual.

Como não é casual o agora, o aqui. Uma ocasião que não é das melhores. Ele, como sempre, cansado e indiferente, mas devido à juventude que resiste, ainda capaz de observar que Manuela também não está em um bom dia. Muito pior do que de costume e impossibilitada de disfarçar sua preocupação, ela desiste e se move a esmo, sorrindo nervosamente com um cigarro entre os longos dedos.

Uma aparência contundente, doente e atraente.

Cumprimentam-se, sem se tocar, enquanto escolhem (Escolhem?) uma mesa.

Os veículos agressivos, passam de lá pra cá.

As pessoas apressadas, passam de cá pra lá.

Não há cães, só vira-latas.

Nenhum pássaro, só pardais.

Mesas e cadeiras plásticas interrompem a calçada. Lá dentro não é melhor, pois está muito abafado. Pedem o de sempre, pois já estiveram aqui. Melhor dizendo, só estiveram aqui. Foi somente aqui que se viram, desde a primeira vez. Um desses lugares que pode ser em qualquer lugar.

No centro da cidade.

Do outro lado da rua, um sorriso doentio.

O esfarrapado e sujo está sentado no cordão da calçada.

Um soberano maldito em seu trono vulgar. Sobrevoado pelas moscas.

É invisível, ele. Mas está ali.

Adiantando-se, o jovem atrasa uma cadeira para que ela se acomode. Um insosso resquício de suas antiquadas maneiras machistas, para as quais a mulher pouco atenta. Seres bem mais sinistros atraem sua atenção. Ela jamais relaxa, embora pareça completamente à vontade

com seus problemas. Jamais permite uma inesperada aproximação, doravante, já está com a alma morta. Morta por dentro, embora bela ainda, sem sentido nem motivo. Puta escondida, simplesmente, na casca de uma voraz sabedoria que a consome e aos poucos, a mata sem que ela saiba.

Concentra-se no outro lado da rua.

Ele fala de coisas banais, ela o ignora sem maldade, ele simplesmente nem percebe, ela sabe. Por enquanto, tudo é muito breve e fútil, o modo como as coisas são por aqui. Esta cidade dita tão viva e de fato tão morta, cheia de orgulho por nada. Seguem falando o que não precisa ser, breve e futilmente.

Contudo, antes mesmo que chegue o que pediram, envereda-se a conversa por outros caminhos; menos reais, mais espinhentos. Passam a falar daquilo que sempre falam. O único assunto que os detém. O misterioso assunto. Aproximam-se, pois sussurram. E todos aqueles seres que não estão ali, aquietam-se para melhor ouvir. Ele também, vai redobrando gradualmente o seu interesse e a sua atenção, ao que Manuela torna-se o ser falante, activa e cativante, feita de lábios e mãos, maluquinha escondida e débil, embora pareça forte.

Começa a expor sua cruel realidade. A mesma realidade que para ele é tão doentia, mas tão atraente.

Obviamente ele é o perfeito ouvinte, o mais passivo possível, sinaliza nos momentos certos para impeli-la a seguir falando. E ela fala, aparentemente sem calcular os danos que arrasta com seus relatos.

Danos de toda espécie, que torturam seu corpo, encarceram sua mente, e conduzem o seu espírito até aqueles remotos lugares onde estão os que não estão.

São danos que ela traz em um saco gotejando sangue e deposita sobre a mesa, ao lado do cinzeiro e das xícaras de café que acabaram de chegar. Aqui estão!

O sangue respinga no plástico branco da mesa e das cadeiras.

Assim como na surrada porcelana das xícaras.

Uma gota que cai no café.

Entre as cinzas.

Ainda jovem e esperançoso, controlado e medroso, ele toma um gole, mas não fuma.

Ainda não fuma. E bebe café com quatro gotas de adoçante, não açúcar. Mas bebe café. O jovem fraco e abatido que, apesar de infeliz, esforça-se (Mas não muito!) para sobreviver.

Provavelmente mais por medo da morte do que por gosto pela vida.

Ele ainda não sabe, mas a atraente mulher a sua frente o está desgraçando. Justo ele, que no pouco tempo que teve refinou-se nessa opção de somente observar, essa morna opção de deixar a vida passar, enquanto os outros vivem. Justo ele, que embora seja uma presa óbvia e fácil, é incapaz de identificar um verdadeiro predador.

E Manuela é uma predadora.

Uma predadora acoitada e prostituída.

Mas uma predadora.

Enquanto vai encenando sua tragédia para o outro, uma tragédia real, nem por isso menos encenada, embora pareça uma tragédia do teatro do absurdo, mas é vida real; também ele começa a sentir-se acoitado. Ela é bastante convincente na exposição de seus relatos, mostrando no mundo e nas coisas da vida as provas cabais daquilo que diz. Toma nas mãos algo corriqueiro e, com delicada perícia, dali desvela o inimaginável.

Os monótonos objectos cotidianos, as chaves do carro, o cartão ponto, que banhados na negra luz de seus olhos transformam-se em fantásticos artefactos, o chifre do unicórnio, o Dado Yessim. Mas toda essa situação, embora empolgante, é assustadora e por demais perigosa. Oferece risco em vários níveis.

Certos níveis, ele nem mesmo pode conceber.

Evitando questioná-la, ele somente escuta o que ela tem a dizer. Ela dispensa perguntas de tanto que fala. E tudo o que diz, assusta e fascina, a si própria tanto quanto ao outro. Ele é o rato de esgoto que segue a furtiva doninha para uma estranha realidade. Encurralado, lentamente o rapaz vai percebendo que tal realidade é a sua também, visto que só existe uma. Uma misteriosa e ampla realidade que a tudo abarca.

Ele vai sendo arrastado por essa trilha sem nome, mas que tem espinhos. E sente dor, a dor de uma maldição lançada em sua própria história, aqui e agora. Ela muito mais o sequestra do que o guia nessa viagem sem volta. Essa mulher magnífica. E maligna. Perturbada e triste.

Essa mulher, que está pedindo ajuda.

Esse pedido é tão subtil e inadmissível que o rapaz demora um pouco a compreendê-lo como tal. E quando o compreende, deseja estar enganado, pois não consegue imaginar um jeito de ajudar. O que ele pode fazer? Isso que ela lhe traz é algo tão vago e inatingível que ele não vê uma solução possível. Tem a forma do invisível e a textura dos pesadelos. Como ele pode oferecer ajuda? Uma vez que quer e precisa ajudar, uma vez que se obriga, ou seja obrigado, como pode fazer? Do mesmo modo que alguém abre a carteira para mostrar que está vazia, ali não há um puto tostão, o jovem expõe o seu dilema, esperando ser compreendido.

Por algum tempo, tomam café.

Terminam um, pedem outro.

O calor é insuportável, faz mais de quarenta graus.

Mas o café vai bem.

É reconfortante.

E fugaz.

“Great Bolls of Fire”, na interpretação original de Jerry Lee Lewis, começa a ressoar em algum equipamento de som perto dali. Quatro

acordes básicos espancados no piano, depois a voz, inconfundível música infernal.

Boa parte das pessoas que transitam na rua ainda não se deu conta, mas outras já estão correndo, desesperadas ou curiosas, de um lado para o outro. Um estouro de manada.

É sempre assim.

Quando ele está com Manuela, as coisas começam a acontecer.

Que coisas?

Todo o tipo de coisas que nunca acontecem quando não está com Manuela.

Coisas misteriosas.

Praticamente todos na rua já perceberam o que se passa e correm para lá, ansiosos pela destruição, pela dor alheia, correm para ver mais de perto as chamas. De um estouro de manada a uma revoada de abutres. A cerca de uma quadra de onde os dois tomam café, iniciou-se um incêndio em um pequeno prédio de uns quatro ou cinco andares. É possível ver dali, sem levantar das suas cadeiras plásticas vagabundas.

É possível ver as labaredas saindo pelas janelas. Querendo lambe os céus.

Manuela se ilumina.

Ele pensa que é o fogo.

Mas não.

Criaturas aladas e chifrudas, incandescentes em sua velocidade, sobrevoam o local, espiralando ao redor do prédio, dando rasantes sobre os observadores, entrando e saindo pelas janelas fumegantes. Algumas delas pousam nas copas das árvores da calçada em frente, e ali as árvores também pegam fogo. Outras parecem descansar na mureta da cobertura, a poucos passos da gente sitiada que grita por socorro.

Uma dessas criaturas, soturna e imponente, volta-se para Manuela.

Olha directo em seus olhos.

Vê que foi vista.

A mulher prende a respiração por um instante e o rapaz, que como todos os demais presentes, nada vê além do incêndio, faz menção de pegar sua mão, para confortá-la. Seria o primeiro toque, mas não acontece. Ela volta a si, recolhendo o braço.

O tumulto é generalizado. Param os carros, as motos, os pedestres, todos para ver. Nos comércios, o dinheiro (Pasma!) é momentaneamente esquecido. Há um sadismo perene querendo surgir. As pessoas observam as chamas que, impiedosamente, se alimentam de tudo e de todos. Tudo e todos.

Começa a recender o cheiro de carne assada junto da fumaça irritante. O cheiro propriamente, não é ruim, e a propósito, é bastante agradável e familiar, mas é exactamente isso que o faz repugnante. Esses que observam em segurança não podem ouvir os gritos de agonia que soam no interior do prédio, pois as chamas fazem muito barulho,

desse modo, são pegos de surpresa por esse específico perfume da Morte.

Esse cheiro. Uma essência medieval, digamos. Alguns até mesmo demoram a compreender de onde vem; são os que sentem uma leve pontada de fome, instantes antes de vomitar pelas calçadas, com a chegada da compreensão.

Dizem que a carne humana é suave e doce, e quando queima (Quando assa.), possui um perfume inigualável.

Os dois decidem partir dali.

Presenciaram o suficiente.

Sobre a mesa ficam moedas.

O piche segue com eles.

O fogo, deixam para trás.

Partem lado a lado.

- Em que dia estamos?

- Hoje é doze de Janeiro de dois mil e seis; quinta-feira, responde com inexplicável satisfação.

- Por quê?

- Ora, veja... Outra quinta-feira...

- Como?

- Você nunca notou nada de diferente nas quintas-feiras?

Ele pensa um pouco.

Nega, balançando a cabeça.

Não muito convencido de sua resposta.

O suor lhe escorre pela espinha.

Acumula-se junto à cintura.

- Pense bem...

Palavras ecoando.

Um incontável número de lembranças ruins explode em sua memória, porém ele não sabe, não há como saber, que todas elas ocorreram em quintas-feiras. Destas lembranças todas, uma em especial ganha vida, erguendo-se das trevas do esquecimento. Tampa seus ouvidos, embaça seus olhos, leva-o embora.

A miúda ave verde está morta em suas mãos infantis.

A cabeça pendendo, como só a Morte faz pender.

E um aperto no peito vai deformando o mundo pela dor.

Por ter passado de ano, na escola, o menino foi presenteado com uma catorrita. Filhote, o animal apega-se e confia. Grande parte do tempo está solto pela casa. Revoa de um móvel a outro, caminha livremente pelo chão. São só poucos dias desde que chegou aqui, mas já é parte imprescindível da família.

Dia quente de verão, o menino brinca com seu novo amigo até o plácido esgotamento.

Inevitavelmente cai no sono, abandonando-se à bonança que antecede a triste tempestade.

Dorme seu sono infantil na santa paz da ignorância. Quando acorda, imediatamente sente falta do animalzinho.

Cadê?

Será que fugiu?

Não. Melhor fosse, contudo...

Sorri, antes do desespero.

Diante da dura revelação.

A catorrita não fugiu, embora não esteja mais aqui. Entre as almofadas sobre o sofá, de onde acaba de levantar de seu sono, encontra o pequenino corpo empenado, inerte. E a compreensão vem como um soco no estômago. Enquanto dormia, o menino rolou por sobre a ave que velava por seu descanso, sufocando-a sem perceber, esmagando-a com seu corpo sem dar-se por isso.

Tortura-o a idéia de que o animalzinho tenha morrido sem compreender por quê. (Por que ele não me deixa sair? Por que me machuca?). Torturava-se sem saber que estava sendo castigado por ter traído os amigos no futuro, no caminho para TIR, mas enquanto estava no presente do passado, não apercebia-se disso, e tudo assim lhe aconteceu por ser mago, sem o saber.

Foi numa quinta-feira de sua primeira semana de férias de verão.

Sabe disso, com infeliz e terrível certeza.

Não nega, nem resiste.

- Quinta-feira? Pergunta Manuela, um sorriso inexplicável.

- É... Foi numa quinta-feira...comenta como se a mulher tivesse lido seus pensamentos.

- Tenho certeza porque no dia seguinte, na sexta, saímos em viagem.

Aquela situação estragou boa parte das minhas férias, e com os olhos rasos d'água sua alma angustiada pensava:

- Fui eu, percebe?

- Sim... Estou percebendo, a mulher aguarda um pouco, espera o outro retornar completamente. Nem tão complicado demais mas nem tão simples assim.

- Minhas quintas-feiras são sempre incômodas. As piores vinte e quatro horas da semana, sempre. Não é um dia ruim.

Somente incômodo. Sem sentido.

- É a primeira pessoa que me fala isso enquanto está de volta, não supera a dor.

- Todos falam da segunda, reclamando. Alguns do domingo, por ser monótono. Mas da quinta, você é a primeira pessoa(suspira).

- Está sempre me surpreendendo.

- Mas é disso que estou falando. Todos os dias da semana têm sua própria cara; têm sua própria personalidade, que todos conhecem. Com exceção das quintas-feiras.

- Certo... (descrente).

- Então qual a cara da terça?

- Ora! Terça-feira é o dia de pagar as contas. Ou melhor dizendo, o dia de não pagar.

- Outra vez aquele enigmático sorriso.

- É mundialmente tradicional, marcar-se para uma terça-feira a conclusão de uma dívida que não se pretende pagar.

- E vendo-o desarmado, conclui:

- Há inclusive uma expressão castelhana, “Hasta martes!”, seria “Até terça!”, vários povos sul-americanos usam-na para se despedir de alguém que não pretendem mais encontrar. O motivo é o mesmo, percebes?

Ele digere a informação, com certa dificuldade, intuindo que cedo ou tarde vai transformar-se em outro, talvez em Igor, e será atormentado para sempre pelos crimes que cometeu contra seus amigos, num delírio de personagem, cativo por Manuela, desgraçado por ela.

Porque a terça - feira há de passar.

Indignada, mas divertida, ela ainda acrescenta, embora ele tenha divagado e se distraído, sem saber se sonhava em delírios de Manuela ou se estava a ter uma experiência real :

- Você não lembra daquele personagem do desenho do Popeye, que pedia dinheiro emprestado, pra comprar hambúrguer, dizendo:

- Lhe pagarei, com prazer, na terça ? Qual era mesmo o nome dele?

- Vudú, mas poderia ser Rafael Pinto traidor, que não faria a mínima diferença.

Risos.

Ele lembra do personagem, não do nome, e dá por aceita a tese. Porém...

- E a quarta?

- Quarta-feira é o meio da semana, meu jovem...(segura de si).

- O centro de um ciclo de sete dias, o exacto local de onde se pode melhor divisar o passado e o futuro. Dia certo para se tomar importantes decisões. Muitos empresários supersticiosos, por exemplo, preferem marcar importantes reuniões para as quartas-feiras. Ela faz um ar divertido, mas que traz um pouco de ferro em brasa.

- Imagino que também queira saber da sexta e do sábado, não?

- Bem... Sexta, todos concordam que é um óptimo dia...

- Sim...

- Mas, sábado?

- O dia em que Deus descansa. Sua repentina seriedade é coisa inquietante, contudo aquele sorriso permanece em seus lábios.

Sempre um mesmo sorriso, que combina com tudo, como o de um boneco sem graça, boneco vodú de desgraça.

- Você quer dizer “descansou”? Como na Bíblia?

- Não se engane, meu jovem... Os deuses continuam fazendo o que sempre fizeram, sempre farão o que fazem. Eu disse e quis dizer: “O dia em que Deus descansa.”

(E não se fala mais nisso.)

Caminham a esmo pelo centro da cidade.
Não há vento, não há sombra.
O suor escorre, empapando as roupas.
Vertigens descem do Sol. Como anjos que...
Caminham a esmo pelo centro da cidade.
Passam os bombeiros no sentido contrário.

Os dois os acompanham com o olhar, intuindo ambos mas sem saber que uma professora Universitária alemã chamada Cláudia Cuadra estava no meio das chamas a arder, ela, ao começar seu suicídio bem sucedido com seu ritual de vudú peruano, colocou seu belo corpo no caminho para TIR, tendo por isso começado o incêndio, para seguir seu avô pintor, cuja alma estava já no inferno à sua espera, embora seus quadros permanecessem algures onde Manuela habitava.

Bem como todos os anjos... Que...

- Você se esquivou e não respondeu a minha pergunta.
- Manuela... Como posso ajudá-la se não consigo entender o que se passa? No pouco que entendo, nem sei se acredito.
Está sendo sincero e verdadeiro, como só ele sabe ser. Um de seus pontos altos.
Manuela ouve calada. Um olhar maduro, atento. Espera.
As mãos preparando o próximo cigarro.
Os lábios querendo fumar.
- Nos conhecemos, faz o quê? Uma semana?
- É.
- Você vem e vai. Do nada, para o nada. Nem sei quem realmente é. Pesa o que pretende dizer, por alguns segundos e no entanto, nunca antes estive tão perto de alguém(desabafa). Não sei o que sinto... Não consigo me concentrar no trabalho, pensando em quando nos veremos. Ou se nos veremos. Olha-a, seus olhos antigos, não consegue sustentar o olhar; nunca consegue sustentar o olhar.
- Acho que eu me apaix...
- Quietos, por favor! Ela interrompe e traga, fazendo as palavras virem com a densa fumaça.
- Pare de choramingar. Que drama!
Ele suspira.
- É só uma questão de querer se envolver. Do modo certo. Mesmo sem entender ou acreditar, pode me ajudar, se quiser me ajudar. Se quiser se envolver.
- Eu quero.
- Então eu serei o menos obscura que consigo ser. E você entenderá.
Param de falar para atravessar a rua. Enquanto os veículos param no sinal vermelho, alguns palhaços invadem a faixa de pedestres, fazendo

malabarismos ao Sol fustigante e impiedoso. Do meio da rua, Manuela avista, sentado à mesa de um bar adiante, um outro palhaço, sozinho.

Um olhar astuto, embora melancólico, observa os companheiros de profissão.

Avalia-os à distância.

Parece não sofrer com o calor. Veste um macacão colado ao corpo, que delinea todas as suas formas de modo quase imoral, com uma estampa quadriculada em dois distintos tons de azul, um claro e outro escuro, com gola e punhos de seda branca luminescente.

Seda bufante. O cabelo castanho, curtíssimo, emplastado. O rosto e o pescoço cobertos de pó.

Lábios vermelhos, andrógenos como seus olhos miúdos. E as duas mãos ao natural, uma pele intensa, como se houvesse recém retirado as luvas.

Espectro da arte circense, pensando os rumos futuros.

- Você estava olhando para dentro daquele bar?

- Estava.

- Por um instante, pensei ver alguém sentado junto daquela mesa...

Manuela sorri.

De fato, a mesa está vazia.

- Estão em toda a parte. E me perseguem. Em toda parte... Quietos, eles a observa e escuta.

- Não sei ao certo, quando teve início. Mas minhas mais remotas memórias surgem das suas sombras. Desde a infância os percebo. E me percebem. Talvez porque os perceba, talvez porque me percebem. Não sei. Ao rapaz surge uma pergunta que ele não verbaliza, mas a resposta vem: Quem são?

Tempo...

- Na maioria das vezes, os mortos. Todos os mortos. Mas vários outros seres também. Ela conclui e aguarda.

- Isso é "o menos obscuro" que consegue ser, Manuela?

- Esse é você tentando ser esperto(ferina)?

- Sou o que sou.

Ele não esconde a irritação, mas não revida. Impaciente, olha ao redor.

E Manuela ri de sua cara amarrada. Acha o máximo.

Gargalha curiosamente de tudo e de todos.

De modo nervoso. Totalmente incómodo. Gargalha.

De irritado, ele passa a constrangido.

Os passantes observam-no sem ação. Críticos em seus olhares de concreto.

Ele quer esmurrá-la por fazer isso, mas é tão atraente...

Na falta de uma iniciativa...

- Vamos sair daqui, por favor? Vencido, Igor também implora.

- Claro, querido(com ar de vitoriosa)!

Ela não é má, só confusa. Difusa. Assim parece.

E feminina, de um modo que só ela sabe ser.

(Mas não era maligna?)

Seguem à pouca sombra dos edifícios, em sentido contrário ao vento quente e seco que não refresca, concordando em ir até a praça que divisam no fim da quadra. Um oásis onde proteger-se da tempestade de areia. Um refúgio arborizado, esquecido, abandonado entre comércios e escritórios por demais atarefados para percebê-lo ali.

Seguem até a praça. Uma promessa de paz.

Enquanto ele escolhe um banco, ela se senta no gramado.

Aqui não há Sol, mas o calor persiste. Agressivo.

O calor do vento que balança as árvores, carrega o lixo dos antigos e duvidosos amigos que já não podem mais se ver, tal qual o lixo carregado pelo vento esquecido no tempo que jamais voltará.

Até a grama está aquecida. Lânguida.

Com certa dificuldade, ele desiste de procurar e senta diante dela.

- Você diz ter vivido assim por toda a vida; sendo perseguida. Por todo tipo de criaturas, com seus motivos insondáveis. Diz que por vezes é bom, por vezes é ruim. Mas sempre, de algum modo, assustador. Tem medo, mas se acostumou...

Para cada palavra dita, ela demonstra aprovação, atenta.

- Se sempre foi assim... Se está acostumada... Por que só agora precisa de ajuda? E por que eu?

- Porque alguma coisa se quebrou; respondeu ela imediatamente.

- Caiu o véu. Rompeu-se o selo.

Não sei como lhe dizer isso, mas... De alguma forma, eles conseguiram a chave. E eu não mais estou segura, não mais tenho como me proteger. Ela procura algo, termina outro cigarro e acende mais um.

- Vou dar um exemplo, pra ver se faz mais sentido: Não importando o que acontecesse, não importando quem fosse que viesse no meu encalço, eu sempre tive onde me esconder, pr'aonde correr, fugir e ficar segura. Nos últimos tempos, este local seguro, este forte, era o meu apartamento. Corria pra lá, fechava a porta, e tudo ficava bem. Ninguém entrava.

Dito isso, a moça traga o cigarro com voracidade a fumaça que lhe é servida e rapidamente sorvida e diz:

- Isso mudou.

Suas feições se transformam agora com a aparição da fumaça.

- Eles conseguiram entrar. Entende o que digo? Eles conseguiram. Agora não há segurança em lugar algum. E não sei o que fazer. Por isso peço ajuda.

- E...?

- Porque confio em você. Confiei em você no momento em que o vi descer do ônibus naquele dia.

A sinceridade é uma pedra preciosa no centro da testa de uma, até então, desconhecida Manuela, retorquindo em si mesma, reiterando a idéia:

- Não porque me parecesse forte e invencível, não porque fosse um herói, disposto a desvendar enigmas e matar monstros para me salvar do centro do labirinto.

- Não querido...E ela o atravessa com um olhar; e agora ele é transparente e sólido como cristal.

- Confiei em você porque você é real. Jamais tive tamanha certeza quanto à existência de alguém. Por isso confio em você. Por isso escolhi você.

Manuela se estende no chão, satisfeita consigo mesma.

Traga longamente a efêmera fumaça para seus pulmões invisíveis.

Ele pensa que acaba de receber o mais estranho elogio de sua vida.

-“Sou real...?” Não Igor, não és.

- Você não faz idéia de como é conviver cotidianamente com tantos diferentes aspectos do universo. Ela lamenta enquanto diz:

- Ser sempre uma das únicas pessoas capaz de coisas nas quais as demais nem sequer conseguem acreditar... Ver o que os outros não vêem. Ter certezas que não se pode ter.

Parece triste.

- Preciso dar um jeito de acabar com isso. Fecha os olhos devagar; os seus terríveis olhos, fechados em seus cabelos brancos.

- Sinto... Sei, com uma imensa certeza que jamais tive, que se não acabar com eles, de uma vez por todas, acabarão comigo.

Ela apaga o cigarro na grama.

- Meu fim; pensa por fim.

Respira profundamente, deitada no gramado com as mãos atrás da cabeça.

Os dedos cruzados sustentando a nuca.

Os olhos perdidos tocando a escuridão.

Fala sem abri-los:

- Cristiano é um bonito nome...

- Obrigado! Foi minha mãe quem escolheu. Era o nome do personagem de uma novela da TV.

- Olha Manuela, um corpo estendido, flutuando sobre o capim.

- Dizem que no Brasil, de trinta anos pra cá, a maior parte das pessoas ganhou seus nomes devido a personagens de novela, como eu.

- Dizem tanta coisa... resmungo a fêmea, distante em pensamentos.

- É... Mas eu gosto do meu nome; Cristiano Judas.

- Mesmo sendo comum, escolhido de forma comum. Gosto dele.

- Eu gosto, também(murmura como uma gata no cio).

- Hum...?

- Do seu nome. Gosto do seu nome.

Ela sorri, ainda de olhos fechados, desejando-lhe a desgraça.

Ele relaxa um pouco, vendo-a estendida assim.

Sente-se um guardião.

Não?

(Não?)

Como faz calor...
Um calor lascivo.
E logo ali, Manuela.
Suada e sensual.
Cálida, calada.
Manuela mais calma.
E casual.

Agora que a escuridão lhe envolve completamente, arregala bastante os olhos, como se assim pudesse escutar melhor o que se passa lá em cima. Junto às pedras frias e úmidas, a pequena Manuela toma o cuidado de fazer o mínimo de barulho possível, pois bem sabe que seu perseguidor possui a notável capacidade de somente rastejar em sua direcção enquanto ela respira. Todo o seu deslocamento sempre segue o exacto ritmo das taquicárdicas pancadas de seu assustado coração. Ela sabe que, só e quieta, já é demasiado ruidosa para conseguir percebê-lo chegando. Manuela mal se move de medo, meditativa mediante o medo, matreira, mórbida, mal se move.

O coração lhe pulsa forte nos ouvidos, os pulmões, um verdadeiro vendaval. Contudo, não reduz o seu empenho, não esmorece, permanece imóvel, encolhida contra a dureza do granito. Deseja a luz do Sol de agora a pouco, a relva fresca florida, habitada pelos insectos coloridos, mas isso, já não pode ter mais; é um luxo do qual não mais dispõe. Negam-lhe isso, o silêncio, as trevas e a terra.

O silêncio, as trevas e a terra.

E ele.

Onde será que ele está?

Ele.

Será que já se foi?

Não... Só está aguardando... Além das árvores, além do longe, mas logo ali. Aguardando que ela saia para poder pegá-la. Aguardando que ela saia do seu local seguro; onde ele não pode ir. A menina tem muita experiência e sabe dos seus ardis. Melhor esperar um pouco mais...

Ela não sabe exactamente quando isso começou, e mesmo hoje, depois de adulta, nas ocasiões em que ocorre, não sabe ao certo se é real (Mas o que é real, afinal?) ou coisa de sua imaginação, ou o quanto é externo e o quanto é interno. Sua fértil e febril imaginação, sua imaginação sem graça. Seu mundo sem paz, de vasta desgraça. O fato é que inesperadamente começa a sentir-se observada. Olhos lhe olham. Um mórbido desconforto passa a alastrar-se por seu corpo, começando nas omoplatas e no pescoço, subindo depois para a nuca. Enrijecendo tudo, travando tudo.

Sente então que há algo lá.

Além.

Olhando.

Que se aproxima lentamente, observando por trás. Com seus olhos cruéis, fixos nos cabelos arrepiados de sua nuca. Observa por onde começará a tortura, o que primeiro machucar, onde mais dói... Tem o hálito salobro de uma respiração silenciosa. Bem perto e atrás. Tem as presas e garras daqueles que dilaceram. Perto e atrás.

Ela volta-se, procura, mas não encontra nada.

Nunca encontra nada.

Nada.

Esse desconforto aumenta até atingir níveis insuportáveis, acumula-se como um fardo sobre as suas costas, torna-se um verdadeiro pavor! Um asqueroso e gigantesco insecto incestuoso lhe subindo pelos cabelos. Uma lâmina afiada que desliza coluna abaixo. Até que repentinamente explode! Não suporta mais! E ela tem que correr! Fugir, sair de onde quer que esteja e esconder-se para não ser apanhada por este que nem bem sabe quem é. Não há como saber.

Geralmente corre para o seu lugar seguro.

Seu lugar seguro.

Para aonde vai agora.

É o que ocorre agora.

E ela espera que ele se vá.

Melhor esperar um pouco mais...

Nessas horas, nunca é demais.

Enquanto aguarda, já descansada da fuga e da arriscada descida pelos nichos entre as pedras das laterais, escuta passos trôpegos sendo arrastados pelos gramados da superfície, uma respiração pesada, densa e saturada, acompanhada de gemidos de dor e lamentos ininteligíveis, segue-se a cada nova passada.

Ela sabe:

Não é seu algoz.

Trata-se de uma pessoa.

Um ser humano.

Um homem cansado e aparentemente ferido, talvez um pouco bêbado, a julgar pela forma como as palavras lhe escapam da boca. Inadvertidamente, monotonamente, ao que parece, ele murmura em um outro idioma. Seu passejar entrecortado, embriagado, acelera uma última vez e vem se extinguir em um tombo, próximo à boca do poço seco, no fundo do qual a menina Manuela Cláudia Cuadra Carbajal se esconde.

Essa nova e inesperada situação atrai seus sentidos para algo bem mais sólido, distanciando-lhe um pouco das emoções que antes sentia. Lentamente vai sumindo a sua antiga preocupação, na medida em que é substituída pela curiosidade com aquilo que agora se passa lá fora. De um medo antigo, velho seu conhecido Kruchinski(bem assim lhe parecia, mas ela não tem certeza real de quem é seu perseguidor), para uma nova indagação:

Quem?

Olha para o alto e vê a vaga silhueta de um homem usando chapéu de abas largas, a cabeça e os ombros pendendo rapidamente para dentro do poço. Por um instante, acredita que ele vá vomitar... Por um instante, acredita que ele venha a despencar lá de cima, mas se recompõe e se firma. Não cai mais.

Não cai mais.

Pois se firma.

Sente-se bastante segura, uma vez que conhece muito bem este local e sabe que de lá não pode ser vista. A propósito, sente-se agora, perfeitamente segura, visto que a presença real (Real?) de alguém, seja quem for, afasta seus outros temores. O outro medo se foi. Partiu seu misterioso algoz. Um dia ele volta, mas por hoje se foi.

No alto, o homem segue mastigando as palavras. Gemendo e lamentando-se durante algum tempo. Uma ladainha inquieta, maçante, mas não assustadora. Perdura durante algum tempo. Conversa com o poço, com as árvores, com o próprio chapéu. Que não respondem, mas são obrigados a escutar. Tal qual a menina lá embaixo. Todos escutam e todos aguardam, durante algum tempo.

Até que chegam mais dois...

E estes assustam.

Eles riem e também estão bêbados.

E assustam.

Mais dois homens para aumentar a festa.

(Festa?)

Aparece um outro homem que se aquieta, prendendo a respiração, neste típico silêncio de medo. Seu chapéu não é suficiente refúgio, mesmo assim, afunda-o mais na cabeça.

Lá dentro do poço, a menina atenta para a chegada de um novo espectro que em nada lhe agrada. Seus ouvidos preparados escutam a aproximação de um distante bater de asas, negras asas de couro, e o assobio de uma foice ao vento. Uma pequena massa gelada aglutina-se no interior do seu estômago pseudo-vegetariano. Preferia a Manuela Cláudia Cuadra não estar ali, para não testemunhar o que pressente que está para acontecer.

O que sabe que está para acontecer.

Os dois homens, recém chegados, riem e caçoam do primeiro homem, ferido. Bêbado e assustado, devido ao medo, calado.

Caçoam do pobre Rafael Pinto, com a alcunha de Rafael Hitlodeu, como quem cutuca um animal machucado, preso em uma gaiola.

- "Ladrón!"

Dizem gritando!

- "Ahora tu no escapanos!"

Sentenciam.

Manuela sabe o que significa.

Ouve e sente.

Não compreende bem as palavras, mas sabe o que significam, pois...

Ouve o bater de asas.

E lateja no peito o seu significado.

Ecoa no peito, o estender do couro negro ao vento.

Silva aos ouvidos, o reflexo do aço em crescente.

O coração conhece a melodia.

Sente o rasgar da lâmina.

Não precisa compreender o que dizem para saber que não é bom...

Sente e sabe.

O pobre bêbado traidor dos antigos amigos não tem mais forças, nem sequer tenta fugir. Passa a ser uma questão de escolha, uma simples questão de escolha: Morrer agora, ou fugir de novo e morrer depois.

Uma maldita escolha, essa:

Morrer agora ou fugir para morrer depois.

Nervosamente, começa a rir e a matraquear com um tom asqueroso e submisso.

-“Amigos, perdón!”

Gani de orelhas murchas e rabo entre as pernas.

-“Perdón...”

Sim... Obviamente, são todos muito amigos...

E amigos compreendem, perdoam...

Tensa, a menina espera pelo pior, enquanto todos riem feito loucos.

O vento resvala naquela ave obscura; sua sombra passa.

-“Entonces te encontramos, Tadeo!”

Riem alto, descontrolados, com a alcunha do pobre Rafael.

-“Tadeo, Tadeo... Que passa? Tienes medo, Tadeo?”

Riem enquanto agarram o bêbado e arrastam-no pelo chão. Riem enquanto rasgam suas roupas e jogam-nas longe. O amarrotado chapéu de abas largas que, esbofeteado, voa e cai aos pés de Manuela. Que contêm um grito. Riem alto, enquanto apanham a corda do balde do poço. E seguem rindo, enquanto amarram o bêbado desesperado, que chora de tanto rir. Ri para não chorar.

O riso irrita e todos riem enquanto falam. Os dois riem, enquanto amarram. Amarram seus tornozelos juntos, seus pulsos por trás das costas e à cintura. E maniado como um novilho, o bêbado é rolado e chutado pelo chão. Chutam-lhe especialmente o rosto. Depois, é erguido e pendurado pelos pés, de ponta cabeça na trave sobre o poço, onde antes esteve o amassado balde de lata. E é quando o riso pára.

Todos param de rir.

Por breves momentos, ficam os dois observando o outro que oscila logo acima da boca do poço. Bem acima da pequena Manuela, que engole seus soluços, enquanto lembrava-se que seu pai, Manuel Cuadra, também fora espancado de forma parecida no passado por um tal de Marco e essas memórias vem à tona ao ver a horrenda cena que

praticamente se repete com o pobre bêbado. E abaixo daquele ser que ali está para cumprir com a sua eterna tarefa; batendo asas.

Depois...

Trocam palavras ásperas, bruscas, estúpidas!

Palavras como tapas e pontapés!

Palavras pauladas!

O homem amarrado soluça e chora, mais lúcido do que jamais esteve...

Desistiu de argumentar. Somente chora, desesperado.

Surge uma faca desvairada, que sorri silenciosa. Olha nos olhos do homem.

Cumprimentam-se.

E se esparrama o recorrente silêncio.

E quando o silêncio vem, Manuela fecha os olhos.

O anjo negro estende as asas.

Um rápido silvo rasga o ar pálido e faz correr o sangue morno sobre a cabeça da menina. Um engasgo, um espasmo, e os dois homens se vão, deixando o outro para trás. Para ele também seguir o seu novo caminho.

Mas, Manuela fica.

A pequena Manuela.

Banhada no sangue deste que se foi.

No bater de asas, se foi. Seu pai.

Carregado, se foi.

- O que foi?

- Nada importante...Abre os olhos, devagar.

- Só uma lembrança da minha infância no interior. Senta e massageia longamente a nuca e o pescoço. Dor de cabeça.

- Certo...

Uma péssima selecção de cores parece tentar amenizar as linhas pesadas da monolítica arquitectura de um grande edifício a Oeste da praça, feita pelo pai de Manuela, embora ela nunca soubesse disso.

Dotado de um heliporto e com boa parte de sua área útil destinada a estacionamento, mais parece um rinoceronte vestido de palhaço do que uma obra que mereça maior comentário.

Deste infeliz conjunto de formas e cores, aproxima-se um ágil helicóptero de quatro lugares, branco e vermelho, passando bem acima das árvores da praça e desaparecendo por alguns instantes lá no topo, alguém desce, alguém sobe, depois se retira para o Leste, tão depressa quanto surgiu.

Os dois observam por entre os galhos.

Depois acompanham o som que se vai, até que só reste o trânsito.

O trânsito que faz gemer a grama.

Cristiano Judas(que possui a alcunha de Igor, e ninguém sabe ao certo o motivo) está pensativo, visivelmente preparando-se para começar a falar.

Manuela, pacientemente, aguarda com um leve sorriso nos jovens lábios.

Trânsito que treme galhos.

- Ocorreu-me uma idéia. finalmente! Espero que você não me entenda mal. É algo que não resolve o seu problema, seja ele qual for, mas pode ajudar um pouco. Amenizar momentaneamente as coisas.

- Diga.

- Você diz ter perdido o seu “local seguro”, que não se sente bem, não se sente segura em lugar algum. E, pelo pouco que sei, vive sozinha.

- Sim...

- Talvez ficar sozinha, neste momento difícil, não seja boa coisa.

- Sim...

- Talvez passar um tempo acompanhada, alguns dias, lhe faça bem. - ele fraqueja; pensa demais, age de menos.

- Não sei, é só uma idéia...

- Fale de uma vez, criança! Ordena.

- Quer ir para a minha casa? Desembucha, Cristiano! Quer Passar o fim de semana comigo?

Durante alguns instantes, o jovem não consegue imaginar que conseguiu falar, não consegue imaginar o resultado de sua decisão; Manuela é toda um enigma. Ela aceitará?

Ofendeu-se? Ele não sabe.

Espera.

Então, sorrindo ela o liberta da angústia:

- Mas é claro que quero! Será ótimo!

Ufa!

- Então vamos(animado)!

- Lá em casa, garanto que não está tão quente. Ficaremos melhor, Bem melhor.

Para alguns, pode ser difícil de acreditar, mas realmente não há malícia no convite; talvez uma vaga espécie de esperança, quase infantil, mas não malícia...

Deste modo, preparam-se para um novo passeio. Diferente do que fizeram até agora, este com um objectivo; a casa de Cristiano.

- Onde fica?

- Hum?

- Sua casa, onde fica?

- Algumas quadras daqui... Pensa...

- Quer pegar um ônibus?

- Não. Gosto de caminhar.

- Certo.

Lentamente, abandonam a praça. Deixando para trás os ciprestes, cansados, empoeirados, sem perfume. Triste sina de quem nasce e cresce no centro. Em bronze, um busto de Borges de Medeiros. Alguém

de quem se despedir. Do outro lado da rua, expostas ao implacável Sol da tarde, as infinitas faces da arte e uma carranca sem proa, saúdam.

Os dois estão indo para a casa dele.

Quem sabe seja o Sol, que mesmo prestes a se pôr não dá trégua nem misericórdia, ou talvez a simples ordem de todas as coisas aqui expostas, a intensidade dos sons, os cheiros, a pura disposição dos variados objectos, da lata de cerveja às altas fachadas, não dá para saber exactamente o quê, mas algo lhes rouba instantaneamente o ânimo. O entusiasmo de instantes antes, simplesmente sumiu. Seguem, contudo. Incomodados, como se tivessem a certeza de terem cometido um crime sem saber qual.

Estão indo.

Tomam a rua dos fundos dos mundos.

Em desconforto, andam em silêncio.

O Sol nas costas, os olhos no chão, na sombra.

Em vão, se vão, enquanto suas sombras silenciosas lamentavam o infortúnio de seus passos.

Suas sombras parecem reclamar do calor da calçada.

Chiam em contacto com a pedra quente.

Na calçada da rua dos fundos.

Indo.

Eventualmente algumas árvores. E um sobrenome entre os galhos: “Kruszynski.PL/PT/BR.”

À esquina, à esquerda reparam num mural que dizia: “*Avançar Sempre, Retroceder nunca, Render-se Jamais*” e um sorriso em preto e branco, alto-contraste. Muros, paredes, torpes memórias da metrópole. Pichações, velhos cartazes rasgados, grafites desbotados.

Que cidade é essa que escorre sob seus pés como a areia da ampulheta?

Repleta de altos e baixos e luzes e sombras e escadarias para descer e subir e becos escuros para entrar e sumir. Que cidade é essa?

Aqui uma “Torre de Prata”, ali uma frase perdida: “O maior legado que podemos deixar às gerações futuras é o bom exemplo.”

Exemplo. Esse exemplo.

(Que exemplo?)

Tire suas próprias conclusões. Que cidade é essa?

Cidade de festas beneficentes, de jovens baleados, de carros importados, de mendigos cidadãos, de um passado sempre bem visto e um futuro quase incerto. Onde se alternam fachadas lusas e germânicas. Que cidade é essa? Mais uma terra à vista no Novo Mundo, saturada de esperanças de um outro mundo, que seja melhor. Um novo mundo melhor.

Cidades...

Que diferença faz...?

Afinal, não são todas iguais?

Cerca de quarenta e cinco minutos depois.

Quarenta e cinco minutos de uma leve caminhada.

Uma leve e quente caminhada.

- É aqui. O 312 da Borges do Canto. Onde moro.

- Interessante... Olhando a casa da frente.

A casa em frente tem nome além do número habitual.

- Ora! A minha casa também tem, embora eu não o escreva no muro.

- Tem é? Quase com desdém. Qual?

- "Não Há Losna."

Ao ouvir o nome pronunciado pelo outro, pela primeira vez a mulher volta-se para a casa, mas não vê a casa. Cadê a casa? Sua imediata impressão é de que ali só há um terreno baldio tomado por abundante vegetação. Uma explosão verde! Epífitas de toda espécie agarram-se nas grossas galhadas que se retorcem e se aproximam para formar o tronco monumental de uma árvore indeterminada.

Tudo em um raio de mais de dez metros esconde-se sob sua sombra. O alto gramado abandonado, uma variedade de flores que lutam contra o sufocamento, diversos outros arbustos e pequenas árvores que se contorcem desesperados buscando por um raio de Sol, e até mesmo a pequena casa de dois pisos que há alguns instantes nem parecia existir. Outra óbvia fachada alemã. Muito antiga.

- Nossa! Agora sei porque disse que aqui não estaria tão quente! O que você fez aqui?

Hospedou o Monstro do Pântano?

- Quem?

- O Mons... Ah! Esquece... E leva as mãos à cintura, respira fundo o verde do ar.

- Meus parabéns! É um lugar e tanto.

- Obrigado(um pouco cansado). Mas não sou o responsável... Quando nasci, já era exactamente como agora, de lá pra cá não mudou nada. E minha mãe, sempre diz que não era muito diferente na sua infância.

- Você e sua mãe sempre viveram aqui? Incrédula.

- E o pai dela. Orgulhoso. É da família há mais de um século.

- Que diferença! O edifício onde moro nem tem dez anos, e eu ali estou a no máximo um... Nem um ano...

Ela Olha ao redor, tentando entender o que vê, mas não consegue.

- Não imagino como se possa viver toda a vida em um só lugar. O mundo é tão grande e tão cheio de coisas para se ver e viver. Sei lá.

Ficar plantado é para as plantas (Hibiscos e fotos de crianças mortas no quarto, ela lembra-se rapidamente de seu algoz).

Nada delimita o terreno. Nem muros, nem cercas, nem nada. Para os lados, os vizinhos mais próximos estão além de uns cinquenta metros, no mínimo. Na frente não há calçada, o fundo é impossível de ver. E o que intensifica o estranhamento é o terreno ter um acentuado caimento para sua parte de trás, de modo que a casa foi construída com dois pisos

na frente e três nos fundos, algo que, de imediato, não se avista. E quando se avista, por desconhecido motivo, não se compreende.

O local todo parece ter saído de uma antiga fábula dos Grimm. Talvez os irmãos Jacob e Wilhelm tenham sonhado com este lugar enquanto escreviam seus contos, ou o seu construtor, inspirado naqueles textos, tenha se deixado sonhar ao erguer estas paredes. As fabulosas paredes de uma casa antiga.

Uma beleza incomparável que convida a entrar.

- Vamos entrar?

Manuela, assentindo, vai para a área dianteira.

- Não, por aí não; ele adverte.

Esta porta azul está trancada faz anos.

Cristiano se diverte com as impressões dela, que está visivelmente encantada com o lugar e com a sua própria sombra ao chão.

- Eu nem tenho a chave.

É a porta da frente.

- Entraremos pela lateral. Divertido.

- Você que sabe; responde abandonando o lugar.

Está séria agora.

Notou algo.

Antecipou.

Pela esquerda, uma trilha segue descendo para os fundos. Vêm-se pequenas janelas redondas à altura dos joelhos, pelo meio da grama crescida. Um porão talvez. Surge uma varanda lateral. Três degraus depois, sobem para ela e vão até a porta. Com uma monstruosa chave, Cristiano faz girar ferrolhos de uma inacreditável antiguidade, que destrancam a porta, gigantesca. Construída para homens bem maiores, se não de corpos, de egos. Uma porta pesada, que se abre, mas não range.

Ele entra.

A escuridão o envolve.

Algo com o qual já se está acostumando.

Os olhos, porém, desacostumados, não têm a menor chance.

Ele chuta uma coisa macia, que rola pesadamente através do assoalho de tábuas largas. E rosna.

Rola, rola, rola e pára, com uma leve pancada.

- Opa...Vai tacteando a parede, por dentro.

- Devo ter esquecido alguma coisa por aqui.

- Acha o interruptor. Pronto!

Luz.

- Pode entrar.

Ela entra.

Estão em uma sala de jantar. Móveis simples, mas resistente, toda em madeira pesada e escura, colonial. Um ambiente aconchegante e miraculosamente frio. Uma redenção e uma delícia. É possível respirar melhor. Os aromas madeirados massageando os pulmões.

Ele puxa uma cadeira.

- Sente-se e fique à vontade. Vou encostar a porta para que não entre o ar quente... Largar minhas coisas... Já volto.

Sai.

Deixando a mulher ali.

Mas Manuela não está sozinha no cómodo.

De pé ao lado da cadeira de espaldar alto, ao lado de um pequeno banco verde pintado à mão e levemente torto, diante da mesa para oito pessoas, a mulher procura pelo que foi chutado pelo outro. Procura mesmo que no fundo não faça questão de encontrar. Não vê nada imediatamente. De onde está pode abranger com o olhar praticamente todo o local. Mas nada vê. Nada além dos rodapés bastante gastos que informam sobre a idade da casa, os pés torneados de uma antiquada cristaleira, e as tábuas do chão, caprichosamente enceradas. Mas nada a mais, nada que aqui não devesse estar.

Nada que pudesse rolar.

Seus olhos só não abarcam sob a mesa a sua frente e sob a cristaleira adiante.

Estará lá?

Um punhal gelado lhe toca a espinha.

Ou aqui?

O coração acelera.

O quê?

A respiração descontrola.

O quê?

Em um monumental esforço para não desmaiar, apoia-se na cadeira e lentamente começa a inclinar o corpo para olhar debaixo da mesa. Não há meio seguro de calcular quanto tempo leva para executar esse movimento tão natural e tão impossível. Mal consegue controlar os repentinos e violentos tremores que invadem seus ossos. Muito menos busca raciocinar sobre sua ridícula e inexplicável reacção a seja lá o quê que lhe está incomodando.

Somente treme. Treme e ofega enquanto se abaixa.

Vai baixando, baixando e (Não resiste!) fechando os olhos...

Agacha-se completamente, agarrada à cadeira e de olhos bem fechados.

Senta-se ao chão, solta a cadeira, abraçada aos joelhos. Tremendo.

Com o queixo encaixado entre os seios, escuta.

A despeito da respiração forte e da percussão cardíaca, escuta.

Escuta.

Alguma coisa rola, rola, rola e pára.

Estava debaixo da cristaleira, agora veio para cá.

Rola, rola, rola e pára.

Diante de seus pés.

É quente.

O Sol brilha lá fora, aqui dentro a luz está acesa.

Mas não faz a menor diferença.
Pouco importa.
Manuela treme.
Sem coragem para abrir os olhos.
E de olhos fechados, algo a seus pés, sorridente.
Treme descontroladamente.

Enquanto isso, no andar de cima, os pensamentos do rapaz são invadidos por um verdadeiro tumulto entre ideias, planos e ponderações. Por vezes ele se penitencia irritado por permitir que isso aconteça. Gostaria de conseguir relaxar, cessar o turbilhão dentro de sua mente. Pensa demais, para qualquer coisa, por mais insignificante que seja, pensa e repensa (Se é que “repensar” é possível!) demasiadamente, iludido pelo vago conceito de precaução.

Planejar, ponderar, precaver; não é preciso errar para aprender. O sábio aprende com o erro alheio. Somente ele acredita nisso...

Toda essa bobagem lhe transborda pelos ouvidos, escorre pelo nariz.

Se Manuela estivesse aqui, lhe alcançaria um lenço.

Mas isso já aconteceu.

Tem o lenço.

Só não sabe.

Pobre Cristiano com medo da vida, que futuro tem?

Transbordará para sempre essa infecção intelectual?

Há alguns dias quando conheceu Manuela, desejou mais que tudo no mundo (Sim. Sempre foi dado a exageros.) que tivessem algum tempo juntos, só para eles. Afinal, têm tanto a conversar. Pois o momento chegou e com ele o medo de não desfrutá-lo da melhor maneira. Não saber o que dizer. A mulher está lá embaixo, na sua sala de jantar, para passar a noite, no mínimo. Terão todo o tempo de que precisam. E toda a privacidade.

Pronto. Seu desejo realizado. Desejo desgraçado.

E agora?

Sua mãe, a única pessoa com quem divide a casa, está viajando para visitar suas irmãs, ficará ainda algumas semanas fora. Amanhã, já decidiu, não irá trabalhar. Telefonará logo cedo, avisando que não está bem. Nem precisa de um atestado médico, pois no escritório todos confiam nele. Uma só palavra resume sua pessoa: Confiável.

Não foi o que ela disse?

- “Confiei em você no momento em que o vi descer do ônibus naquele dia !”

Confiável.

Previsível.

Real...?

Insuportável.

Ele se acha insuportável, mas não consegue mudar.

Mudar iria requerer um esforço muito grande.

E no fundo acredita que o tempo de mudar já passou.
Ou que a mudança não faria diferença.

(Faz sentido!?)

Agora será sempre assim: “Um amor de pessoa!” Palavras de sua mãe. E sua mãe o conhece melhor do que ele mesmo.

Fato que ele se nega a admitir.

- “Um amor de pessoa! É o meu filho...”

Está fazendo de novo! Pensando! Pensando-se! E o que é pior: Pensando-se com as palavras dos outros. Jamais com as suas. E aqui encontra outro fato que se nega a admitir. Na sua escala de valores, que merda mesmo, a opinião dos outros vale, no mínimo, três vezes a sua.

Diz que não, mas sabe que sim.

E toda essa bobagem lhe transborda pelos ouvidos, escorre pelo nariz.

Se Manuela estivesse aqui, lhe alcançaria um lenço.

Mas isso já aconteceu com o Gilmar e ela, na Alemanha. Frankfurt...mas que importa a cidade ou a Cuadra?

Divaga, sonha. Tem o lenço. Festa de Carbajal não, mesmo que houvesse sem Cláudias, sem Oktoberfest, não mais...

Embora não se tenha dado conta...

Tem o lenço.

Sonha, delira, não sabe mais o que é real.

O menino Cristiano com medo da vida, que futuro tem?

Transbordará para sempre essa infecção intelectual?

Bem...

Ele encontrou Manuela Cláudia, naquela quadra.

Manuela e seu lenço chamado desgraça.

O rapaz ainda não notou, mas todo esse panorama que acaba de traçar sobre si próprio, está mudando gradualmente nos últimos dias. São minúsculas modificações em seu comportamento, subtis percepções para as quais ainda não atentou. Coisas como deliberadamente faltar o serviço, e para tanto, mentir; inadmissível no recente passado. Trair a confiança daqueles que o rodeiam. Mentir.

Ela lhe está fazendo isso.

Fazendo mentir.

Manuela.

Que a propósito está esperando lá embaixo.

Não pode deixá-la esperando para sempre.

Com renovado entusiasmo, decide-se por um banho.

Mesmo breve, um bom banho.

Deixa suas coisas sobre a cama.

Abre a porta do guarda-roupa.

Ocorre-lhe uma inquietante sensação de recomeço. C'est du déjà vu.

Mas isso já aconteceu. Com outras pessoas, em outros tempos, mas era sempre ele em diferentes versões de si próprio e da realidade aparente. Sempre ele.

E ela.

Na prateleira, diante de seus olhos, está um livro aberto. Não é seu, embora (Onde?) já o tenha visto antes, está ciente (Quando?) de que já o leu.

Toma o pequeno volume nas mãos, com uma secreta sensação familiar, o papel, de uma maciez amarelada, curva-se sobre seus dedos, farfalhando adocicadamente.

Lê:

“Foi então que necessitei que esfolassem completamente a pele das solas dos meus pés, para que os cascalhos da estrada longa fossem mais absolutamente compreendidos pela carne viva e permanentemente exposta à agressão atroz, para que o meu sangue fluísse em volume e velocidade suficientes, deixando o meu rastro orgulhoso para ser seguido por aqueles que tivessem interesse e coragem de me encontrar. Tive toda a pele restante do meu corpo recoberta por tatuagens místicas, escalavradas por meio de uma haste de ferro em brasa, assumindo as formas simbólicas mais sinistras e inconcebíveis, cujos significados estavam vinculados directamente ao momento exacto de executá-las e cujo objectivo óbvio é o de resguardarem a totalidade da minha pessoa das investidas inimigas. Eu mesma, com estes dedos que não mais posso ver, arranquei os meus olhos das suas órbitas, para que os meus demais sentidos pudessem então fazer sentido e para que as feras furiosas com as suas faces feias não me pudessem aterrorizar nunca mais, tornando-me desta maneira em uma cega plenamente capaz de enxergar muito além da simples visão da luz reflectida. Transformei-me então na primeira dentre o meu povo completamente preparada para percorrer aquela que chamam de Estrada para Tir, buscando tudo aquilo que há tanto tempo nos faz falta e que tanta falta nos faz, e neste estado sagrado de corpo e alma, depois das muitas horas de torturas honrosas e horrorosas, ainda sobrevivi durante muitas horas, nas quais fui adorada como a uma deusa para somente depois, misericordiosamente, partir na companhia da Morte.”

E no final do parágrafo, consegue escapar.

Faz tanto tempo... Já leu isso.

Sem fechar o volume, uma rápida olhada na frente.

Não há capa, mas o frontispício informa:

“Tir.”

Batidas leves, quase inaudíveis, o encontram absorto.

Convidam-no a sair, voltar para o...

Alguém bate à porta.

É isso!

- Já vou... Diz, mais para si mesmo do que para o suposto visitante.

- Já estou indo... Desta vez com maior volume na voz.

Do quarto ao corredor, às escadas, outro corredor, cozinha e, finalmente, a sala de jantar. Cadê Manuela? Atende a porta.

- Sim?

- Chegou mais tarde hoje, Cris.

- Ah! É você, Lídia(puto e entediado)...

- Claro! Quem mais? Posso entrar?

Ela vai empurrando a porta.

- Não!

Controla-se.

- Hoje não. Estou de saída.

Enquanto isso, ele fica segurando a porta.

- Ora, ora(cínica e intrometida)...Temos compromisso então?

Lídia é apenas uma menina de treze anos, ruiva, magra, ágil e sobretudo insuportável, que foi incumbida pela mãe de Cristiano da deliciosa tarefa de espioná-lo. Com o rigor e a impiedade de um sádico despertador, cumpre sua missão sem a mínima preocupação em disfarçar o prazer que esta lhe proporciona. O pobre rapaz, que já tem mais que o dobro da sua idade, tentou de tudo, do suborno às ameaças de agressão física, mas não teve efeito.

Lídia é um ser implacável e um horror real, com o qual ele acabou se acostumando.

- O que vai ser? Um cineminha solitário ou aquele seu amigo idiota?

Quando foi que lhe deu tamanha intimidade? Por que, afinal, permitiu que fosse tão longe? Está desconsolado... Não devia contar-lhe nada, mas a solidão frequentemente o incomoda e a adolescente é tudo que tem ao alcance. Equilibra o aborrecimento com sua boa educação e fala francamente:

- Não devia falar assim, guria. Sabe que me chateia. Na verdade, vou...

Ele tenciona mencionar Manuela, mas... Não. Sai e fecha a porta atrás de si.

- Vai?

Misteriosamente, Lídia ainda não sabe de Manuela. (Ainda não sabe.) Faz vários dias que se têm encontrado e ainda não falou nada para a garota. Isso lhe ocorre como um aviso, um inesperado alerta que ele não consegue interpretar, mas... (Manuela é sempre "mas...")

Resolve deixar as coisas como estão.

"Manuela é só minha!"

Sussurra em seu próprio ouvido.

Em muito tempo, uma de suas poucas decisões verdadeiras.

Decide não falar de Manuela.

"Manuela é só minha!"

Repete para si mesmo.

Em muito tempo, uma de suas únicas decisões verdadeiras.

Resolve não falar de Manuela.

“Manuela é só minha!”

Ecoa para si mesmo.

- Vou ficar em casa e dormir cedo. E pensa adiante, pensa no trabalho que faltará amanhã.

- Tenho dor de cabeça. Acho que estou gripado, é perfeito!

- Quero tomar um comprimido, um chá e descansar.

Pensa bem e conclui:

- Tudo bem pra você?

De algum modo ela se compadece:

- Ora, é claro, Cris(visivelmente preocupada)!. Quer ajuda?

- Não precisa. Obrigado.

“Funcionou!!”

- Então, já vou indo.

- Certo.

- Tchau.

- Tchau.

Enquanto a vizinha se vai pelo meio das folhagens, ele, satisfeito, considera o seu desempenho. Conseguiu pensar em tudo, e agir na hora exactas. Conseguiu aquele pouquinho de privacidade que tanto almeja, mas nunca tem. Funcionou porque pensou rápido e não vacilou.

Funcionou.

Então entra e chaveia a porta.

Mas não pensa que mentiu.

Isso nem lhe ocorre.

Mentiu por Manuela.

Cadê Manuela?

Procura.

Acha.

- Mas o que você está fazendo aí embaixo?

Manuela debaixo da mesa, de costas para ele, sussurrando baixinho:

- Por... Favor... Me... Ajude... E soluça.

O que há com ela?

Está tremendo toda!

Ele se ajoelha, pretendendo abraçá-la para tirá-la dali, mas antes, ela se volta. Os olhos revirados, mostrando somente o opaco globo ocular arranhado de pequenos vasos sanguíneos. Chorando. O queixo bate ruidosamente, dolorosamente. Ela segue sussurrando pedidos de ajuda, mas sua voz, em um fenómeno irreal, absurdo, não parece partir da boca, mas sim de algum lugar mais profundo dentro de seu peito manchado de pontas negras, de piche, culpa e desgraça.

- Por... Favor... Me... Ajude...

De quatro, engatinhando em sua direcção, urinando seu desespero.
Nem parece ela!

Nem parece ela! Mas é ela!

- Ajude... O som como um vapor sulfuroso.

O jovem cai sentado e, de costas, sentado, arrasta-se para trás.

Lustrando o chão.

- Faça... Alguma... Coisa...

- S-se é uma brincadeira, não tem a menor graça!

- Ajude... O som como um sibilo reptílico.

Ela segue vindo para ele, obrigando-o a fugir.

Ele recua até dar com as costas na parede.

Encolhe-se todo. O que há com ela?

- Faça... Alguma...

De trás da mulher, alguma coisa rola para fora da sala de jantar.
Rola por uma das portas que vem do interior da casa e segue rolando pelo corredor. Tão rápido e repentino que o rapaz não vê o que foi.

Alguma coisa arredondada, do tamanho de uma bola de merda, escura e... Peluda...?

Manuela está voltando a si. Sentada, a um metro do outro, enxuga as lágrimas do rosto.

Respira fundo e olha para ele.

- Perdão!

Sua voz voltou ao normal.

- Não quis assustá-lo.

Envergonhada, leva as mãos no rosto.

- Perdão!

Chora.

Ele está sem palavras. Observa-a apreensivo.

É mesmo ela?

Uma muda interrogação no olhar. O que aconteceu?

Manuela?

- Está tudo bem agora... Perdoe-me, sim?

- Claro! Mas... Começa a recompor-se.

- O que foi isso, Manuela?

- É melhor eu não ficar sozinha.

O tom das palavras é o mesmo das súplicas.

- Por favor, não me deixe só!

Levantam-se, os dois, mas cada um por si.

- Tudo bem, eu estou aqui, mas não faça mais isso.

- Então não me deixe.

Ele faz que sim, transtornado. Foi uma brincadeira? O que foi isso?
E aquilo?

Passa por ela olhando pelo chão, procurando.

Procurando pelo chão, vai até a porta por onde aquilo saiu.

- Venha comigo, então!

Convidativamente diz:

- Preciso tomar banho.

“O que foi aquilo?” Pensa.

Durante os breves minutos nos quais Cristiano toma seu merecido banho, Manuela fica sentada no chão, escorada à porta do banheiro, pelo lado de fora, cantarolando uma melodia cíclica. O som da água os impede de conversar, mas de certo modo, até um pouco doentio, mantém um vínculo através da canção dela à porta e dos ruídos dele ao banho. Ela está com medo, então ele se apressa.

Depois, trocam de lugar.

O rapaz consegue-lhe emprestadas umas roupas de sua mãe, mais confortáveis. Servem bem, deixando-a inquietantemente “sexy”. Uma atraente mulher, nas roupas de sua velha mãe. Inquietantemente “sexy”.

E tudo parece mais tranquilo agora.

Na cozinha, juntos, preparam uma refeição.

Então, após um longo período de silêncio...

- O que lhe aconteceu exactamente?

- Querido, vou lhe ensinar uma coisa.

- Sou todo ouvidos, pode falar.

- Quando passamos por qualquer tipo de experiência fora do comum, seja lá o que for, imediatamente depois de resolvida a situação, não convêm falar dela.

- Isso é bobagem! Superstição.

- Não. Escute: Isso nada tem a ver com superstição, ou credence popular. Muito pelo contrário, é até certo ponto filosófico e científico.

- Sei... Como assim?

Ele reconhece o assunto; o misterioso assunto.

- Tudo o que nos acontece, tudo pelo qual passamos, só ocorre porque acreditamos.

Depende de nossas crenças, porque somos nós que construímos o mundo no qual vivemos.

Ele só é o que é porque nós o fizemos assim, e contamos pros outros que ele é assim, e acreditamos quando nos contam que ele é assim. Tudo uma questão de crença compartilhada.

- Tudo bem. Já ouvi essa teoria em algum lugar, mas...

- Não seja ingênuo(irritada)! Não é uma teoria. É o mais próximo da realidade que podemos chegar! É o que somos e o que tudo é. O grande problema com as pessoas é justamente essa postura imbecil de procurar verdades complicadas onde elas não existem!

Tomar por teoria, algo imediato e real. O mundo é o que é, nós somos o que somos, por simples crença nisso. Não é uma teoria. É a pura e inaceitável realidade.

- Está bem. Não se irrite. Mas e sobre falar das coisas...?

Ela respira.

- Sim. É que ao tratarmos de algo superado, nesse mundo que nós mesmos construímos, estamos reconstruindo, revivendo. E acontece que o que havia sido superado, pode ganhar forças e ressurgir. Nós o trazemos de volta. Uma situação resolvida, boa ou má, deve descansar no passado, onde é o seu lugar. Devemos dar um tempo para que ela se distancie de nós o suficiente, para que ao tratarmos dela, não consiga obter força para reaparecer. Sei que parece confuso...

- Não, não é confuso. Só não compreendo como você consegue viver com tudo isso sempre em mente. Não percebe que talvez essa seja a raiz dos seus problemas?

- Agora vai me analisar, é?

- Não estou analisando. Fiz uma pergunta, você respondeu. Esta é a minha réplica. Sabe o que penso? De verdade...?

- Diga...

- Que evitar falar sobre nossas dificuldades, isso sim lhes dá força. Porque desse modo damos mais motivos aos nossos medos. Se algo foi superado e resolvido, foi superado e resolvido, e pronto. Não há como voltar. Se voltar, é porque não havia sido realmente superado. Falar ou não, não muda nada.

- É um impasse?

- É um impasse.

- Diga o que aconteceu(sorrindo)...

- Não vou falar disso agora(divertida e brava)!

- Medrosa...

- O Medo é um aliado(num outro tom).

- Está sempre comigo(mastiga uma fruta qualquer, junto com as suas próximas palavras).

- Mas, pra que você não pense que sou uma completa intransigente, digamos que tive um ataque, ou sofri um ataque. A diferença é bastante sutil. Entenda como quiser.

- Na minha casa?

Agora ele até parece ofendido.

- Não é a casa, criança! Sou eu. Não entendeu ainda?

- E acrescenta:

- Não há nada de especial em sua casa, se você está preocupado em saber, além do fato de ela ser bastante antiga. Nada de especial, nem pra bem, nem pra mal.

- Fico feliz(indiferente).

- Aqui, o que me concede segurança é você.

Agora ele se lisonjeou. Sorri sem graça.

- Obrigado(morde um pedaço de pão).

- É por você que vim...

Seu sorriso inclinado é um verdadeiro enigma.

- Estou às ordens, senhora!

Divertido e encabulado, Judas presta continência.

Comem calmamente.

Como é quieto aqui.

Um tranquilo universo particular.

Uma cabana perdida na floresta.

Na rua o Sol nem começou a baixar, e já passam das dezoito horas. Coisas de horário de verão no Rio Grande do Sul. Aqui dentro, no entanto, com a casa completamente fechada, fria, sombria, e as luzes acesas, tem-se uma impressão de deslocamento. Como se estivessem fora do mundo. Como se eles dois e isso que imediatamente os rodeia, as roupas, os móveis, as paredes, fosse tudo o que há.

Uma bolha de alta madrugada fria, em pleno fim de tarde mormacento.

- Não quero atrapalhar, Cristiano. Sua vida, seu trabalho...

- Minha vida está melhor com você nela.

Surpreende-se com a facilidade com que diz isso, embora ele esteja realmente longe da verdade dessa afirmação.

- Quanto ao trabalho, não irei amanhã. Podem ficar sem minha presença. Não se preocupe com isso. Temos todo o fim de semana.

- A sexta-feira treze... O sábado quatorze... O domingo quinze... E já é o meio do mês.

Divaga sozinha... todo o fim de semana...

Por que ela disse isso?

- E o seu trabalho(ele pergunta, casual)?

- Ora! Pensei que soubesse que não trabalho. Ao menos não como você entende. Mas, mantenho-me bem com o que faço.

Realmente, ele recorda que já falaram disso, de forma breve, em algum momento, nas suas conversas passadas. Ao que parece, Manuela é filha única de uma família de muitas posses, contudo, por motivos fáceis de supor, eles não a querem por perto. Assim, pagam-lhe uma generosa mesada para que a sombria ovelhinha armada em pintora com seus quadros de cuadros mal feitas, mantenha-se distante.

Para o rapaz, uma situação quase impossível de acreditar. Em seu mundo não há isso, pelo menos, não havia até agora. Ele que sempre se acreditou isolado e solitário, mas que diante de uma diferente forma de viver, como a desta mulher, é levado a admitir o quão dependente é de sua família, sobretudo de sua mãe.

Mas a coisa não pára por aí. Para não ficar completamente ociosa, uma vez que dispõe, sem esforço, de tudo o que precisa para sobreviver, a mulher resolveu envolver-se com arte.

Uma área que muito lhe agrada. Trabalha como que empresariando artistas plásticos, no estado e fora, no país e fora.

- Sim, mas se quiserem falar com você?

- Tenho secretária electrónica pra isso, ora! Falam com ela, depois ela me conta tudo.

Secretária electrónica. Em seu mundo, também não há isso. Agora há. Ele pensa em quantas são as diferenças entre esses dois mundos, tão distintos, e em como o seu modo de ser e viver, em comparação ao de Manuela, é limitado e sem graça.

Seria possível mudar?

A pergunta fica...

Sem resposta.

Mudar...

É angustiante o modo como variam os ânimos sempre que estão juntos; concomitante.

Primeiro estão satisfeitos sorrindo, tranquilos naquela boa calma, e até certo ponto, flertando. São adultos, afinal. Mas, em seguida, como se quebrasse um copo, a bonança tem outra face, ainda é boa, mas não é tudo o que há. Torna-se o prelúdio dos maus tempos.

Fecham-se os cenhos, baixam-se as vozes.

Um olhar sobre o ombro, depois olhos nos olhos.

Brevemente, olhos nos olhos. Impossível retê-los assim.

Cristiano desvia o olhar, devagar, devagar.

A madrugada é profunda, não importa o Sol lá fora.

Parte de Manuela, mas em pouco tempo também o envolve.

Uma espécie de mancha negra, uma sombra.

Vem com Manuela, agora se espalha pela cozinha.

Como uma névoa densa que se acumula junto ao chão.

A despeito do estranhamento, ele volta a olhar para ela.

Isolada e linda em meio ao piche pegajoso.

E ela fixa seus olhos, prende-o, é uma estátua de sal, fala:

- Está sentindo...? Estão aqui com a gente.

Ele se arrepia todo. Tem medo dela. Medo.

-“Pare, Manuela! Por favor, não faça isso comigo. Pare, por favor!”

- Foram se aproximando enquanto estávamos distraídos. Agora não tem mais jeito.

Estão todos aqui....

- Me querem e sempre sabem onde estou. Podem me ver a quilómetros, a anos de distância - tempo...

- Estão todos aqui. E duvidam que você possa me ajudar de qualquer forma. Estão irritados comigo por tentar fugir e com você, pela audácia de tentar ajudar-me.

Reúne forças e pergunta:

- Mas o que eles querem, afinal?

- Eu nunca consigo saber. São muitos e diferentes. Nunca consigo ter certeza!

- Ela olha pela cozinha, e diz:

- Logo ali, tem uma menina decapitada. Segura a própria cabeça, pela franja loira, com o braço estendido para frente, como se fosse uma antiga lanterna a óleo. Volta a cabeça para aquilo que quer ver, como a iluminar o local.

Manuela olha para cima e vai narrando o que vê:

- No tecto, junto da lâmpada, tem um bebé, engatinhando em círculos. Está mastigando alguma coisa que se mexe em sua boca. Acho que a mãe dele está atrás de você. Ela tem nas mãos uma lata preta de insecticida.

Cristiano se volta, em um salto! Já está de pé! Mas, não há nada em lugar algum. Só os dois na iluminada cozinha de sua casa. O estranho é que justamente o vazio lhe assusta mais.

Se estão realmente ali, não é capaz de vê-los. Não pode fazer nada. Gostaria de poder, gostaria de ver. Sentir-se-ia melhor.

O que mais lhe assusta é não ver.

Ela continua, como que em transe:

- Sente aí! Você não pode fazer nada ainda. Primeiro tem que acreditar, se envolver, para depois poder agir. Interagir.

O rapaz volta para a cadeira, senta, depois encosta a testa na madeira fria da pequena mesa da cozinha. O toque é algo sólido e real. Ajuda-o a perceber o quanto ele não é.

Ocorre-lhe uma inesperada idéia, totalmente nova e inusitada. Será que só são reais as coisas inanimadas? Será que toda a vida não passa de ilusão? Em seu âmago, sem que se dê conta, inveja profundamente as grandes pedras de granito com as quais sabe que a casa foi construída. Quer ter certeza de que é real. De que existe. Pensa:

“Será que eu existo?”

A pergunta é tão triste...

“Manuela diz que sim. Existo. Sou real. Mas...”

Mas ela segue descrevendo sombras:

- Quer realmente se envolver?

Cristiano meneia a cabeça em um sim incerto, duvida de tudo, não sabe o que quer; até aqui foi gradual, mas agora é definitivo, isso sabe. No ar é capaz de perceber um tipo de pó brilhante. Ou está imaginando isso?

- Quer se envolver?

- Quero.

A luz da lâmpada dá uma piscada, depois fica muito intensa antes de voltar ao normal.

- Feche os olhos, sussurra, Manuela. Não vai precisar deles.

O rapaz obedece. Põe as mãos sobre a mesa. Ajeita-se na cadeira.

- Mantenha-os fechados e esqueça que eles existem. Seus olhos são seus inimigos. São os principais responsáveis pelo seu mundo ser tão limitado. Ele não nota, mas a mulher levanta e anda ao seu redor, lenta e suavemente.

- Agora relaxe e preste atenção a sua pele.

-Toda a sua pele. Veja como é recoberta de minúsculos pêlos e eles tocam em tudo. No ar, nas roupas, nos móveis. Tempo... Sua pele é o que o contém aí dentro, é o que encerra você, e é a sua primeira defesa contra todo o resto. Concentre-se em sua pele. Toda a sua pele, principalmente as solas dos pés.

A voz de Manuela vem de todos os lados e de nenhum.

- É inestimável que se sinta, da melhor forma possível, o chão por onde se pisa. Conhecer a estrada que se está trilhando. Saber de onde vem, para aonde vai, quais os vales que cruza, quais os picos que sobe, quem por ela costuma passar. É nas solas dos seus pés que se concentra o mais importante de seus conhecimentos. Quem você realmente é.

Quem você realmente é?

O que você realmente faz?

O que gostaria de ser e fazer?

Antes de morrer, o que gostaria?

Qual seu desejo, antes de vir a Morte?

Sem abrir os olhos, ele começa a ver a cozinha. Bem devagar, como se suas pálpebras fossem ficando transparentes, ele observa a mesa com suas mãos sobre ela. Suas mãos estão diferentes, mas não compreende exactamente em quê. Vê toda a mobília, também mudada (É a luz...), junto das paredes ao redor. As portas, as janelas, o piso, o tecto. Espere! No tecto, a lâmpada! (Isso!) Está pulsando como se estivesse viva. É isso que altera as sombras de todas as coisas, lhes dando um renovado e sombrio aspecto. Mas seus olhos ainda estão fechados.

A lâmpada pulsa como o coração de um monstro...

Então ele começa a ver, através da luz latejante...

Primeiro como vultos vagos e translúcidos, depois vão adensando e colorindo pouco a pouco, para enfim ser algo que se possa de fato ver.

Uma massa humana.

Um imenso número de pessoas de todas as idades, de todas as raças, de todas as mortes, de todos os lugares, amontoam-se pela cozinha, em cada espaço vazio. Preenchem tudo com seus corpos mutilados. Uns sobre os outros, sobre a pia e o fogão, sobre e debaixo da mesa, e de alguma forma absurda, também agarrados ao tecto. Todo o ambiente está lotado, abarrotado, sobrecarregado, com pessoas mortas, lado a lado e para todos os lados. São os amigos e todas as coisas que perturbam a Manuela Cláudia Cuadra Carbajal.

O ambiente todo preenchido de gente. Pessoas mortas. Umas em cima das outras. Inclusive aquelas que Manuela havia descrito. A menina, o bebé.

Cristiano pode vê-las perfeitamente.

E seu desespero tem nome:

Claustrofobia.

Pois...

Cada uma delas o olha directamente.

Mesmo as que estão atrás das outras.

Olham-no directamente e furiosas.

“Devo ter enlouquecido.” Pensa.

E imediatamente recorda Manuela.

A mulher não está ali, junto deles.

- Manuela, onde está você?

Sua voz é pastosa, propagando-se pelos corpos.

Todos se movem ao escutar o nome dela.

E, em um eco horroroso, todos repetem:

- Mmmmmaaaaaannnnnnuuuuueeeeeelllllaaaaa...

Cristiano arrepia e treme até os ossos.

- Oooooonnnndddddeeeee eeeeeessssttttááááá...

É sua própria voz que eles estão usando.

- Vvvvvooooooccccccêêêêê...?

Está sufocando... Precisa sair! Levanta com dificuldade... Sobre seus ombros também tem gente! Também tem gente sobre seus ombros! E todos, por todos os lados, se movimentam uns contra os outros, reclamando e gemendo, em consequência de ele ter se movido...

Observam-no fixamente, pastosamente, enquanto ele caminha para a porta. Mãos, braços, rostos, costas, pernas, por todos os lados, se movem, apertam... Ele não consegue respirar!

Precisa sair! Está sufocando...

- Manuela, me ajude!

- Mmmmmaaaaaannnnnnuuuuueeeeeelllllaaaaa...

Não! De novo, não!

Estende os braços, desesperado, tocando toda aquela carne que se amontoa! De novo, não! Cobre os ouvidos, mas não muda nada!

Mmmmmeeeeeee aaaaajjjjuuuuuddddddeeeee...!

Apoia-se neles a cada passo, espremido até o caralho, agarrado, manipulado, quase pode nadar nesse terrível mar. Estranho como ainda vê os móveis, o chão, o forro, as janelas, e a porta para aonde vai.

Sólidos e transparentes. Quando isso vai acabar? Precisa de ar!

Em um último esforço desesperado, um sublime momento de força total, atira-se contra a porta, a mão estendida para a maçaneta, sua salvação. Sente o metal gelado, real, sólido e frio, tal como um cadáver.

Redondo como o pequeno punho de uma estátua de bronze. Gira e abre a porta, para se libertar. A massa humana reage para todos os lados, como se fosse o próprio ar. Olha então para o corredor, sua final redenção, liberdade!

Mas a massa humana também está lá.

O que é demais para ele.

Desiste.

Cai.

- Cristiano...?

A voz feminina como um sino distante.

- Cristiano, acorde!

O vento que sopra no campanário, levando e trazendo o som.

- Cristiano. Está tudo bem agora. Acorde!

Como um cego perdido na névoa escura, o jovem guia-se pela voz da outra.

- Cristiano. Você consegue. Acorde. Volte para ficar comigo.

Retornando aos poucos, solidificando sua consciência, reencontrando a si próprio no nome que a mãe lhe deu.

“Cristiano.” Pensa. “Cristiano sou eu.” Pensamentos como pedregulhos. “Minha mãe me deu este nome por causa de uma novela.”

Pedregulhos que caem no rio da realidade.

Dolorido, estendido no chão aos pés da porta, metade do corpo na cozinha, metade no corredor, retorna hesitante ao mundo dos vivos. Ao mundo sólido dos objectos inanimados e sem consciência. (Será?) Mais seguro de si, ao menos um pouco mais, consegue abrir os olhos, com muita dificuldade. Estão colados por uma secreção ressecada, que vai retirando com esfregadas leves das mãos. Depois de abertos, focalizam.

Esgotados de uma noite de sono mal dormida, não dormida. Nem é noite ainda.

Manuela no fundo do corredor.

A primeira coisa que vê.

Sentimentos tumultuados.

Deseja a mulher ali, mas tem medo.

Antes não era assim.

- Vejo que já melhorou.

Ela caminha em sua direcção.

- Já (ergue-se com dificuldade). Acho que já... Era você me chamando?

- Sim. Percebi que era melhor trazê-lo de volta.

- Obrigado. Ajudou-me bastante. Não estava conseguindo acordar.

- Você não estava dormindo.

Ele está esgotado. Mal consegue parar de pé. Tem a impressão de que passaram horas enquanto ele lutava contra aquelas pessoas, embora saiba que foram apenas poucos minutos. Há uma dor em seu peito. Um sentimento de perda. De perda da inocência, como o brinquedo novo que foi quebrado no mesmo dia em que foi comprado. A escolha foi sua.

Somente sua. Sabe.

Nunca mais será o mesmo.

Sente como se devesse odiar Manuela por isso.

Mas não pode.

Ama-a.

Mas não pode.

Sabe.

- O que foi que aconteceu comigo? Sinto-me perturbado... Transtornado. Quanto tempo se passou?

Difícil precisar as reais dimensões assumidas pela experiência no contexto da vida monótona que o jovem tem levado. Que está confuso é certo, mas talvez essa confusão seja apenas superficial, pois parece que algo bem profundo não está tão chocado assim. De algum modo enigmático, existe um reconhecimento do que se passou, como a vaga memória de eventos jamais vividos, recordado, marcado além das palavras de um mero livro vagabundo, além dos insectos. Ele repete para si mesmo que jamais passou por isso, que não sabe do que se trata, que precisa de uma explicação, mas... Não precisa. Por dentro sente-se à vontade.

- Passaram-se só alguns minutos, não se preocupe. Agora, quanto ao que aconteceu... Bem... Pensa... Pelo que pude observar das suas reacções, você esteve em contacto com os mortos. Mas quero que me conte tudo, só assim poderei ter certeza. Você consegue falar...?

Com essa pergunta, ele não nota, mas a mulher está trazendo de volta aquele dilema do qual antes trataram. Ele consegue falar sobre o que acaba de viver?

- Sim... Acho que sim...

- Então diga.

- Bem, acho que eram fantasmas...

Ela interrompe:

- Fantasmas não, querido. Mortos. Didáctica... Há uma boa e fundamental diferença que depois lhe explico.

- Certo. Havia mortos por toda a parte.

Ele verifica o que pretende dizer até ficar satisfeito.

- Suponho que eram mortos, porque estavam mortalmente feridos, em sua maior parte.

- "Mortos na hora da morte." É um dos modos mais corriqueiros com que costumam aparecer.

- Estavam em toda a parte(enfatiza)! Em toda a parte, mesmo!

- Eu sei o que quer dizer. Como uma massa compacta de gente.

Em um monstruoso lapso, estão novamente ali.

Todos os mortos sobrepostos e amontoados.

Olham fixamente para o rapaz...

Que sofre um espasmo involuntário!

- Meu Deus, tire-os daqui!

Ele grita e levanta, mas já se foram.

Não estão mais.

Cristiano caminha de um lado para o outro, como um animal acuado.

Não. Ele não conseguirá falar. De modo algum ele conseguirá falar.

- Lembra daquilo que eu lhe disse a pouco, sobre não falar nas coisas imediatamente...?

Ela não tripudia, de modo algum, só comenta.

Cristiano incandesce, nervoso:

- Então cale a boca!

Cristiano Judas berra indignado, amedrontado, depois se arrepende.

-Perdão...

Vai como que para pegar-lhe as mãos.

- Por favor, me perdoe... Não quis...

Ela levanta. Ruma para o outro lado da mesa, como que com medo ou com raiva, impossível saber. Muito observadora. Quieta.

- Tudo bem. Não falei para brincar, mas para que aprenda.

Ele está em silêncio, de cabeça baixa.

E um instante depois, repentino, volta-se para o passado.

Para sua infância. Aqui mesmo, nesta casa.

Costumava brincar de “Houdini, o Mestre dos Mágicos”. Vira um filme sobre o famoso escapista e ficara realmente impressionado. Como sempre, brincava sozinho, imaginando a platéia eufórica, os assistentes de palco. Fazia todo o tipo de mágicas e era feliz. Os pombos imaginários voavam de sua cartola também imaginária e saiam livremente pela janela de seu quarto. Era feliz.

Um dia, já na adolescência, reviu aquele mesmo filme de anos atrás, e teve uma confusa decepção. Descobriu que Harry Houdini, na verdade, não só não tinha poderes especiais como não acreditava que eles existissem(há-há-há, otário)!

E que o conceituado norte-americano havia dedicado a sua vida à tarefa de desmascarar charlatões que diziam fazer contacto com espíritos.

Ocorreu-lhe descobrir a diferença semântica entre Mágica (Simples truques de ilusionismo.) e Magia (Conhecimentos, digamos... Menos simples.), e que seu herói era, de fato, o “Mestre dos Mágicos”, mais especialmente o “Mestre do Escapismo”, e não o “Mestre dos Magos”, como ele imaginava.(O “Mestre dos Magos” era personagem do desenho “A Caverna do Dragão”, que ele, a propósito, não assistia).

Mas por que isso tudo agora?

Ora, uma simples fuga.

Um truque para escapar a cruel realidade.

Do mesmo modo que seu herói fazia.

Truque de Escapismo(mas tal como seu mestre, levas um soco no estômago em forma de literatura, e morre acreditando estar vivo), pensa Cristiano em delírios, sem saber que nunca achará a saída para seus medos mais profundos.

- Você sabia que Harry Houdini não acreditava em fantasmas(pergunta com um descaso que chega a ser cómico)?

- Sim. Sabia (responde a outra, captando o estratagema).

- E você sabia que meu avô paterno conheceu Houdini pessoalmente, em sua infância?

- Verdade?

Mais surpreso impossível.

Uma criança.

- Sim. Na primeira década do século passado, a já proeminente Família Maia passou férias conhecendo os Estados Unidos e o seu

caçula, o incansável Maurício Maia, falou, em inglês, com o próprio Harry.

Cristiano está maravilhado.

Um sorriso infantil nos olhos.

- Ele lhe presenteou com uma minúscula chave, que meu avô guardou por toda a vida e depois me deu(nostálgica).Tenho-a até hoje.

- Ah! Você terá que me mostrar, um dia!

- Claro que sim! Está no meu apartamento. Quando formos lá, lhe mostro.

(Ora, ora...)

- É uma promessa? Olhe lá...

- Fique tranquilo(aquele enigmático sorriso torcido de quem lhe mentiu e omitiu parte da história). Nós vamos.

Banhados, alimentados e assustados...

O que mais poderiam querer?

Manuela boceja, como uma leoa.

- Nossa! Ainda é cedo, mas já estou cansada.

- Não é tão cedo assim. É o horário de verão que nos confunde. E se você estiver cansada, quiser ir dormir...

- Não. Dormir, não. Não tenho sono. Mas, talvez deitar um pouco.

- Vamos ao quarto de hóspedes, então.

Judas convida-a animado, ainda lutando para superar os exageros dessa tumultuada tarde.

- Vamos ver como estão as coisas por lá.

Seguindo para os fundos da casa, no fim do corredor há um aconchegante saguão de onde sobe uma escada para o segundo pavimento. Cristiano Judas vai rapidamente apresentando os diversos cômodos, ao que passam diante das portas fechadas. Vários quartos, nada mais.

Um deles é o quarto de hóspedes, que espera por Manuela. Mais um ambiente levemente rústico, com móveis em madeira escura, em estilo alemão. Toda essa casa é assim. Austera, mas aconchegante, sempre semi-iluminada e preenchida por uma umidade perene. Uma maravilha no Verão de quarenta graus que faz além das paredes de granito. Mas como será no Inverno?

Os dois reviram os armários para encontrar as roupas de cama, depois arrumam tudo como duas crianças incestuosas que os pais mandaram dormir. Terminadas as tarefas, sentam-se aos pés da antiquada cama de meio-casal. Coincidentemente adequada para eles.

Lado a lado, Manuela à esquerda, fitam-se longamente. Eles não sabem, mas ambos estão pensando a mesma coisa, exacta e precisamente a mesma coisa:

“Como é bom encontrar alguém com quem se pode ficar em silêncio.”

Sim.

É muito bom.

Mas...

As coisas mudam.

Se eles fossem algum tipo de casal, seria o momento ideal para...

Contudo, não são um casal. Mal são uma dupla.

Comportados, mas com pensamentos depravados, sem dizer um ao outro.

- Há diferença entre mortos e fantasmas?

- Você já está melhor?

Ela quer saber, antes de recomeçar os tormentos.

- Estou bem. E garante ele:

- Vamos em frente...

- És teimoso também; isso é bom...

- Todos aqueles que morrem são mortos.

Deitam-se na cama, deixando cair os calçados.

- Fantasmas são mortos que não estão contentes em ter morrido, ou que não sabem que morreram. Basicamente é essa a diferença. Em outras palavras, os fantasmas têm algum problema com a Morte, os mortos não.

- Eu imaginava que só era possível contactar fantasmas...

- Por quê?

- Sei lá!

Deita-se também, ao lado direito de Manuela, enquanto desliza, sem querer e sem pedir desculpas, por sua parte mais íntima, enquanto continuam o diálogo:

- Se não têm problemas, por que os mortos também nos procuram?

- Não nos procuram, propriamente(olhando para o tecto), há uma pequena aranha lá(geme de prazer)...Esbarramos com eles devido a nossa sensibilidade. E você, Cristiano(fixa em seus olhos que fogem com o prazer de sentir intimamente Manuela) tem muita sensibilidade.

- Jamais imaginei uma coisa dessas para a minha vida...

É estranho como sempre tem dificuldade em olhá-la nos olhos enquanto acariciam-se mutuamente.

- Sempre fui tão comum. E minha vida tão normal.

Ele não percebe, mas aquela pequena aranha começa a descer para eles, suspensa por uma finíssima teia. Descendo, descendo...

- A vida é tão superficialmente normal, quanto profundamente misteriosa. O que muda é o foco e a sensibilidade(ela suspira profundamente de prazer). Essa, querido, você tem bem mais do que imagina ou que gostaria de ter.

- Bem... Espero conseguir lidar com ela, agora que a descobri...

- E quanto a esses objectos malucos que se usa para entrar em contacto com o além?

- Divertido. Cartas, copos, garrafas, rádios velhos... Sei lá! Funcionam?

- Geralmente só funcionam nas mãos de pessoas sensíveis ou de grande conhecimento e dedicação. O certo é que não podem fazer nada sozinhos, são ferramentas a nosso dispor...

Ela pensa um pouco enquanto sente o orgasmo quente de Judas pelas suas coxas fantasmagóricas, procurando antigas informações, pois já tinha tido muitos homens e apenas conseguia ter um orgasmo forte se conseguisse lembrar dos antigos namorados no ato sexual, ou de algo horrórico, então lembra-se:

- Dentre tais ferramentas, uma das mais eficientes que conheci, trata-se do Dado Yessim. Já ouviu falar?

- Não...

Suavemente, sobre o lençol, ela aperta-se contra ele em forte orgasmo.

Chega a pequena aranha.

E é novamente vista pela mulher.

- Ora, veja quem veio participar da conversa?

Graceja Manuela, com um sorriso nos lábios.

Ainda machucado, convalescendo da grande foda após um super minete bem sucedido, Cristiano sofre um injustificado sobressalto antes de compreender do que a outra está falando. De quem a outra está falando. Avista a criaturinha e põe-se a rir de si mesma. Em que afinal se está transformando?

- Uma aranha?

- Sim.

Das vermelhas... Com cuidado, estende a mão para que o animal se agarre, mas este foge rapidamente, sumindo para baixo da cama. Acho que não lhe agradei.

- Impossível(fazendo-se de sério)!

- Mas aceitável.

- Que posso dizer...?

- Ela, divertida, interpreta uma terrível dúvida, mas por fim diz:

- Obrigada!

- Mas e o Dado? Como é?

Interessou-se ele pelo objecto objecto.

- Ah, sim! Bem... É como um dado de casino, só que um pouco maior, geralmente feito de madeira. Usa-se para fazer perguntas simples e directas para todo o tipo de criaturas, mas, sobretudo para os espíritos dos mortos.

- Mas é um dado com pontinhos, como os outros?

- Não. Não é. Possui seis diferentes símbolos, com seus respectivos significados e interpretações, mas sem números ou pontos.

- Basta ter o Dado e começar a fazer perguntas?

O interesse é legítimo, mas desta vez o alvo de sua curiosidade não lhe parece assustar.

- Claro que não! Existem métodos, dos mais simples até os mais elaborados. Mas, sinceramente, não conheço nada mais profundo a respeito e muito menos tenho um Dado Yessim comigo.

Ela pára um pouco, para procurar pela aranha, mas nada encontra.

- Lembro-me apenas de uma regra básica:

- Qual(com indizível e visível curiosidade)?

- Para que funcione correctamente, deve-se jogá-lo sempre um número par de vezes. Duas, quatro, seis... Compreende?

- Sim. espera... Só isso?

- É isso!

E conclui:

- Como disse, não sou especialista, mas o vi sendo usado em algumas ocasiões, que me foram bastante impressionantes e assustadoras...

Ela divaga, como se fosse partir, mas não.

- Você lembra de quais são os símbolos?

- Não todos (gesticula como a desculpar-se). Mas sei que há um para "Sim" e um para "Não", mas é só o que me lembro. Como disse, não sou especialista.

- Pena não saber mais. Fiquei curioso.

- É... Mas, pelo que me parece, não precisamos de um desses.

Ele ri nervoso, concorda:

- Realmente...

O rapaz ergue considerações sobre sua recém descoberta sensibilidade. Maquinações automáticas que é incapaz de evitar. De que serve ser assim tão perceptivo? Quem, em seu perfeito juízo, iria querer uma responsabilidade dessas? Ele quer...? Talvez fosse melhor esquecer tudo isso. Expulsar Manuela e retornar para o seu cotidiano controlado de alguns dias atrás. Expulsar Manuela...? Ridículo!

- Espere aí. Sei com quem você pode conseguir um Dado Yessim, caso realmente queiras.

- Quem?

- Fratelli Grigio!

- Como disse?

- É italiano. Quer dizer irmãos Grigio.

Cristiano só escuta.

- São dois gêmeos antiquários que conheci em Caxias do Sul, especializados em antiguidades de valor místico. Se eles não tem um Dado Yessim, sabem como conseguir. E o que é mais importante: Sabem tudo a respeito do objecto. Você precisa conhecê-los!

- Bom saber, mas(desanimado)... Eles moram na serra, que é bem longe daqui.

- Não, não. Não desanime. Eles mudaram pra cá, no começo do ano. Se não me engano, estão com a loja nova ali no centro, próximo da catedral gótica.

- Mas que conveniente!

(Realmente.)

- Podemos fazer uma visita. São super queridos. E extremamente profissionais.

Pensa bem...

- E pensando bem, já se passaram meses desde o meu último contacto com eles. Tenho saudades e manter contacto é bom para os negócios.

Há um breve momento de hesitação, em que se olham, procuram pela aranha vermelha, suspiram profundamente...

- Por que não vamos até lá esta noite(pergunta Manuela)?

- Quê?

Surpreso.

- Aonde?

Essa é Manuela...

- Vamos até o antiquário dos Fratelli Grigio, ora!

E segue fazendo planos:

- Eu lhe apresento a eles e nos divertimos muito com o sotaque carregado dos dois, enquanto reviramos todas aquelas bugigangas em busca de um Dado Yessim, e para o toque final, poderá perguntar tudo o que quiser. Será uma festa!

- Mas, agora, Manuela?

E esse é Cristiano...sempre a reclamar de novidades.

Dessa pergunta feita, bem como do tom no qual foi feita, abre-se o abismo absurdo que existe entre o inexperiente Cristiano e a misteriosa Manuela. Quem é jovem e quem é velho aqui? Manuela, aparentando quarenta ou mais, inflada com o entusiasmo de uma adolescente por um simples passeio ao centro (Outro passeio ao centro.), ou Cristiano, com pouco mais de vinte, ranzinza e irritado consigo mesmo, por não conseguir dizer não para a proposta feita? Quem é jovem e quem é velho aqui?

Ele, frustrado por não ter amigos, havia conquistado uma boa posição no emprego, mas à custa de traições. Na verdade ele não tinha muito contacto com as relações sociais, por isso era tímido e com ar ingénuo, mas Manuela não o escolheu por acaso, ela, a predadora-mor da desgraça em forma de beleza feminina anunciada.

- Qual o problema com agora(mais espantada do que ele)?

- Não estamos fazendo nada que não possamos continuar fazendo a caminho.

(Pois é, não estão.)

- Sim, mas...

- Você não irá trabalhar amanhã, não é?

- Sim, mas...

- Então chega de "mas"! Deixe o "mas" comigo, que é uma de minhas especialidades. Pegue o que achar necessário e vamos lá! O que está esperando?

Ele desiste.

Mas está contente com isso.

A cada nova descoberta ao lado dela, mais se deslumbra.

E se assusta, ao se descobrir ainda mais ao lado dela.

Não leva muito, já estão prontos para sair. Cristiano, muito responsável, verifica se tudo está em ordem na casa, enquanto Manuela troca de roupa. Depois, pelo pequeno saguão da escadaria, nos fundos, descem por uma outra escadaria e chegam a uma garagem que antes nem parecia estar ali. Ele acende as luzes. Agora são realmente necessárias.

- Ah... Aí está o carro...Diz Manuela, ao rever (...?) o pequeno carro popular.

- Sim. É o meu carro. Algum problema?

- Sem problemas...

Com o controle remoto, abre a garagem. Diante da porta, uma estradinha estreita insinua-se para a rua em frente da casa. Ele abre a porta do carona para ela, espera que se acomode, fecha a porta. Cruza pela frente do carro, entra e senta-se ao volante. Libera o freio de mão, liga o motor, os faróis, rola suavemente para fora da casa. Pára. Enquanto põe o cinto, espera fechar a porta da garagem. Então, arrancam e saem, com a trilha sonora do rolar dos cascalhos e do farfalhar das folhas.

- Ponha o cinto, Manuela.

Olham-se.

- Por favor...

- Sim papai.

Debochada, põe o cinto.

- Melhor agora?

- Bem melhor.

Satisfeito.

(Mas ninguém viu que eu estou no banco de trás , de boleia).

Manuela, também satisfeita, revira o porta-luvas, buscando coisas comprometedoras.

(Não pára nunca!)

O rapaz, transferindo sua atenção, não avista ninguém na casa da sua vigilante vizinha, mas sabe que Lídia o observa como uma ninfeta maldita.

Disse-lhe que ficaria em casa, descansando.

Responderá inquérito por isso.

“Que vida...!” Pensa...

O dia quente de Janeiro deu lugar a uma abafada noite de Janeiro, à medida que a escuridão veio acompanhada de plúmbeas nuvens de chuva. Um temporal daqueles se está preparando.

“Que tempo...!” Acrescenta.

Enquanto o carro se vai, descendo a ladeira, de uma das casas em frente, pelas frestas de uma janela lateral, Lídia observa e marca a hora: Vinte e uma e quinze!

“Cris, seu malandro, acha que me escapa?”

Pensa ela, satisfeita consigo mesma, ao que lhe ocorre uma breve memória:

- Quando é que vai deixar de ser idiota e me convidar pra sair com você, hein Cris?

- Ela pergunta, gracejando, mas com óbvias segundas intenções.

Cristiano, incomodado, responde bruscamente:

- Talvez quando você parar de se convidar, Lídia!

Arrepende-se de imediato, porque no fundo ele também queria comê-la, tal qual o fruto proibido, mas já é tarde.

- Digo...

Já é tarde.

- Tá! Já entendi.

A garota sai, magoada.

Não precisava ser assim.

-“Por que faz isso, Cris?”

Lamenta além daquilo que a Lei permite.

E lá no fim da rua, o carro sinaliza e depois curva para a esquerda, desaparecendo na noite solitária. No interior do veículo, Manuela encontra a mais recente música do “U2”, “How to Dismantle an Atomic Bomb”, e põe pra tocar desde a primeira faixa.(“Vertigo”).

- Gosta deles?

Questiona, começando a dançar no assento.

- Não. É minha mãe que gosta!

O modo como ele responde permite dúvida.

Ela não deixa passar:

- Você não era assim, rapaz! Ora vejam só!

- O quê?

Ele desvia os olhos da avenida e retruca:

- Como assim?

E finge não compreender.

- Nada(debochada como ela só)...

- Vê se olha pra frente! Você não quer morrer antes de conhecer os Grigio e o seu Dado Maravilhoso, não é mesmo?

- Nem você, antes de revê-los, certo?

Há algo no tom de sua voz, ou no brilho de seu olhar, que antes não estava lá. Algo novo e sujo, que Manuela desconhece. Contudo, supera. Supunha que isso ocorreria, mais cedo ou mais tarde. Continua dançando.

- Não. Não quero morrer.

Ele dirige com atenção e responsabilidade.

E dirige bem. Conhece o carro.

Ela saracoteia o tempo todo a seu lado.

Dotada de infinita energia.

- Agora a pouco você comentou que viu um desses dados sendo usado... Conte como foi.

A mulher pára e se acomoda no assento, olha adiante o vazio.

- Bem...

Primeiro a estrada curva para a direita, depois começa a descer.

Vem dividindo grandes distâncias de descampados solitários.

Outra dessas vias de chão batido, que cruza a zona rural.

Tempo seco, muito pó.

Já com chuva, é lodaçal.

Essas estradas do interior guardam consigo certa energia que jamais veremos nas ruas das grandes cidades. Nasceram de antigos caminhos inevitáveis que levavam as pessoas até suas mais básicas necessidades. Partiam, originalmente, das casas até os poços ou açudes, dos açudes até os pomares ou roças. Não careciam, como as cinzentas ruas ou avenidas metropolitanas, de um objectivo simples e directo. Tinham porquê. Tinham vida.

Nessa nossa específica curva, longe de tudo mas próximo da mítica Taverna de Cronos, as pessoas contam aparecer, entre as memórias da estrada e a fuga para o nada; três homens. Um deles gostava de fazer poesias e de brincar, intitulado-se como um aventureiro, “As Aventuras Maravilhosas de Jacin Totudo Fu Deer” como ele costumava contar, o outro era um estranho, havia feito a caminhada do monge, ou seja, a caminhada por essa estranha estrada, e todos reuniram-se, Resumisticamente, na respectiva taverna que havia citado. Lá, nessa Taverna, encontrava-se um tal de Schopenhauer, filósofo alemão e um estranho professor, mas isso só vem ao caso em visita a Taverna de Cronos, recomento pois já estive lá; mas existem outras versões dessa história original e numa delas, dizem que um deles que citei é um demónio disfarçado de homem, vestindo um corpo de homem. E que fuma cachimbo, pitando fundo e dando risada. Os outros dois, são irmãos, que há muitos anos se mataram, numa luta violenta.

Por causa de uma mulher.

(Por causa de um demónio...)

É o que os colonos falam sobre a Curva da Ladeira.

Ninguém passa por ali sozinho. Nem as putas, tem um prostíbulo inclusive chamado “O Martelo das Putas”, nessas desventuras e travessuras de uma amante atrapalhada, pois elas andam armadas assim, com martelos que os antigos homens esqueciam quando da construção do respectivo bordel, feito em estilo alemão clássico com um toque surrealista inclusive, mas voltando ao assunto principal:

Evitam tais rasgos de coragem.

Ninguém passa aqui à noite.

Também evitam tamanha burrice.

Segundo as mais típicas versões da história, os dois irmãos se mataram numa sangrenta briga de facão. Foram se abrindo talhos e se

arrancando pedaços, foram se desfigurando e se aleijando aos poucos, até sobrarem só os ossos, de duas caveiras dançando a dança macabra da morte.

Caim surpreso, diante de um Abel enfurecido.

E o demónio cachimbando.

Rindo a não mais poder.

Tem gente que diz ver só os dois facões faiscando no ar.

Outros juram que o chão da estrada se respinga de sangue fresco.

Só que ninguém sabe ao certo como foi que aconteceu.

Dizem que foi ciúme.

Dois homens apaixonados pela mesma mulher.

Mas, como foi que aconteceu, exactamente?

Ninguém sabe.

E é pra solucionar esse mistério que a gurizada vem pra cá.

São cinco.

Três guris, duas gurias.

Diego, com sua irmã, Aline, são os dois mais novos; têm quatorze e doze. O Valmor e o Vilmar, também irmãos, com dezessete e dezenove.

E a namorada do Vilmar, com quinze, Manuela.

Exceptuando essa última, que mora no centro e é filha de família rica, os demais são jovens bastante pobres, filhos de colonos. Sem instrução e, de certo modo, sem maiores maldades. Gente boa. Simples.

Todavia foi o Vilmar que, sabe-se lá como, arranjou o tal do Dado Yessim. Diz ele que serve pra falar com os mortos. Propôs que viessem jogá-lo aqui na Curva da Ladeira, pra tentar descobrir o que realmente aconteceu. Perguntar directo pros defuntos por que foi que se mataram.

Enfim...

Na verdade é tudo por farra, por mera diversão.

Pra tomar uns sustos e depois sair correndo e rindo à toa e a valer, uns da cara dos outros. Sair contando vantagens do tipo:

-“Eu, nem me assustei.”

-“Vocês é que são cagões!”

-“Se duvidarem, volto lá sozinho...”

Tudo por farra.

E pra agarrar as gurias, assustadas, as pobrezinhas...

Vilmar quer Manuela, a todo custo. Ou a qualquer (Qualquer?) custo.

Ela até que gosta dele, mas é esperta. Não dá chance. Mas ele quer!

Já pro Valmor tanto faz, basta agarrar alguém.

Por farra.

Mas, não pra Manuela.

Ela já viu.

Sabe...

Sabe que alguma coisa estranha aconteceu nessa região, algo muito ruim, pois já viu essas coisas que o povo conta pra se divertir, sem ter a certeza que ela tem de que foram reais e terríveis. Já viu muito sangue e sentiu o cheiro da fumaça do cachimbo, já escutou os relâmpagos do aço

ao longe e através do uivo do vento Minuano. Aqui está, não pela farra, nem pelo mistério, mas por seu namorado. Teme por ele, por ser muito corajoso e burro.

Gosta dele, e teme. Não quer que se machuque.

Fim de tarde de Outono.

O lusco-fusco que confunde os mundos.

Nuvens baixas de uma aragem cinzenta e ininterrupta.

Estão os cinco sentados na beira da estrada, na parte de fora da curva, olhando para aquela vastidão de campo que perde a cor rapidamente. Faz uns minutos que chegaram e ninguém falou nada ainda, nada. Mas todos sabem pra que vieram.

- Diz Vilmar:

- Tá aqui ele; tirando o Dado do bolso.

- É ou não é como eu falei?

Concordam.

(É.)

- É bem grande, mesmo ; comenta Diego.

Valmor, que já tinha visto o objecto em casa, em posse do irmão, acrescenta:

- É de madeira maciça, gravado a fogo.

Passa de mão em mão.

Só Manuela não quer pegar.

- Que foi?

Vilmar questiona.

- Vejo com os olhos.

- Medrosa!

Todos riem.

E com o riso começa.

Sempre o riso.

(Os medievais advertiam sobre o riso... Mas isso ficou no passado.)

- Pega aí, de uma vez!

Ele joga o Dado pra ela, que se esquiva ao invés de segurá-lo.

- Não deixa cair, sua tonta!

Cai.

Rola pelo pó do chão e pára, com a face preta virada para cima. Às costas de todos, percorre uma sombra. Como se tivesse passado diante do Sol. Mas o Sol já se pôs, e ninguém passou. Nenhum deles se vira. Estão todos vidrados no Dado caído diante dos seus pés. Como se tivessem acabado de quebrar algo muito valioso.

Aquele copo estilhaçado.

A xícara com leite derramado.

O livro queimado, baptizado com o dedo do diabo.

É que são só crianças.

Fazer o quê?

Rir?

- Mas que droga, mesmo!

Ralha Vilmar, com a namorada:

- Não era pra começar ainda... Tínhamos primeiro...

- Grande coisa!

Interrompe Aline, adiantando-se para juntar o Dado.

- Não!!!

Vilmar pega-a firme pelo pulso e diz:

- Deixa ele aí!

Diego irritado:

- Pra que essa bobice?

A segunda sombra.

Aproxima-se.

- Ele só pode ser jogado a sério...

Intui Manuela e diz, enquanto dirige-se para Vilmar:

- É isso, não é?

Os ânimos tensos.

Um pouco...

Intensos.

- É. Tempo.... Agora já começou... Mais tempo....

- E por culpa sua, perdemos a nossa primeira pergunta!

Diz Valmor:

- E tem número certo de perguntas, por acaso?

- Número certo, não tem. Mas, tem que jogar um número par de vezes(irritado e frustrado)... E é claro que tem que fazer uma pergunta antes de jogar!

- Então tá; disse Aline, inocente.

- O Dado já mostrou a primeira resposta... O que quer dizer?

- Para Vilmar.

- Pra qual pergunta, sua tonta?

Debochado.

- Olha como fala com a minha irmã!

Os dois se encaram.

- Que foi?

- Que foi o quê?

Levantam e se empurram.

- Chega!

Manuela, que percebe a terceira sombra e aquele cheiro de fumo forte.

- O que significa esse lado preto?

Realmente quer saber.

Todos atentos às palavras de Vilmar.

- O Mal.

Arrepiam-se.

Diego respira fundo e rompe o silêncio:

-Todos querem fazer isso?

Entreolham-se.

Pequenos roedores assustados.

Olhinhos vermelhos, reflectindo a luz do além; o fogo.

A noite vem a passos largos, além do que começa a esfriar. A névoa e o chuveiro ocultam as três sombras que ali estão, junto deles, mas apenas Manuela sabe delas. E embora esteja apreensiva, controla-se. Sente, mas não pode ver. Muito menos mostrar. (Muito menos mostrar).

De que adiantaria falar alguma coisa?

Pede a Aline:

- Vamos de uma vez; viemos até aqui pra isso, não foi?

Coragem. Valmor concorda:

- É, vamos lá!

Todos, então, concordam.

(Todos.)

Levantam.

Vilmar junta o Dado Yessim e segue para o meio da estrada, acompanhado dos sete. Formam, de modo espontâneo, em plena Curva da Ladeira, a mais antiga das formas:

O círculo.

Lado a lado, todos vendo todos.

Cinco sentam-se no chão molhado, três ficam de pé.

Diante dos olhos de todos, Vilmar ergue o Dado a altura do rosto e fala:

- O que vamos perguntar?

Valmor começa:

- Ué? Se tem alguém aqui, além da gente!

Diz Manuela:

- Tem.

Valmor graceja:

- Nem precisamos do Dado, temos a Manuela...

Riem-se.

Somente os cinco jovens. Aline Comenta:

- Vamos perguntar se querem falar com a gente? O que vocês acham?

Muito bem, pequena Aline; concordam todos.

Vilmar, bastante sério, assente:

- Perguntarei, então.

Assentem todos.

- Pensem bem forte na pergunta que vou fazer...

Fecha então a mão, apertando o Dado com firmeza, depois fecha os olhos enquanto diz:

- Se tem alguém aqui, além de nós cinco, quer falar com a gente?

Enquanto fala, começa a tremer, nem escuta a própria voz.

- Responda!

E larga o Dado no ar.

Enquanto o cubo despenca para o solo, a sombra que está ao seu lado estende o braço e os longos dedos para, por um instante, tocar o objecto. E ele cai com a face “sim” voltada para cima.

Sim.

É inevitável.

Os sete dão um passo para trás.

- Já jogamos duas vezes...Jogamos mais?

Juntando o Dado...Diz Valmor ao Irmão:

- Claro. Pergunte se são os três de quem falam.

Ao que todos concordam, o Dado rola novamente.

Sim.

Pergunta Diego, de modo incrédulo:

- Quais as chances de um Dado cair duas vezes do mesmo lado?

Alguém sabe?

Devia ser uma piada, mas ninguém vê graça.

Ninguém ri.

- Na quarta jogada, perguntam:

- Vocês se mataram com facões, como contam?

Sim.

- Meu Deus! Três vezes sim! Manuela pergunta:

- Por quê se mataram?

Valmor fica em dúvida:

- Como vão responder isso?

Manuela responde como quem manda, embora isso não seja verdade:

- Só pergunte.

Vilmar obedece.

Solta o Dado, que cai com o lado branco para cima.

Diego diz para Vilmar:

- E daí? O que foi?

- Bem... O lado branco representa o Bem. Mas...

Pensam...

Aline especula:

- Será que não deu certo?

Manuela entendeu, e disse a todos:

- Foi por Amor.

Os demais não conseguem ter essa certeza toda, mas ela não se incomoda. Acostumou-se a ser vista assim. Estranha.

Diego tenta explicar aos outros:

- Deve ser como se costuma dizer... Brigaram por gostarem da mesma mulher. Pergunte agora se foi isso...

Como os demais estão de acordo, Vilmar pergunta:

- Vocês brigaram por uma mulher?

Sim.

Agora estão muito compenetrados na experiência, nem precisam se falar. Vilmar faz as perguntas em voz alta, olha pros amigos e joga o Dado.

- Era a mulher de um de vocês?

Não. Pela primeira vez, não.

- Era a namorada?

Não.

Surge uma dúvida.

Entreolham-se, sem saber o que pensar. O que perguntar?

- Uma amiga?

Não.

Brinca Vilmar com a situação, dizendo:

- Desisto. Alguém tem uma idéia?

Aline pergunta para si mesma:

- Será que a mãe deles os fez brigar? Por falta de coisa melhor...

- Foi a mãe de vocês?

Não.

Diz Manuela:

- Talvez, eles tivessem uma irmã...

Valmor duvida, sem pensar mais calmamente no assunto e retorque:

- Talvez, mas não podem ter brigado por gostar da irmã.. Não ao ponto de se matarem... Está evitando uma idéia que os demais também estão evitando.

Ninguém mata um irmão por causa da irmã. Não é?

Agora é a vez de Manuela não conseguir entender como ele pode ter tamanha certeza disso. Então, inevitavelmente, contra a vontade dos presentes, ela faz a pergunta que estavam evitando:

- Pergunte se eles estavam apaixonados pela própria irmã...

Revoltam-se. Aline reclama:

- Que nojo, Manuela!

Diego também acompanha, dizendo:

- Nada a ver!

Valmor também revida:

- Só na sua cabeça mesmo!

Vilmar, tanto quanto os outros, não gostou, mas não fala nada. Conhece Manuela um pouquinho melhor que eles e acompanha seu raciocínio, apesar de não concordar com ele. Por fim, Vilmar quer tirar a dúvida, e pede então:

- Pergunte se eles estavam apaixonados pela própria irmã.

Ele hesita e cutuca, enquanto troça do outro:

- Medroso.

Manuela também pede:

- Pergunte...

- Vocês brigaram por que estavam apaixonados por sua... Própria irmã?

Estão irritados, enojados com Manuela quando cai o Dado e essa é uma característica que ela vai carregar, como um fardo pesado, por toda a vida, essa sensação de repulsa e nojo. E ficam ainda mais contrariados quando responde que sim.

Sim.

Perplexos.

Incrédulos.

Incomodados.

- Melhor parar com isso...

Diego tenta levantar-se devagar.

- Quem contou quantas perguntas fizemos?

Alguém o empurra para baixo, obrigando-o a sentar.

- Que foi isso?

Todos o viram cair de um jeito estranho. Esfolando os joelhos. Mas ninguém fala nada. Estão confusos.

Todos viram!? Viram!?

- Que foi isso?

Assustado, transformado.

- Onde estou?

(!?)

Vilmar responde:

- Fique quieto! Eu estou contando. E temos que terminar o que começamos.

Pensa, depois olha para Manuela e completa o raciocínio:

- Mas não consigo imaginar um jeito de continuar perguntando...

Perguntar o quê?

Nem precisa perguntar nada!

Perguntam juntas, duas vezes sobrepostas:

- Por que não nos deixam em paz!? Estão vivos!! O que mais querem!?

Uma delas é a voz de Diego, que não mais está sozinho.

Apesar da noite e do chuveiro, é possível ver o que se passa. No meio do círculo, ajoelhado como que em penitência, encontra-se o pequeno Diego. Os dedos entrelaçados atrás das costas, preso por si mesmo, a testa encostada no chão de terra da estrada, cabeceando em um arremedo de ciscar. Os joelhos e a testa sangrando. E sobre ele, uma sombra debruçada. Uma sombra longa, como uma capa.

- Mano o que é isso?

Aline quer correr para ele, mas é interrompida por Valmor.

- Calma guria! Melhor não...

Então outra transformação!

Rápida demais!

- Calma!?

Outra vez, duas vozes:

- O filho da puta tava na cama com ela!!

A meiga Aline não mais existe! Ganha fúria e dimensão! Solta-se de Valmor. Está vestida com a razão... Não vai parar até castigar o irmão.

Vai pro meio do círculo, fazer o que é preciso.

Suas palavras constrangem.

Elas assustam:

- Tava trepando com ela, né seu pau-no-cu!?

Diego, possuído por algo que estava na estrada, como um fantoche, diz:

- E daí!?

Dentre os presentes, não há um ao menos que compreenda tudo o que está acontecendo, porém suas almas sabem, não carecem de entendimento, são capazes de sentir e sentindo, compreender. Sabem que... Melhor seria não estar aqui.

Para todos os sete.

Melhor seria não estar aqui.

Porém...

- Vô te capá, desgraçado!!

De onde veio o facão que agora carrega?

- Como pôde fazer isso!? Nossa própria irmã...

- Não a obriguei a nada, tu bem sabes!!

Agora também com um facão na mão, ergue os olhos pra encarar o irmão, e a irmã, enquanto reverberam:

- Além do que, se ela não te tivesse nojo, tu também terias ido!! Não negues!! Sabes que terias ido com ela!!

- Maldito!!

Ambos urrando e chorando em peleia fúnebre.

- Morre desgraçado!!

E as faiscadas das diabólicas lâminas de aços malditos feitas na forja do inferno começam a voar pelos ares, para estranho deleite à distância dos convivas da Taverna de Cronos e das putas peruanas e alemãs, distantes a muitas quadras dessa curva escondida pelo breu.

Ilumina-se a Curva da Ladeira.

São Diego e Aline que se enfrentam, ao menos fisicamente, a golpes de facão, com uma extraordinária perícia que ninguém reconhece. Mas não mais parecem Diego e Aline. É como se tivessem séculos de experiência, e como se estivessem determinados a lutar até a morte.

Pois somente a morte do outro lhes interessa. Atacam com força e fúria jamais vistas antes pelos demais, fazendo da Curva da Ladeira um verdadeiro campo de batalha, fazendo com que ninguém tenha coragem nem condições de interferir.

Interferir como?

São só crianças desesperadas, afinal.

Fazer o que contra esses dois guerreiros bárbaros, prestes a se matar? Vilmar procura pelo irmão, buscando ajuda para tomar uma atitude. Está impotente e sem acção, não é capaz de pensar rápido.

Fazer o quê?

Manuela, por outro lado, do outro lado da peleja, define suas acções, mas parece em transe, procura por algo ao redor. Por alguém...

Presente, embora invisível... Perigosamente perto dos irmãos que se digladiam, ela perscruta as trevas, através da chuva, além das faíscas, sentindo um cheiro intenso... O fedor do fumo do inferno!

Qualquer um diria estar às margens de um colapso, porém...

De repente, encontra.

Aqui!

Diz Manuela autoritária:

- Me dê isso aqui!

E pegando o cachimbo das mãos do homem, que tinha a estranha silhueta do Gilmar de Marco em sua marca, disse:

- Suma daqui, infeliz!

E ele se ri e se vai.

Muito rápido.

Na escuridão, com seu secreto artilheiro feito a todo grupo. Vingança silenciosa, que fala pelas palavras do Dado. Prato feito, servido frio e cru, com o cheiro da morte. Simplesmente vingança, também poética.

O cachimbo é volumoso e quente, feito de barro. Pesa bastante e queima suas mãos de longos dedos de pele fina e macia. Mas a jovem resiste, pois, intuitivamente sabe o que precisa fazer para ajudar seus amigos. Vai até eles, que alucinados lutam, e, sem perder tempo, arremessa o artefacto para que se espatife no chão. E aos pés dos dois, que cessam o combate, vão então morrendo as chamas nos últimos nacos do fumo maldito.

Assim como morre aquela ira sem motivo.

Porque as sombras se vão.

O Mau se foi. Virou história marcada com o cheiro de enxofre.

Tudo muito breve e sem explicação, como só a morte de irmãos e amigos podem ser. E o casal de irmãos se abraça, agora desarmados daquelas longas lâminas. Eles não viram nada, de nada se vão lembrar, bem como Vilmar e Valmor que não entenderam o que fez Manuela. Foi rápido demais pra eles.

Rápido demais.

Foi tão rápido que...

Cristiano nem percebeu.

- Eu era uma menina ainda, morava em Bagé, um namorado meu foi quem conseguiu o dito Dado... Jamais soube como... Ou onde... Bono, vindo de todos os lados, começa a cantar:

“Sometimes You Can't Make it on Your Own” e Manuela atenta para a letra, por poucos instantes, antes de seguir falando:

- Fomos até um lugar dito assombrado, ele, eu e mais uns amigos, pra falar com os mortos. Inconsequências da adolescência(pensa por um tempo) e segue soltando o verbo:

- Funcionou mais ou menos como pretendíamos, mas não foi nada bom, nem bonito de se ver. Por pouco que não nos machucamos.

Ela volta a prestar atenção à letra.

O refrão...

Ele aguarda que ela prossiga com a narrativa, mas parece que a mulher já disse tudo o que pretendia dizer. Por algum desconhecido motivo ele não insiste mais no assunto. Ficam escutando a melodia, que é tão triste e tão linda, tão pessoal, enquanto o carro ronrona baixinho, seguindo a avenida que leva para o centro.

São os únicos na estrada.

Parecem ser os únicos em todo o mundo.

Diferente da versátil Manuela, Cristiano não sabe exactamente o que diz a letra da canção, seu conhecimento do inglês é bastante superficial, mas sente que é perfeita para o momento, um tanto adequada para servir de trilha sonora ao solene estado que agora se estabelece entre os dois.

Um solene momento de paz.

Tão raro estar em paz com Manuela por perto.

O jovem realmente gosta de guiar. Para ele é sempre benéfico, uma terapia. Deste modo, uma vez que ela agora está inusitadamente compenetrada e quieta, ele é capaz de relaxar e, pela primeira vez em muito tempo, pensar com calma e controle em tudo o que lhe vem ocorrendo nos últimos dias.

E principalmente hoje.

As coisas naquela semana (A semana passada.) estavam transcorrendo como sempre, sem percalços, sem alterações, o cotidiano previsível e sob controle, como ele bem gosta que seja, até descer do ônibus e dar de frente com Manuela. Manuela inesperada. Um casual esbarrão não devia mudar nada, mas mudou.

De fato, lembra perfeitamente que nem mesmo esbarrou nela, mas foi como se tivesse acontecido. E mudou tudo.

- Me desculpe(surpreso)! Não vi que estava aí.

- Sou assim tão insignificante(maliciosa) tão sem importância e invisível?

- Claro que não! Não lhe quis dizer isso.

- Então nem quer falar comigo?

- Não(mais surpreso)!

- Não(em fúria)?

- Digo, sim!

- Como?

O rapaz está atrapalhando as outras pessoas que querem descer do ônibus, empurram-no irritadas, mal educadas, o cobrador fala alguma coisa que é melhor não ouvir.

- Vamos sair daqui, para falar em outro lugar?
Educadamente, ele a convida em pleno caos.
- Venha comigo, por favor?
- Está me convidando para ir com você?
(Cristiano está convidando Manuela para seguir com ele?)

- Sim.

A mulher sorri.

Pela primeira vez aquele misterioso sorriso.

Responde ao convite:

- Aceito!

Está surpreso e satisfeito consigo mesmo por conseguir lembrar em detalhes daquele momento, não pensou que pudesse...

Agora considera o ambíguo valor das palavras. Sua desconhecida importância. E falar nunca lhe pareceu tão arriscado e perigoso. Pensa que a todo o momento nos comunicamos fazendo uso de diversas palavras, inúmeras palavras, das quais não sabemos a origem, das quais não imaginamos o verdadeiro objectivo. De onde vieram elas, afinal? E se tiverem sido criadas para dizer outras coisas, para fazer outras coisas, diferente daquilo que queremos dizer? Se através delas estivermos fazendo muito mais do que comunicar nossas idéias ao mundo?

Palavras, bem mais do que palavras.

Capacitadas a recriar o mundo...

Transformar o real, realizar a transformação.

Considera o seu primeiro diálogo com Manuela. Há algo nele que não o põe à vontade.

Desde o modo conturbado como aconteceu, até as palavras que foram ditas e o que em verdade quiseram expressar. Sente-se ludibriado, pego de surpresa. Algo naquela primeira conversa não o satisfaz. Sente-se só diante dessas dúvidas todas. Está perdido e completamente sozinho no carro.

Olha para o banco do carona.

Não se choca...

Nem por um instante se choca de não ver a mulher ali.

E por um longo momento...

Está só.

Só.

Depois fecha os olhos demoradamente, enquanto o carro segue em frente, para abrí-los e fixá-los nos de Manuela. E dessa vez os consegue sustentar como nunca antes foi capaz.

Pela primeira vez suporta esses olhos. Pela primeira vez.

Resiste a eles, corajoso feito um herói.

- Ainda estou aqui, Cristiano...

- Eu sei.

Continuam ouvindo música.

Agora um blues espanhol, chamado "caminhante, não há caminho".

Ocorre-lhe uma abstração deveras cómica. Ri de si próprio por pensar assim. Balança a cabeça, olhando o volante. Desde criança acostumou-se a ouvir histórias de lugares assombrados, casas assombradas, navios assombrados, florestas assombradas, enfim, locais habitados por almas penadas, mas nunca havia ouvido falar de uma pessoa assombrada.

Uma pessoa assombrada.

Esta é sua mais nova amiga, Manuela.

(Amiga?)

Em oposição aos antigos contos de fantasmas, que arrastam suas correntes nos sombrios corredores de castelos em regiões remotas da Terra, ele se pode gabar de conhecer uma mulher assombrada, bem aqui, bem agora, em plena cidade de Novo Hamburgo, no ano de 2006. Uma mulher assombrada, e que lhe assombra. Assombrada pela vida, a vida que leva, à sombra de uma vida clandestina, escondida... À sombra da coerente percepção de todos. Excepto da sua. À sombra do sólido mundo de todos. Excepto do seu.

Somente ele compreende.

Manuela é sua.

Só sua.

É assim que não tem que ser.

E sente que começa a desenvolver poderes sobre ela, pode deixá-la quieta se quiser, como agora, pode fazê-la calar. Pode mandá-la embora, pode fazê-la sumir. Consegue ter certezas sobre ela que pensou que jamais teria, saber que está ali, sentir que está ali.

Pode tê-la ao seu lado, quando quiser e o quanto quiser...

Pode tê-la para sempre.

Eternamente sua.

E de mais ninguém.

Só sua.

Sua...

Ilusão.

- Perto da catedral, você disse?

Adiante, podem avistar a construção gótica iluminada.

- Isso.

Olha pela janela, para ver onde estão e esclarece:

- É só dobrar na próxima, à esquerda.

- Aqui?

- Exactamente. É no número 218 desta rua, se bem me lembro.

Acompanhando a numeração, o rapaz sobe uma típica ladeira da cidade, enquanto desliga a música. O motor reclama um pouco, ele reduz a marcha, adiante e devagar. Do lado esquerdo da rua, umas duas ou três árvores de médio porte escondem a fachada antiga reformada do 218. Há uma lâmpada enterrada na calçada que, virada para cima, ilumina a pesada placa de madeira onde está esculpido o nome da loja:

“218 Decoração e Arte.”

- Não eram antiquários?

- Sim... Por quê?

- Aqui é mais uma dessas lojinhas de decoração!

Ela graceja, antes de falar com aquele típico ar de puta puritana:

- Vejam só, que descoberta! Não sabia desse seu lado preconceituoso!

- Sou mesmo! A cidade está repleta dessas dondocas vendendo porcarias a peso de ouro, que todos comprem sem questionar, só para mostrar que têm bom gosto.

E realmente muito irritado, quase descontrolado, em seu estado de Judas, segue com a ladainha:

- Não esperava que seus amigos fossem esse tipo de gente...

Ela, achando a maior graça na reação alérgica, ultra-preconceituosa que ele demonstra, ri e diz:

- Acalme-se lá, Clint Eastwood... Acalme-se lá seu tarado sensacionalista! Meus amigos não são “esse tipo de gente”. Só depositaram seu estoque provisoriamente nos fundos dessa loja, até encontrarem um local adequado para o seu negócio. Foi um acordo que fizeram, quando vieram de Caxias do Sul.

E frisando suas últimas palavras, comenta:

- E a propósito, meu irritadiço amigo, um acordo muito inteligente e proveitoso, uma vez que não estão gastando nada para deixar aqui suas coisas.

Com o rabo entre as pernas, diz:

- Bem... Eu... De qualquer forma, já está fechada mesmo, como eu imaginei. Agora teremos que voltar e...

- Agora teremos que bater e esperar que nos atendam, seu tonto(atropela sem perdão o pensamento tosco de Cristiano). Eu sempre soube que estaria fechada. Vim ver os Grigio e não a dona da “lojinha de decoração”! Qual o seu problema, hein?

Então tortura e fala:

- Por que o seu mundo tem que ser assim, sempre tão difícil, como um eterno parto de risco? Cuidado que isso mata!

Ele não diz mais nada. Sem reação.

“Melhor calar sua boca.”

Pensa.

“A mulher está certa.”

O que é pior.

Está bastante certa.

Sua vida tem sido um saco.

Indiferente à crise do outro, ela desce do carro e bate forte à pequena porta lateral do estabelecimento. Chama, com os pulmões de uma criança em dia de festa:

- Giuseppe! Giovanni!

E bate de novo à porta: Saiam dessa toca, seus ratos comedores de queijo fedido!

“Ela não existe...”

Pensa Cristiano, enquanto fecha o carro.

(Não, não existe.)

Acciona o alarme, constrangido, indiferente à vingança que se avizinha futuramente.

“O que os vizinhos acharão disso?”

Aos berros e risos, ladra:

- Giovanni! Giuseppe! Dove sono miei amici?

Ele está procurando um lugar para se esconder.

Um buraco bem fundo. Quem sabe um poço, um buraco entre seus pensamentos, a sua fossa desconhecida de um enredo compartilhado sem ele mesmo saber. Mas entre divagações, volta a prestar atenção a Manuela, juntamente com os olhares escondidos dos vizinhos visivelmente irritados...

Então alguém começa a abrir a porta.

A fumaça torna tudo indefinido. E define tudo, em elipses ascendentes. Longas linhas que saem da boca e do nariz do senhor que atende a porta, filtradas pelo seu espesso bigode grisalho, ao modo de Verdi. Fuma todo o tempo, e não retira, pra nada, o cigarro do canto da boca. Segura um livro na mão, intitulado “A Sombra da Mariposa”.

- Giuseppe! Há quanto tempo!?

Deixando o livro ao lado de outro, intitulado A Taverna de Cronos, de modo meio displicente, um dos irmãos cumprimenta Manuela:

- Come stai ?

Efusiva, a mulher arremessa-se aos braços do outro, perdido ainda. Enredam-se na sinuosidade desses véus fumegantes, em um abraço carinhoso e inesperado.

- Manuela? Sim, sim, Manuela!

O dragão responde, com um forte sotaque.

- Que bela surpresa! Belíssima surpresa! Vou bem! Vou bem!

E ao notar Cristiano, que se aproxima, desvencilha-se, com cuidado, para depois questionar a amiga:

- E você como está? Acompanhada?

- Muito bem acompanhada(corrige orgulhosa). Deixe-me apresentá-los:

Este é meu recém descoberto, Cristiano Judas!

E uma mesura depois, diz:

- E aqui está o mais velho dos Fratelli Grigio, Giuseppe Grigio.

Cristiano é trazido para a fumaça. Uma fumaça com educação européia, do tipo que Manuela aprecia.

E os dois homens apertam as mãos, descontraídos.

O brasileiro vagabundo e o dragão italiano.

(O braseiro vagabundo e o dragão italiano.)

Este velho bem mais forte do que aquele rapaz. Manuela fala em dialecto italiano para animá-los:

- Ma come voi? E tuo fratello, dove stai?

- Estamos bem, minha querida. Mas não fale italiano, preciso aprender português(pede com franqueza). O Giovanni está lá nos fundos, lavorando em uma cristaleira.

Corrige Manuela:

- Diga “trabalhando”. Trabalhando em uma...

- Sim, sim(ri-se)... Trabalhando. Está trabalhando, ele. Vamos entrar?

Mas claro que vão! Passam pelo velho, que fecha a porta e os acompanha.

Instrui, migrando o cigarro de Leste para Oeste:

- Sempre em frente, meus amigos, sempre em frente e chegaremos lá.

Um corredor apertado e esfumado os leva para os fundos. Onde está o valioso e sobrenatural estoque. A cena que se passa é, sem dúvida, ambígua. Os três a se esgueirar por tal soturno e úmido corredor repleto de fumaça, mais parecem uma antiga locomotiva movida a carvão, percorrendo um estreito túnel sob a montanha. No fim dos trilhos, uma escadaria com uns seis ou sete degraus, conduz até uma sala de bom tamanho, mas com pouco espaço, devido ao amontoado de um variado número de móveis e objectos que ali estão.

Soterrado entre eles, absorto em polir um grande móvel, encontra-se Giovanni, uma cópia fiel do irmão, embora minutos mais novo.

E que de modo algum fuma.

Novas apresentações. Novas trocas de carinhos.

De imediato, o rapaz melhora seu humor.

Os gêmeos são realmente agradáveis.

E o seu humor muito volúvel...

Pergunta Giovanni, deixando a cristaleira de lado:

- Qual o motivo da alegre visita?

- Faz muito tempo, desde a última vez, não?

Falam Cristiano e Manuela em conjunto:

- Viemos por vários motivos. Primeiro para dar as boas vindas. Afinal, somos dois que moramos aqui, temos esse direito e essa obrigação.

- Sejam bem-vindos!

- Sejam bem-vindos! Espero que se agradem daqui.

Os Grigio se agradam, é certo, e agradecem emocionados.

Têm estado bastante sozinhos desde que deixaram a serra gaúcha. Lá possuíam diversos amigos, feitos ao longo dos últimos anos. Agora, por causa dos negócios, precisaram deixá-los para trás. Para eles é muito bom reencontrar alguém conhecido. Bem como fazer novos amigos em sua nova cidade.

Giuseppe pega o maço do bolso do avental que está usando e oferece cigarro para todos, inclusive para o irmão que se defende como de uma pistola.

Manuela pega um.

- Diga que são italianos, por favor(sente o perfume)...

- São italianos, sim. Sorri.

Cristiano pega outro.

- Bem, se são italianos(fala para si mesmo)...Não custa experimentar...
Acrescenta o velho, erguendo as sobrancelhas:

- Não custa!

Ele cuidadosamente destaca e descarta o filtro do seu cigarro, com uma minuciosa paciência que a todos impressiona e cativa, logo depois acende o fumo com um longo palito de fósforo. Passa a caixa para a mulher, que também acende o seu e se volta para o rapaz, com o palito ainda em chamas.

O fogo e ela são cúmplices.

Cúmplices.

- Já que vai se aventurar(saboreia o momento)...Permita-me fazer as honras?

- Prefiro que assim seja.

Nem Cristiano acredita no que disse, ou no que faz.

Os Grigio entreolham-se, marotos... Entenderam tudo.

E Cristiano Judas começa a fumar.

Resmunga Giovanni:

- Um péssimo hábito, devo dizer.

Mas os fumantes nem ligam. Os três saboreiam este suave fumo italiano, inimaginável a qualquer um que não o prove.

- Nosso segundo motivo é a curiosidade de meu amigo pelo Dado Yessim.

Ela fuma e fala enquanto procura ao redor:

- Vocês devem ter um por aqui, não?

Como duas corujas, os irmãos se olham e depois olham juntos para o jovem. Giuseppe pergunta, em meio aos torvelinhos cinzentos:

- O que você pretende com um Dado desses?

O marcado sotaque, irreal.

- Bem(tosse o rapaz)...

Interrompe a outra:

- Não pretende nada, fiquem tranquilos. Fui eu que falei pra ele do Dado. Só ficou curioso, foi isso... Vocês têm algum?

- Para você é claro que temos, Manuela!

Giovanni olha, analítico, para os dois.

- Querem adquirir?

Negam juntos, divertidos, pensando no quanto deve custar.

- Não, não...

- Vai bem, então! Vou procurar...

Giuseppe fica fazendo sala.

- Claro(comenta o próprio).Sou o melhor nisso!

Nisso, diz o jovem fumante:

- Mas, por favor, somente se não for incómodo. Não queremos atrapalhar, de modo algum.

Os gêmeos balançam a cabeça juntos, negando e sorrindo.

- Vou procurar.

E sai.

- Farei sala.

E fica.

Nos minutos seguintes, Manuela põe as fofocas em dia com seu amigo e colega Giuseppe, enquanto Cristiano vagueia por entre sumptuosos móveis antigos, tristes e empoeirados, caixas mofadas de papelão, abarrotadas de objectos estranhos, baús de couro envernizado, cheios de revistas e livros, dois raros, pelo estilo, um chama-se Desventuras e Travessuras de Uma Amante Atrapalhada, ele observa a capa de um casal nú artístico e vê que está na Biblioteca Nacional de Portugal um exemplar; e rapidamente vê outro, intitulado o Martelo das Putas, mas se consta na Biblioteca Nacional portuguesa, ele teria de pesquisar, achou curioso, porque parecia que uma obra de certa maneira é a reflexão da outra, mas isso deve ser efeito do tabaco italiano, muito embora ele fosse realmente verificar se os mesmos existem, já que a própria existência dele já é duvidosa, assim como a Manuela, a bela. Vai que “A Taverna de Cronos” também esteja na dita biblioteca referida, quem sabe...

Uma tragada e uma tossida.

Uma outra capa ainda lhe chama a atenção.

“Tir”.

Em um traço pós-medieval, preto e branco, está retratada uma estrada, que se perde entre colinas. Um desenho nada complexo, um pouco obscuro, mas que parece esconder um segredo insondável.

- Esse...

Ele retira o volume do meio dos outros, confuso, e pensa:

- Acho que já...

Pergunta de longe, Giuseppe:

- O que encontrou aí, meu jovem?

Responde e pensa um pouco ao mesmo tempo:

- Um livro antigo... Creio que minha mãe possui um igual, só que está sem a capa.

A palavra vem defumada:

- “Tir”?

- Exactamente. Como sabe?

- Um palpite.

Cristiano abre o livro no início do texto e lê:

“Neste momento sublime no qual agora me encontro, imediatamente depois de ter retornado de minha jornada bem sucedida, ponho-me a

recordar saudosa, entretanto com certo desprezo, de como era monótona e sem sentido a minha vida de felicidade falsa, antes de encontrar com a Mariposa misteriosa, vivendo como filha única de um casal que não mais se amava e via na minha presença a mais significativa dentre todas as suas riquezas e torpezas. É minha decisão espontânea narrar, com o máximo de detalhes que me for possível, a totalidade dos eventos que se seguiram ao meu encontro, aparentemente casual, com a Mariposa misteriosa, uma vez que a partir deste encontro, não posso negar que, em minha vida humilde, tudo mudou para sempre. Nossa breve primeira conversa, se é que de tal modo podemos chamar aqueles lapsos subtis de comunicação não verbal, estabelecidos entre uma humana e um insecto, tratou primeiramente das nossas apresentações devidas e em segundo lugar, de tudo aquilo que precisava ser feito pela minha pessoa, para mudar não só a estagnação da minha vida, mas a de todo o meu povo. E foi desta maneira repentina e esvoaçante, com suas asas aveludadas a espalhar o seu pó brilhante pelo ar, que ela falou-me longamente sobre este lugar inigualável chamado Tir, das suas muralhas de vidro com seu guardião cadavérico de armadura, da estrada tenebrosa a ser percorrida para se chegar até lá, e dos horrores necessários aos que se quiserem preparar para partir em tamanha aventura.”

Depois volta para junto dos outros dois, folhando rapidamente as páginas ressecadas.

Esta edição se encontra em um diferente estado de conservação, se comparada àquela que viu em casa. Apesar de ter a capa, parece muito mais velha e sofrida.

Sem tirar os olhos do texto, pergunta:

- Que livro é esse?

Responde como profissional:

- É um livro anónimo, sem data precisa, chamado “Tir”.

Ele brinca:

- Continuo na mesma...

Os três riem.

- Ninguém sabe muito além disso...

E fala mantendo o profissionalismo:

- Sempre histórias breves e sem muito sentido. Crendices, especulações, superstições...

Pede Manuela, cheia de entusiasmo:

- Ora, conte-nos algo. Qualquer coisa.

O velho assente, de certo modo cansado:

- O livro ensina, por meio de histórias curtas, várias maneiras de se chegar a Tir; mais um local sagrado, como Avalon ou Atlântida, onde é possível encontrar-se aquilo que mais se procura, seja o que for (uma última tragada, depois cigarro vai pro chão). A lenda mais recorrente de

todas é a de que o livro simplesmente apareça para aqueles que estão prestes a seguir viagem para Tir...

Ele faz uma longa pausa e conclui:

- Como um manual a ser seguido.

Cristiano não disfarça a surpresa.

Afasta o livro do rosto, sério.

Olha a estrada na capa.

Há um pôr do Sol ali.

Ou um nascer?

Pergunta Cristiano, tentando agarrar-se a algo mais sólido:

- Este é o único que vocês têm, ou existem mais por aí? Quanto custa?

Antes de responder, Giuseppe respira fundo e pega outro cigarro, do qual destaca o filtro e acende e traga, preocupado, cenho fechado, não se esforça para não ser solene:

- A última vez que vi este livro entre nossas coisas, a loja ainda era no Norte da Itália, há uns cinco anos, mais ou menos. Acredito que esse seja o único por aqui.

O italiano olha para Manuela, depois de volta a Cristiano, por fim diz:

- Não custa nada. É seu.

- Não posso aceitar tal presente(sem graça). Deve valer muito...

E não deixando espaço para negociações, o italiano de ar sisudo completa:

- Não é um presente, rapaz. O livro é seu.

(Certo! Não se fala mais nisso.)

Procura um bolso para guardá-lo, mas são todos pequenos.

Quando está desistindo, Giovanni retorna entregando-lhe uma sacola plástica.

- Guarde aqui dentro, por enquanto(diverte-se ao passar por ele, confuso).

- Certo, meus amigos, aqui está o tão falado Dado Yessim. Aproximem-se, por favor.

Na mão direita traz uma caixinha de madeira clara polida, do tamanho de uma pequena caixa de bombom. Logo, os quatro orbitam a peça, curiosos.

Abre-se a tampa...

Está vazia.

Giovanni não percebe, pois tem a tampa da caixa lhe obstruindo a visão.

- O que acham? É como imaginavam?

O forro de veludo verde acena solitário.

Todos desatam a rir!

- Mas...?

Diz Giuseppe:

- Vuoto, testa vuota!

- Mas...

Conclui Manuela:

- Aí não tem Dado nenhum. Mas...está vazia!

Depois de esgotadas as gargalhadas, surgem ainda mais algumas, insistentes, mas que por fim também se vão. Os irmãos, contrariados, até procuram por uma explicação para o desaparecimento do valioso objecto, mas não encontram. Talvez tenham sido roubados. Quem sabe o perderam na recente mudança.

Só para si, Manuela faz um esforço para lembrar que fim levou aquele Dado Yessim que, no distante passado, seu namorado Vilmar havia conseguido. Não sabe o que foi feito dele.

Com quem terá ficado depois daquilo que aconteceu? Pensa só para si.

E os demais seguem lamentando a tragédia que é perder uma peça avaliada em cerca de trezentos Euros, mas...

Cristiano, que já está bastante à vontade, comenta:

- Imagino que seja um risco que se corre quando se é especializado em artefactos místicos ou objectos de origens remotas.

Os Grigio lamentam ter que concordar.

Todavia concordam.

Diz Giovanni:

- É verdade! Mas ainda bem que descobrimos antes de vendê-lo pra alguém. Imaginem que situação difícil? Descobrir no ato da entrega?

Todos concordam.

Giuseppe arregala os olhos e diz:

- Não seria nada engraçado!

Novamente concordam...

Mas recomeçam a rir, lembrando da caixa vazia.

Por que será que em certas situações, sem a menor explicação, começamos a rir e não mais conseguimos parar? De onde vem o verdadeiro motivo desse riso que rimos quando não há mais motivos para rir? Por que aquele forro verde parece tão engraçado?

- Sabe... Depois de certo tempo...Acredito que tão cedo não verei um desses Dados.

Mas bem que vocês me poderiam falar a respeito. Não poderiam?

Os irmãos concordam juntos:

- Sim, podemos.

- Mas, somente depois de você nos esclarecer a origem do seu interesse.

Acrescenta Giovanni:

- Sei que ela lhe falou, mas e daí? O que lhe atraiu tanto?

Existe uma perspicácia na pergunta para a qual o jovem não atenta.

- Pare e pense. O que lhe atraiu tanto?

Talvez o sotaque do outro não permita perceber.

Antes de responder, considera demoradamente a sua situação frente à questão, que não é má a propósito. Por que agora tão grande interesse

nesse objecto? Desde que conheceu Manuela já falaram de tantas diferentes coisas, foram tantas estranhas situações, tantas dessas diferentes situações pelas quais passaram juntos. Por que o tal Dado lhe atraiu mais do que o resto? E não pode negar que realmente atraiu bem mais do que todo o resto que viveram ou do qual conversaram.

Por quê?

Eles aguardam pacientes por sua resposta.

Por quê?

Não o apressam, mas também não o ajudam.

Por quê?

A princípio, acredita que seja por não lhe causar medo, como o resto, mas abandona essa hipótese, pois esse Dado também o amedronta. Surge então uma fagulha, minúscula, que pode ser um motivo plausível, embora nada espectacular, parece-se mais com seu modo de pensar. Atem-se a esta fagulha ao modo de quem faz fogo em plena tempestade. Nem devia ser para tanto, mas ele não dispensa um pouco de drama barato em seus dias. Um pouco mais de lenha e... É isso!

Agora já pode esclarecer seu motivo.

Seguro de si, fala:

- Simplicidade.

É isso.

Aguardam.

Fraqueja enquanto diz:

- Não sei, mas...Essas coisas de Magia e Mistério sempre me parecem tão complicadas e difíceis de entender. Tão falsas. Mas não nesse caso.

Mais seguro, continua a explicar:

- No caso do pouco que Manuela me contou a respeito do Dado Yessim, parece tudo muito óbvio e simples. Mais fácil e ainda mais seguro. Entendo que se trata de uma ferramenta para se comunicar com os mortos, com a qual se podem fazer perguntas rápidas e directas. Sem frescura. Rola-se o Dado. Sim ou não. E está tudo acabado. Que lindo, já é um profissional! Simplicidade. Foi o que me atraiu.

Quando termina, há um brilho apaixonado em seus meigos olhos. Uma suave luminosidade que antes não estava ali, e que é impossível não notar. Mas sabe que não impressionou sua platéia, muito exigente ela. Isso lhe causa certo rancor. Mesmo de Manuela.

Muito exigente ela.

Diz Giuseppe, maquiavélico:

- Acredito que o nosso novo amigo tenha encontrado o seu Zahir...

- Seu Zahir é o Dado Yessim.

- Meu o quê?

Cristiano Judas Começa a irritar-se...

(Alguém compreende o motivo?)

Explica Giovanni:

- O Zahir é um objecto que é todos os objectos e nenhum, e que uma vez visto jamais é esquecido. Nos apaixonamos por ele, e não podemos esquecer.

- Essas coisas não acabam nunca?

E atónito, graceja o rapaz:

- É um livro que aparece, um Dado que desaparece, um sei-lá-o-quê que não se esquece... O que falta, Manuela? A Arca da Aliança?

Olha nos olhos dos três e diz:

- Quem sabe vocês não esperam aqui, enquanto eu vou até minha casa pra buscar meu o chapéu homossexual e o chicote?

Visto de fora, é certo que nem mesmo ele se reconheceria.

Eles começam a rir da sua arrogante e inocente ignorância.

Nem suspeita onde está, ou para quem fala, e já se sente seguro.

Põe volume na voz e se apruma, estufando o peito como um pombo de macumba pronto para o abate em prol de algum exú. Uma vez mais está demonstrando o carácter instável da sua personalidade. O carácter que sempre foi seu segredo, bem guardado de todos, até de si mesmo. Mas aqui aparece os primeiros rudimentos de sua inegável personalidade complexa; a traição dos melhores amigos, foi por isso que o pai o abandonou, assim como o pai do Rafael, e por amor, seus pais os desprezaram, mas isso, nessa conversa, sem ele saber, ficando apenas como motivo fútil embora não seja, causou-lhe tal coragem e irritação, mal sabe ele que suas próprias palavras são uma vingança inconsciente e secreta para si próprio. E IgorO (também chamado assim) judas, segue com seu rompante raciocínio:

- Creio que vamos precisar viajar no tempo, não acham?

E debocha:

- Quando formos enfrentar os soldados de Hitler, hein?

(Ele não era assim. E desse jeito, não dura muito.)

Pergunta Giuseppe, enquanto sorri fumaça clandestina:

- O que você sabe de Hitler?

- Provavelmente, como todo escravo da História, acredita que foi um monstro alemão responsável pela morte de incontáveis judeus inocentes.

Ele estala os dedos para dar ênfase ao seu raciocínio:

Simples assim! Ou talvez, como bom servo de Cristo, prefira acreditar que era o próprio Anticristo, que a propósito não existe, é claro!

Bastante cómodo e enérgico, traga e prossegue, ao que o outro flutua enquanto diz:

- Mas por favor, me diga, se não for pedir muito, afinal o que é “existir”? Ou o que você entende por “inocente”?

Transborda fumaça, irreal. Ou “monstro”?

Cristiano está perdido em si mesmo.

Manuela, em meditativo silêncio, aguarda.

Giovanni demonstra aprovar as palavras do irmão.

Giuseppe, mantendo a energia, mas sem rispidez, conclui:

- Seria óptimo que as coisas fossem simples, meu jovem amigo, mas não são. E... Lamento dizer...

Termina outro cigarro, joga-o no chão e conclui:

- Existem monstros inocentes.

Existem monstros inocentes.

(Entendeu?)

O jovem não sabe o que se passa. Muito lhe agradaria debater com Giuseppe, defender suas idéias, mas não sabe o que está sendo debatido. Não tem idéia do que o outro pretende. Olha para Manuela, como a pedir socorro.

- Por favor, me ajude!

Ela lhe devolve um afectuoso olhar, materno.

O mau materno olhar de Manuela.

E aquele sorriso também.

Fala, sem tirar os olhos dele:

- Acho que você o confundiu...

Acrescenta Giovanni:

- Tenho certeza.

Completamente zozzo, apazigua Cristiano Judas:

- Tudo bem...Já estou me acostumando, mas creio que preciso de mais um cigarro...

Surge mais um cigarro, que a mulher acende para ele. Concentram-se um no outro. Enquanto incógnitos aos outros dois, os irmãos trocam um profundo e eloquente olhar.

Estão concordando em encerrar esse assunto, pois o Dado Yessim ainda não é para ele. Ainda não. O rapaz tem muito que aprender, e para esse objecto é melhor permanecer onde e como está: "Perdido".

Pelo resto da noite, não falarão nele.

Restabelece-se a leveza e a alegria iniciais.

Entreolham-se, os quatro, amarelados e risonhos.

E deste momento em diante, todos se esforçam para manter a conversa em domínios mais tranquilos, e nem por isso menos atraentes. Tratam de negócios, de ócios... Os Fratelli Grigio lembram da Itália e da boa comida que se serve por lá. Como bons brasileiros, Cristiano e Manuela defendem a diversidade da cozinha do Brasil, mas não param de elogiar e fumar os cigarros italianos, para desespero de Giovanni, que no final das contas, acaba fumando tanto quanto eles. Ou mais do que eles.

E assim seguem, rindo e falando e fumando, por toda a noite e madrugada. Essa madrugada que se transforma lá fora e, sem que eles percebam, vai construindo um novo e enigmático dia, único em sua

úmida exuberância, como vários outros dias, como nenhum outro dia, mas que, tristemente, parecerá comum para a grande maioria das pessoas sobre a Terra. Para elas, essas tristes desavisadas, será só mais um dia. Que jamais voltará.

Jamais.

São por volta das seis horas quando os visitantes decidem partir. Entretanto, não está clareando esse aguardado novo dia, porque está chovendo... Está chovendo, quem diria! E estão todos amortecidos pelo cansaço e pela fumaça. Porém todos satisfeitos com a magnífica experiência. Foi bem-vinda, essa ocasião inusitada, bem-vindo esse encontro surpresa. Estão satisfeitos.

E satisfeitos também com a chuva, que trouxe consigo um pouco de ar fresco. Ar fresco, úmido e respirável!

Inigualável!

Cristiano recorda-se de que precisa ligar para seu serviço, avisando que faltará, contudo, por enquanto é cedo e não há ninguém lá.

Aguarda.

Manuela acerta com os gêmeos os últimos detalhes sobre a venda de um quadro. O último acerto da noitada, que antecede as despedidas.

E se despedem rápido, para não se molhar.

Despedem-se sorrindo, sempre sorrindo, todos sorrindo; como deve ser.

Os irmãos à porta, a chuva por tudo, o casal no carro.

(Sim. Nessa manhã, são um casal.)

Ver-se-ão, os quatro, no futuro?

O jovem liga o motor.

Chove mais forte.

Talvez sim...

E se vão.

Chove!

Não?

Transcorrem certo tempo sem trocar palavras.

É Cristiano, fazendo uso dos seus novos poderes.

É o motor do carro, fazendo suas orações matinais.

É toda a água do mundo, alagando a estrada lá fora.

E todos os pensamentos mudos, para respeitar à chuva.

No centro desta cidade, sempre que chove forte e repentinamente, como está acontecendo agora, pode se observar uma situação bastante característica. Do aconchegante interior do carro, os dois atentam para ela. Devido à acidentada geografia física do seu território, repleto de bruscas subidas e descidas, e da específica localização da região central, rodeada de morros por todos os lados, ocorre que sempre que chove com intensidade o centro se alaga de imediato.

Enche-se como um velho balde de ferro.

Um velho balde de ferro.

Bastam apenas poucos minutos de uma chuva volumosa, para que todas as principais avenidas se transformem em verdadeiros açudes, que transbordam para as calçadas, invadindo as praças e até mesmo o interior de alguns comércios. Um problema de ordem pública, ao que parece, sem solução, pois os antigos esgotos de grandes galerias deveriam ser suficientes para dar vazão à água, mas não dão. Além do que, dois grandes canais encontram-se, a céu aberto, no coração do centro; o que inexplicavelmente não faz a menor diferença.

O fluxo demasiado, intermitente, que desce dos céus, e dos céus aos morros, e dos morros ao centro, é superior à capacidade de vazão.

Barrado pelo lixo ao chão, acumula-se antes de ir embora.

Lava o asfalto, lava as fachadas, lava as almas.

Contudo, instantes depois de acabada a chuva, tudo volta ao normal.

A cidade rapidamente se enxuga e todos esquecem do que aconteceu.

Ninguém mais pensa nisso, até que chova novamente.

Foi somente uma pancada, uma aguaceira rápida, que agora já passou.

E já passou mesmo, embora as nuvens permaneçam lá no alto; carregadas.

- Daqui, para aonde vamos?
- Sei lá... Tenho fome.
- Tem fome? E sono, não?
- Não. Nem um pouco.
- Está mais acostumada do que eu...
- Certamente.
- Vamos comer o quê?
- Há essa hora? Vamos a uma padaria.
- Uma padaria... Tudo bem.

Estão a uma quadra de uma padaria.

Olha pelo retrovisor e, mesmo com a pista vazia atrás de si, dá sinal de luz e vira para a esquerda. Rumo a esta padaria. Boceja... Reduz a marcha e estaciona, de um só movimento.

Dirige bem, mesmo com sono. O estabelecimento está abrindo agora; um lugar amplo e vazio, com mesas e cadeiras para os fregueses. Os funcionários sonolentos demoram a atender, mas atendem. No ar, o inconfundível aroma de café; um dos melhores.

- O que vão querer?

Pensam, diante do atendente indiferente que nem os olha.

Ambos olham o menu, e ele, como bom cavalheiro, pede para ela:

- Café preto e um sonho com creme para a rapariga, se faz o favor.

Como não dormi e pareço um puto nessas horas, como um sonho.

- Para o senhor, o que seria mesmo?

Ele nem prestou atenção no próprio pedido...

Cristiano demora a responder, pois está pensando no que ela disse por último. Na verdade, não responde. Não faz sentido, como um sonho.

Passou a noite em claro e não está acostumado... Como um sonho.

Ela está mais acostumada do que... Como um sonho. Foi somente uma pancada reflexiva... Como um sonho.

Não está mais ali.

Sonha.

- Senhor?

Manuela brinca com o rapaz, que pela primeira vez olha para ela, e não compreende o que vê:

- Pelo jeito, ele não precisa de sonhos...Traga-lhe café com leite e dois daqueles pastéis folhados, vocês têm?

- Temos de frango, camarão e calabresa...

Como algo automático, evita olhá-la de novo. Pisca e diz:

- Os dois de frango, por favor. Se ele não quiser... Eu os comerei.

A empregada de balcão de mesa, vulgo garçonne Camila, anota os pedidos e diz:

- Dois de frango. Mais alguma coisa?

- Não, obrigada.

Sai apressada.

(Foge.)

- Comas primeiro, durma depois, querido!

Ele desperta de um salto.

O sonho se foi.

- O que foi?

- Você dormiu. Só isso.

- Você já pediu?

- Sim. Está a caminho.

- Nossa(passa as mãos pelo rosto)! Não pensei estar tão cansado.

-Ele levanta e caminha ao redor da mesa enquanto pergunta:

- Você pediu café?

- O meu preto, o seu com leite.

- Obrigado. Mas também devia tomar preto.

- Sente-se aí, que já está vindo!

Senta. Pensa consigo e acha graça.

Interrogativa, ela o olha.

- Acabo de pensar que fomos visitar seus amigos principalmente para tratar de uma coisa na qual acabamos quase nem falando.

- Verdade. Mas talvez tenha sido melhor assim; por enquanto...

E ao que nota o estranhamento do outro, enquanto diz:

- Os Grigio tomaram a decisão certa.

- Não entendo.

- Você não está preparado para o Dado.

- Preparado(saboreia a palavra, incrédulo)...

- Eles fizeram o melhor por você.

- Explique.

Da direcção do balcão vem uma outra alegre garçonete, trazendo o pedido em uma bandeja.

Os dois ainda são os únicos no interior do estabelecimento e ocupam uma das mesas perto da porta, de onde podem avistar a rua deserta. Escura, em oposição ao iluminado interior da padaria. Cristiano percebe que a moça não consegue disfarçar seu interesse por Manuela, de longe vem cuidando a mulher por entre os objectos da bandeja.

Chega a ser cómico.

Serve a mesa pelo lado do rapaz, dizendo:

- Se precisarem de mais alguma coisa, é só chamar(demora-se organizando as xícaras e os pratos).

- Tudo certo?

Os dois confirmam, ela ainda reluta em partir. Controlando-se para não rir, ele vai servindo-se de adoçante.

A mulher percebe seu estado; olha-o e depois para a garçonete. Esta titubeia sem jeito, depois se liberta:

- Desculpe-me a indiscrição, por favor...

Manuela fita-a gentilmente.

- Mas... Posso saber o que a senhora faz para seus olhos ficarem assim? São fantásticos! O que a senhora faz?

Muito naturalmente, a mulher responde:

- É uma nova maquiagem que, por enquanto, não temos aqui.

Pensa o Rapaz:

Será que estou cego!?

Diz a garçonete Camila, em êxtase:

- Importada...

Manuela, nem confirma nem nega.

Grata e iluminada, a outra aceita a explicação:

- Lindos! Desculpe-me e obrigada.

- Está tudo bem... Eu que agradeço o elogio.

- Imagine! Fabulosos! Com licença.

Retira-se faceira a garçonete, sinalizando para o colega no balcão, que a tudo cuidava numa distância segura. Sua impressão diferente da dela.

Pergunta Cristiano perdido, pois nada vê de diferente nos olhos da outra:

- De quê, afinal, ela estava falando? (Nada vê agora. Mas antes...)

- Coisas de mulher...

Quase satisfeito, ele prova o café e um dos seus pastéis.

Manuela também começa a comer.

- Diga-me, o que os Grigio fizeram por mim?

- Basicamente, eles lhe protegeram do Dado Yessim, quando decidiram que não o mostrariam para você. Fizeram o melhor, você não está preparado.

Mastigando, ele diz:

- Como assim, “decidiram que não o mostrariam”? Eles nem ao menos tinham o tal Dado.

Ela o olha como a uma criança de cinco anos.

Tempo...

Com esforço, ele mantém seus olhos nos dela.

Tempo...

- Ela finalmente comenta:

- Estou decepcionada, querido... Até quem não estava lá percebeu o que aconteceu. E você não...?

Ele larga o pastel com um gesto largo num tom visivelmente irritado:

- Deixe disso! Não está me dizendo que durante todo o tempo eles tinham o Dado e me mentiram a respeito?

- Claro; naturalmente! Esperava que você se tivesse dado conta e só não ter dito nada por educação...

E conclui, fingindo desânimo:

- Mas você nem se deu conta; o que é triste.

Ele não está realmente bravo, apenas fazendo cena, mas diz:

- Nem me dei conta? Nem me dei conta!? Que espécie de amigos são estes, que você tem? Que espécie de amiga é você? No momento mesmo em que pergunta, ele sente o gosto ruim, mas já é tarde. Então a mulher diz o que ele não queria ouvir:

- Não sou sua amiga, Cristiano.

As palavras chegando como trovão...

Na rua, de fato, troveja.

Bem... Sem o que dizer, sem reacção.

- Eu...

Constrangimento para ele.

E um pouco de dor.

Desjejum.

Mas Manuela não sente pena. Deixa-o sofrer um pouco, aprecia-o sofrendo um pouco, depois torna-se gentil e, até certo ponto, protectora.

Ela fala baixo, macio, manhosa:

- Tudo bem, acalme-se. Explico tudo, desde o começo, uma vez que você não conseguiu acompanhar. Termina o café. Fomos aos gêmeos para ver o Dado Yessim. Ao dizermos isso, eles consideraram os riscos envolvidos e quiseram testar você, uma vez que me conhecem, foi você que quiseram testar, para o seu bem.

Cristiano acompanha calado, ouvindo:

- Então fizeram de conta que o tal objecto, tão valioso, havia sumido, para ver sua reacção, e até certo ponto ela foi muito boa, ao que eles consideraram mesmo a possibilidade de “encontrar” o Dado para lhe

mostrar. Mas daí você veio com aquela história de “simplicidade”. O que, perdoe-me a expressão, foi uma merda!

Ela pensa que ele irá defender-se, mas não...então ela segue explicando:

Para espanto geral, ficaste irritado, mal educado e confuso. Não esperava que lhe fizessem o favor de mostrar uma peça rara com você agindo daquele jeito? Esperava?

Ela prepara-se para uma explosão, mas não.

O pavio queima até o fim e...

Nada.

- Não sei o que aconteceu comigo. E imagino como devo ter parecido tolo.

- Somos todos tolos diante do Mistério.

- Creio que sim, mas...mas...Uma coisa ainda me é vaga. Duas, na verdade.

- Diga.

- Qual o problema em tomar o Dado Yessim por algo simples e o que há de tão perigoso nele, que eu não consigo ver? Não consigo mesmo.

Sabe aquela coisa de virar os bolsos do avesso?

Deixar os forros aparecendo para fora das calças?

Pois é... É Cristiano diante de Manuela.

Cristiano perante Manuela.

- Certo. Uma coisa de cada vez. Mas uma coisa leva a outra. Veja:

Aquela primeira atendente aproxima-se da mesa uma vez mais. Anota novos pedidos e se retira, as pressas. Cristiano estranha o esforço que ela faz para não olhar Manuela, mas decide nada perguntar a mulher. Deixa o Mistério ser Mistério. Ela segue falando:

- O único problema de tomar as coisas como simples é o risco de nos tornarmos superficiais. Há uma grande e perigosa diferença entre a simplicidade e a superficialidade, enquanto a primeira nos liberta de demasiadas precauções, o que é bom, a segunda nos torna ignorantes e pretensiosos.

O rapaz nada diz, mas demonstra concordar.

Junto desta mulher, está sempre cheio de idéias paralelas...

Mas é melhor ficar de boca calada.

- E quando o assunto é tão controverso quanto o nosso... Bem... O jeito é prevenir, pois não há remédio. E a última coisa da qual se precisa é de pretensão diante do desconhecido, observa-o, analítica. Entenda da seguinte maneira: Quando uma situação nos escapa, todos sofremos, uns mais, outros menos, de acordo com o que somos. De acordo com a bagagem que carregamos pela vida. Todavia, os pretensiosos, que se iludem quanto ao tamanho dos seus conhecimentos, sofrem muito mais ao descobrir que não estão no controle. E além do que, por mais que se saiba, nunca temos o total controle. Total controle nem mesmo existe!

Meio pastel folhado sobre a mesa.

Aguarda por uma resolução.

Solitário como ele só.

- A simplicidade tem seu valor, um alto valor, quando legítima. Muitos mestres, a propósito, afirmam que o caminho da felicidade parte da simplicidade, mas deve ir além. E é claro que sempre cabe perguntar o que são simplicidade e felicidade?

- Sabe Manuela, admiro você. Entre muitas coisas confusas que sinto, de uma ao menos tenho certeza; admiro você. É tudo vago e sem sentido desde que estamos juntos por aí. Dá medo e faz rir. Irrita, acalma. Antes eu tinha tanta certeza de tudo que nem pensava nisso. Os dias passavam rápidos, todos iguais. Agora (faz um amplo gesto com as mãos, dá de ombros)...Sei lá...

A garçonete, breve e educada, serve a mesa novamente e sai. Na rua, um pouco mais de luz. Um pouco mais de gente.

Rajadas de vento frio. Guarda-chuvas.

O específico modo como as luzes reflectem nas poças d'água.

E na padaria, o aroma de pão saindo do forno.

O amanhecer de um daqueles dias úmidos e cinzentos nos quais é delicioso poder ficar em casa, recolhido confortavelmente, longe das ditas obrigações. Viver, não sobreviver. Pena que essa liberdade, essa pequena liberdade de poder não ir, poucos têm.

Liberdade de ir e vir, afinal, não é liberdade de ficar.

Essa liberdade poucos tem.

- Respondi só metade da sua pergunta.

- Sim. Prossiga, por favor!

O perigo no Dado Yessim é o mesmo perigo presente em qualquer coisa que faça ligação entre diferentes realidades, diferentes tempos, diferentes lugares. Se funciona para um lado, também funciona para o outro.

Uma pancada!

Som repentino que perdura...

Dispara um alarme.

- Continue...

- Raciocine comigo: Se existe um objecto com o qual você pode chamar os mortos, e os mortos vêm, se com esse objecto você pode, portanto, invocar os mortos, por que eles não podem chamar você? leva as mãos na direcção do rosto do jovem, os longos dedos, um movimento sem sentido. Por que eles não podem invocar você?

- Não tinha pensado nisso(diz de si pra si, saboreia um medo recém chegado)...

- Se você pode trazê-los, eles podem levá-lo, com o mesmo objecto. E nem foi feito com esse fim, mas(sorri enigmática, enquanto ele digere a informação)...E então? É perigoso o suficiente para você?

- Evidente.

Alguém desliga o alarme.

- Aqui podemos relacionar também com o primeiro ponto. Em tal caso, ajudaria sermos pretensiosos?

Aguarda...

Ele nega com a cabeça, enquanto toma o café, confirmando o raciocínio dela:

- Não, não ajudaria.

- E é só o começo. Um dado é feito para jogar, certo? Jogos envolvem sorte e azar, perdas e ganhos... Para jogar é preciso saber lidar com isso.

Saber perder, saber ganhar. Saber interpretar se estamos em um dia de sorte ou de azar. Compreender como funciona o Destino e o Arbítrio.

Conhecer as regras do jogo. Tudo isso está em jogo. É o jogo!

Ela começa a comer aquele meio pastel e reflecte:

- O que nos traz uma pergunta ou duas. Com quem se está jogando quando usamos o Dado Yessim? E o que temos a ganhar ou perder?

Uma rajada de vento e chuva percorre todo o salão da padaria.

Um calafrio acabou de entrar. Veio comprar pão quente.

- Responda.

Cristiano, pego de surpresa, inquire:

- Como?

- Perguntei com quem se está jogando?

- Sim... Hã... Estamos jogando com os mortos, claro.

- Tem certeza?

- Sim. Seguro. É pra falar com os mortos, não?

- É(ela está séria). É pra falar com os mortos. O jogo consiste em falar com os mortos, usando o Dado, mas não é com eles que jogamos. Não necessariamente.

E segue concentrada no que diz:

-Não obrigatoriamente. Existem outros envolvidos(lembra do forte cheiro do fumo). Fazemos uma pergunta, rolamos o Dado, de acordo com a face que cai, interpretamos a resposta, supostamente dada pelos mortos. Supostamente. Mas sempre existem outros envolvidos, que interferem. O jogo mesmo, o grande jogo, esta sendo jogado por outros que não nós, nem os mortos.

E arremata:

- Está sendo jogado por aqueles que permitem que o jogo exista e funcione. Chame-os como quiser... Jogadores cósmicos, Mestres do universo, Deuses... No final, são eles que realmente jogam. Nós somos somente as peças.

Cristiano faz um esforço físico e mental para entender e diz:

- É difícil ter certeza, mas acho que compreendo o que você está dizendo. Está meio vago ainda. Mas acho que captei. Mais café, por favor...

- Tudo bem... Mais café. No começo é assim. Mas, e o que temos a ganhar ou perder? Enfim, o que está em jogo? Seria Informação, Manuela...? Tenho dúvidas, me diga se é isso!

- Exactamente! Estou agora satisfeita contigo. Você acertou na mosca, muito embora não seja só isso.

Mas o principal é, sem dúvida, informação. E o perigo que envolve a informação, você compreende, não?

- Claro. Informação sempre envolve riscos.

- O que dizer então de informação sobre a Morte. Assunto sempre carregado de controvérsias, tabus, medos...

Diz o rapaz, agora mais seguro de si:

- Precisamos saber lidar com tudo isso: Saber só, não garante o bom proveito do conhecimento.

Manuela confirma e conclui:

- Esse é o espírito da coisa. O Dado Yessim, antes de nos permitir saciar nossas tolas curiosidades, propõe um jogo entre a Vida e a Morte. Nós somos a Vida, eles a Morte. E este é um jogo no qual se ganha informação e se perde aquilo que éramos antes de ter tal informação.

Perdemos a infância, perdemos a ingenuidade, perdemos a segurança do não saber. Trata-se de um objecto que liga dois mundos bastante distintos, para o qual precisamos de preparo para usar. Precisamos de legítima simplicidade, precisamos de consciência dos riscos envolvidos e não precisamos, de modo algum, de qualquer espécie de pretensão.

Passado algum lapso de tempo, Manuela pergunta ao Cristiano:

- Mais tranquilo agora?

- Sim. Obrigado.

- Compreende melhor os motivos dos Grigio?

- Bem melhor.

Com uma sacola de pães quentinhos, o calafrio vai embora.

Cristiano e Manuela ficam mais à vontade para terminar seu desjejum.

Em uma estranha espécie de paz. Por longo tempo.

Várias vezes são servidos. Várias vezes se servem.

Manuela come fartamente, bem mais do que seu corpo denuncia.

O rapaz a acompanha por educação, mas está mesmo é com sono.

De costas para a porta, por onde entra uma úmida aragem, e no estado de cansaço no qual se encontra, não é de se surpreender que esteja prestes a apagar novamente. Apóia a cabeça nas mãos, com os cotovelos sobre a mesa. Os olhos pesados, a respiração profunda.

Prepara-se para falar qualquer coisa ao que a mulher lhe faz sinal de silêncio, o cenho franzido dizendo que não, e aponta com o queixo para algo atrás dele. Volta-se devagar, olhando por sobre o ombro esquerdo.

Invisibilidade é a palavra. Os Cientistas acreditam que é possível, através de algum processo, fazer com que um objecto não reflecta nem refracte a luz, este objecto tornar-se-á invisível aos olhos humanos.

Eles procuram por este processo pesquisando em áreas como a óptica e a química, entre outras. Mas vale lembrar que deste modo, a invisibilidade anularia apenas uma de nossas capacidades de percepção, a visão, deixando as quatro demais livres para agir. Poderíamos, por exemplo, tocar tal objecto, a despeito de não o estarmos vendo. Poderíamos cheirá-lo e experimentá-lo caso fosse um fedorento e delicioso queijo parmesão, ou ouvi-lo no caso de ser um trinante rouxinol.

Ele estaria lá, só não o veríamos. Contudo, ao que sabemos, nossos Cientistas ainda não são capazes de tornar algo invisível. Tudo não passa de muita teoria e exaustiva pesquisa.

Contrapartida, os Mágicos, é do nosso inteiro conhecimento que há séculos vêm fazendo as coisas sumirem, com a maior facilidade. E o que mais impressiona, preferivelmente diante de grandes e animadas platéias, afoitas por descobrir como. Contudo, eles nunca negaram que para tanto se utilizam dos mais variados truques para atrair e desviar nossa atenção. Como também não negam que, depois de desaparecer, o objecto em questão não mais está lá. Seremos incapazes de percebê-lo com qualquer um dos nossos sentidos. Eles nos iludem e levam a crer que desapareceu, mas em verdade ainda existe embora não mais esteja lá, nada mais que isso.

Dois diferentes métodos para atingir o mesmo objectivo, que nos servem de introdução para o assunto que nos aguarda. O terceiro método.

A forma terceira.

Trata-se de uma diferente idéia, dentre infinitas outras com as quais não lidaremos, que não é nem mágica nem científica. Esta forma de invisibilidade está baseada em uma teoria simples que afirma que não podemos ver aquilo em que não podemos acreditar.

Alega que se não formos capazes de compreender, de abarcar dentro das possibilidades de nossa sabedoria, também não seremos capazes de ver, porque nos escapa de algum modo. Tornar-se-á invisível para os nossos olhos por não existir dentro dos limites da nossa realidade. A esta última forma de invisibilidade, poderíamos chamar de invisibilidade mística. Misteriosa ou mesmo filosófica.

Diferente das duas anteriores, quer você acredite ou não, quer você queira ou não, ela é real, possível e largamente utilizada por uma infinidade de seres que diariamente convivem conosco, interferem em nossas vidas e nós nem sequer notamos.

Enquanto olham para fora da padaria, nenhum dos dois está pensando em nada disso, mas se fossem levados a pensar, é bem provável que considerariam válidas todas as três possibilidades, principalmente a terceira, visto que nenhum deles nota o mesmo que o outro.

Ao menos não imediatamente.

Manuela vê alguém do outro lado da avenida, com a mesma certeza com que vê Cristiano entre ela e aquele outro. O jovem, contudo, em um primeiro instante, somente vê a calçada vazia; o que seria tudo até alguns dias atrás. Agora, porém, isso mudou de verdade e ele tem a sensação de que algo se esconde lá, próximo ao poste de luz, algo que a mulher já viu e ele está prestes a ver. Quer ver porque acredita em Manuela e decidiu participar do seu mundo.

Precisa ver se quiser ajudá-la. Assim, sua percepção é gradual e mais intensa a cada novo elemento que lhe surge.

A coisa toda começa como um conceito sujo e mal cheiroso. Ao lado daquele poste de luz não há ninguém, mas poderia haver qualquer um. Poderia haver qualquer um com seus andrajos asquerosos. E a possibilidade é tudo. Soam as trombetas! Duas, cinco, onze trombetas!

Essa possibilidade lhe evoca a imagem de um maldito rei, o rei da rua, o rei do lixo, o rei das moscas... O Rei dos Mendigos!

Por ceptro e cajado, pois se trata de um sábio monarca, uma vassoura de palha, que ele segura de ponta-cabeça; por coroa um boné "I Love NY", com a aba para o lado esquerdo. Os dentes podres, a longa língua, os olhos opacos, o sorriso doentio.

O Rei dos Mendigos lhe olha nos olhos, a língua lambendo o nariz.

Cristiano regurgita e engole o café da manhã, em um só movimento morno e azedo.

Agora viu, e pergunta:

- Quem é aquele?
- Estava na parada de ônibus quando nos conhecemos, mas você ainda não podia vê-lo; nos está seguindo desde então. Sempre que nos vemos, está por aí.

Ela balança a cabeça, apreensiva e diz:

- Não sei quem é.
- Simpático, não?
- Sobremaneira.
Por algum tempo ele fica lá, deixando-se ver. Observando. Então passam alguns carros e, para o bem estar de todos, ele se vai.
Por enquanto.
- Se foi.
- É.
- Nossa! Com essa até perdi o sono!
- Melhor. Temos muito pra falar(confere mentalmente alguma coisa)...Vamos embora?

- Por mim tudo bem, o sono se foi mesmo. Vamos.

Deixam a padaria e entram no carro. Cintos de segurança. O rapaz dá a partida. Lembra-se de que precisa telefonar para o escritório. Agora já deve ter alguém para atendê-lo. Nas calçadas por onde passam, procura por um telefone público. Avista um, reduz e estaciona do outro lado da rua.

Repentinamente, Cristiano diz a Manuela:

- Preciso fazer uma ligação. Você aguarda aqui?

É medo que ela traz nos olhos enquanto diz a ele:

- Claro. Mas não demore... Não me deixe!

- Só um minuto.

Ele Olha para o telefone há menos de cinco metros do carro e mostra pra ela:

- É ali, veja!

Seus olhos estão dizendo: Eu sei que é ali, mas você sabe que não faz diferença!

Ele entende a mensagem e faz uma vistoria nos arredores. Não há nada.

(Grande coisa...)

- Já volto!

Ele espera passar um ônibus e atravessa a pista.

Manuela o observa se afastando na rua vazia, depois sumindo parcialmente sob a cúpula verde do orelhão. Diz para si mesma que ele está bem e resolve revirar o porta-luvas novamente, tentando relaxar.

“Mas relaxar como, comigo sozinha aqui dentro ele sozinho lá fora?”

Pensa e procura por ele. Encontra. E vê que o mesmo não está sozinho.

Cristiano termina o telefonema satisfeito e tranquilo; agradece a compreensão, desculpa-se, despede-se. Põe o fone no gancho. Retira seu cartão. Ao voltar-se para sair, fica cara a cara com o Rei dos Mendigos. Lábios carnudos, rachados, repletos de feridas emolduram os dentes quebrados, feitos em pontas irregulares. E um hálito quente e repulsivo, como esgoto exposto ao Sol. Prende a respiração, escuta as palavras:

- U Cara mandô dizê qui a seta mostra u caminhu, mais tu só segui si quizé.

Ouviu bem, mas foi pego de surpresa:

- Quê? Não entendi...

Cristiano fica nervoso.

Aponta para Manuela dentro do carro e diz:

- A Mariposa... Ela num manda em ti, meu.

O maltrapilho esbarra nele e se afasta rindo baixinho.

Cristiano arrisca uma idéia repentina; muito rápido, e grita para o outro:

- Quem é “O Cara”?

O mendigo – monarca se volta, aponta o dedo para baixo, ao chão, e diz:

- U Cara, ué!

Depois desaparece ao dobrar a esquina, com um sorriso de maldição. O jovem não sabe o que pensar, enquanto o outro vai embora. Resiste a todos os pensamentos que tem. Não entendeu nada. Não quer

entender. Manuela, que viu tudo, mas não ouviu, lhe faz sinal para que volte.

Olhando para ela, ele desce da calçada para o asfalto e quase é atropelado por uma carroça que passa! Som de cascos no asfalto, cheiro do estrume de cavalo no ar. Sem ouvir os insultos do carroceiro, pensa irritado:

“Mas que merda!” “Mas que merda mesmo!” Repentinamente está irritado consigo tanto quanto com a mulher. E com toda a situação. Entra gritando no carro, batendo a porta com violência:

- Quando isso vai acabar ? Fale, droga!! Quando vai acabar!?

Ela esboça uma resposta, mas ele não dá espaço nem tempo, segue achincalhando a pobre Manuela com palavras:

- Você não viu a maldita carroça vindo!? O que quer!? Quer me matar!? É isso que quer!? Me matar!?

- Perdão... Eu...

Falta-lhe ar com o calor da situação, e continua, berrando cada vez mais alto:

- E aquele...Aquela coisa!? Você sabia que ainda estava por perto, não sabia!? Não sabia!?

- Eu... O que ele disse...?

- Sei lá o que ele disse! Não importa o que ele disse! Você sabia ou não!? Responda!

Aguarda pela resposta. Agitado.

Tempo. Bastante tempo.

- Imaginava.

Cristiano leva as mãos à cabeça, massageando as têmporas; controla-se, pensa e fala consigo mesmo, desiludido:

- Quando isso vai acabar...? Quando isso vai acabar...?

Lado a lado, longamente. Nada dizem um para o outro. Longamente. Até que Manuela fala baixinho:

- Perdoe-me, Cristiano. Tornei sua vida um caos, não é?

Ele balança a cabeça em contida afirmação. Preocupado, respira fundo.

- Precisamos de um plano(diz sem olhar para ela). Estamos vagando por aí, sem um objectivo definido... Precisamos elaborar um plano para resolver essa situação. Encontrar um Norte, um rumo válido.

- Passei minha vida toda nessa situação, querido(ela controla o tom da voz para não irritá-lo mais). Não achas um pouco pretensioso da sua parte, querer resolvê-la assim, de um momento para o outro?

Ele só olha para ela.

Sério.

- Tudo bem... Tudo bem(em tom de desculpa)...Façamos um plano, então. Um rumo.

Ele se controla e comenta com ela:

- Você pediu ajuda, não pediu...?

- Tudo bem.

A partir daqui a mulher deixa que ele guie, ou pense que guie, pois está claro que a mudança já teve início e que não parará mais até o derradeiro momento. “Precisamos de um plano.” Ele diz. “Um rumo.” Mas mal sabe que desde o princípio Manuela sempre teve um plano. Um plano contra o qual ele não tem a menor chance. Ela já indicou um caminho.

Um plano... Um rumo...

Ele resolve falar, agora completamente calmo.

- Sabe... Ainda existem muitas coisas que não compreendo. Nisso tudo, tanto quanto em você. Muitas perguntas que lhe preciso fazer. Depois de vê-las respondidas, quem sabe possa lhe ajudar de fato. Talvez possamos nos ajudar mutuamente, conversando. Conhecendo-nos melhor.

Está melhor. Bem melhor.

Cada vez mais comum essas variações de humor.

Uma nova dinâmica que se estabelece.

Ela, agora solícita, comenta com ele:

- Aquilo que eu for capaz de fazer por você, querido...Farei com todo prazer. Pode perguntar. Não farei segredos, desde que pergunte.

Põem-se a pensar... Pois é...

O carro está silencioso. A rua está silenciosa. O mundo é só calmaria, e rompendo com o silêncio, fala o rapaz:

- Minhas lembranças mais antigas são em Não Há Losna, nasci e fui criado lá, é onde vivo até hoje. Só vivi lá, afinal. Naquela casa passei por coisas boas e ruins, tristes e felizes. As festas de Ano Novo, Páscoa, Natal. A morte do meu pai. Minha Primeira Comunhão.

- Lembranças de todo o tipo... Contudo, por mais que procure, por maior que seja o esforço que eu faça, de uma coisa não consigo lembrar, pois uma coisa jamais me aconteceu naquele lugar:

- Jamais tive medo. Pelo menos não até você chegar...

Ele fala sem olhá-la, com uma avassaladora sinceridade:

- Aquela coisa de encontrá-la debaixo da mesa, naquele estranho estado, foi a primeira vez em toda a minha vida naquela casa em que tive medo. Medo mesmo.

Agora sim, a olha nos olhos e diz:

- Quero que me explique da melhor forma possível, o que foi que lhe aconteceu.

- Bem... Acredito que já tenha falado isso, mas não custa repetir que o que me ocorreu nada tem a ver com a sua casa e sim comigo, não se preocupe...

- Sim, você já disse. Eu entendo.

- Pois, o que posso dizer é que havia alguma coisa lá quando chegamos. Sabia que iríamos pra lá e se antecipou a nossa chegada.

- Estava nos esperando. Esperando-me a algum tempo... Bastou que eu ficasse sozinha para me atacar. Lembra-se que eu disse que havia sido atacada?

- Sim.
- Foi isso. Fui, uma vez mais, atacada por alguma criatura com seus insondáveis motivos.
- Qual criatura?
- Não sei, pois não a vi. Mas você quase a viu... Foi por pouco.
- É. Eu a ouvi(pensa um pouco). Acho que a chutei(arrepia-se involuntariamente).
- Sim, você a chutou quando entramos e essa coisa deu um gritinho de esquilo ou algo parecido com isso, um grito de ratazana podre, talvez. Uma rata sem graça nem motivo, nauseabunda e louca.

- Certo. E foi tê-la encontrado que lhe deixou naquele estado?

- Precisamente. Trata-se de um estado de choque pós trauma.

Manuela agora já fala bastante à vontade sobre o assunto:

Acredito que o contacto repentino com algo por demais diferente disso que somos, algo de outra origem, de outro lugar, gere aquela dificuldade que você me viu passando. Um violento e repentino estado de choque. Já passei por isso inúmeras vezes, mas quase sempre sozinha.

- Por que o que eu vi, depois, aquela gente toda, não me causou o mesmo?

- Não faço idéia.

- Lembro-me de apagar por um momento, mas nada tão drástico.

- Que posso dizer ? Somos diferentes pessoas, com diferentes reacções, além do que, o que você passou foi bem diferente do que eu passei.

- É verdade, admito que você tem razão. Foi de arrepiar!

- Aquela sua percepção da massa de pessoas mortas, embora muito impressionante, não costuma fazer mal algum. Os mortos, em geral, não nos causam mal. É só saber lidar com eles. Os fantasmas, ao contrário, sim. Esses são muito perigosos.

- Por que os mortos são tão inofensivos, em oposição aos fantasmas?

- Por que não querem nada com nada. Em grande parte das vezes, nem nos notam. Só ficam lá, de bobeira, enquanto esperam por uma definição dos seus casos. Os fantasmas, no entanto, têm problemas. Sérios problemas. Que costumam fazer questão de compartilhar conosco.

- O que você viu, então, não foi um fantasma?

- Não. Muito menos um morto.

- Estará lá quando voltarmos?

- Não há como saber.
Trocaram sorrisos amarelos.
- Se eu for pra lá, provavelmente estará lá.
Os dois se arrepiam.
Uma pedra de gelo que desliza da nuca até o final da coluna.
Ele considera o que pretende dizer, mas por fim comenta:
- Se eu entendi bem... Pode estar aqui.
Em um breve instante seus olhos se esvaziam...
- É. Pode. Você entendeu.
- Só depende de nós.
- Exactamente!
- Precisamos dar um basta nisso.
- Concordo... Mas, de que modo?
Ele se estica todo no assento do motorista, boceja, coça a cabeça, sorri.
- Já pensou em procurar um padre?
Manuela estoura em uma gargalhada instantânea, que de pronto contém, morde o lábio inferior, toda maliciosa e marota, depois diz:
- Perdão. Não pude me conter.
Ele acha graça e diz compreensivamente:
- Tudo bem... Foi uma pergunta tola.
- Não há nada de tolo. Mas não sou cristã...
- Eu sei. É que eu sou. Cristão Católico, como sabe.
- Sim.

- Respeito e admiro o sacerdócio, ouve tempo, na minha adolescência, em que até considerei dedicar-me a ele.

- E por que não se dedicou?

- Não tinha a vocação. Além do que, é muita responsabilidade.
- Contrapartida, a vocação pelo matrimónio você também não desenvolveu, não é?
- Ora! Ainda sou jovem. Dê-me uma chance...
- Quem sabe eu lhe dê uma chance...
Manuela maliciosa...
- Promessas, promessas... Mentiras.
Olhos, lábios, sorrisos, todos maliciosos.
Antes não era assim.
- Em quê me ajudaria um padre?
- Bem... Depende do padre. Teríamos que encontrar um, expor a coisa toda, e pedir ajuda. Uma coisa é certa. Os padres nunca negam ajuda a ninguém.
- Sei(incrédula)... Mesmo aos não-cristãos?
- Bem... Daí depende do padre.
- Pois é.
- É.

- Melhor continuarmos nossas buscas.
- Concordo.

A mulher se ilumina.

Há uma brasa incandesce no interior do seu peito. Uma misteriosa fonte de luz que se avoluma, ganhando brilho e calor, pulsando e estendendo seus raios para todo o corpo. A pele ficando translúcida, como o bojo de um abajur, a cor das roupas dando lugar para o branco puro da luz viva. Seus olhos são como faróis, os dentes, pequenas peças de porcelana, há uma poeira cósmica recobrando seu corpo, esvoaça ao redor de sua mão, quando estala os dedos em um gesto satisfeito.

E depois tudo volta ao normal. Ele não viu o sucedido.

- Já sei! Antes disse que queria me conhecer melhor, para poder me ajudar. Não foi?

- Foi.
- Pois tenho uma idéia de como faremos isso.

Ele demonstra interesse e ela conclui:

- Acredito que nossa casa fala muito de quem realmente somos. Conheço sua casa, mas você não conhece a minha. Quer conhecer?

Ele responde admirado o convite:

- Sem dúvida que sim...É algo que não pensei que faria. Do modo como as coisas têm sido, não me admiraria nem um pouco se você nem tivesse casa.

- Mas que idéia mais maluca! E pr'aonde pensa que eu vou quando nos separamos?

- Sei lá. Talvez simplesmente suma num torvelinho em seus próprios cabelos, ou numa piscada desses seus olhos sem fim. Não sei. Você afinal é só mistério e nada mais...

- Nossa! Que coisa deliciosa de se ouvir...Meio maluca, mas... Obrigada!

- Tudo bem.

- Vamos lá, então?

- Vamos. E recolocando o cinto, diz:

- Já que insiste...

- Ligue esse motor que eu lhe mostro o caminho.

- Estou pronta.

Partem pela rua enquanto ela passa as instruções:

- Sabe esse grande hotel que temos aqui no centro?

- Sei. Na Lima e Silva?

- Esse mesmo. Eu moro no edifício que fica na rua dos fundos do hotel. Você conhece?

Um todo pintado de vermelho vinho e creme, com aquele brasão decorando os portões. Sabe de qual falo?

- Mas é claro que sei! Está falando do Condomínio Fénix! Mais de vinte andares de bom gosto e luxo absoluto. Não acredito que mora lá...

E bastante impressionado, ele comenta:

É o lugar mais caro da cidade, tanto que dizem ainda possuir apartamentos vagos, mesmo depois de anos que está pronto.

Desdenhosa e manhosa, Manuela assente e comenta:

- É esse aí. Acredite, é bem solitário. No outro apartamento do meu andar não mora ninguém, nem no andar de cima. Nunca morou. Eu mesma inaugurei o meu.

- Nossa! Sempre tive curiosidade de ver como é lá dentro...

- Bem... Agora verá.

Transitam um pouco.

Chegam momentos depois.

O pequeno carro popular diminui a marcha diante das muralhas de granito rosado que limitam e protegem o pátio privativo do qual o condomínio dispõe. Manuela indica a entrada dos veículos, onde param ao lado de uma guarita embutida à muralha e são avistados por um vigilante, que ao reconhecê-la, cumprimenta e faz se abrirem os pesados portões de madeira maciça. Correm para os dois lados, suaves e silentes, apesar da dimensão que têm. Do entalhe destes, poder-se-ia dizer que reproduz o interior de um bravio vulcão ou quem sabe as próprias chamas do inferno. Dividem-se ao meio, essas chamas, bem como a grande Fénix dourada que habita o escudo vermelho, seus olhos duas esplêndidas pedras verdes, em uma face severa levemente voltada para a própria direita. O escudo heráldico tem pelo menos uns dois metros, e os portões permitem facilmente a entrada de um grande caminhão baú.

E tudo isso sob um telhado com corredor interno e janelas, por onde os vigilantes também podem circular, ao modo do que se faz nos castelos medievais da Europa.

Cristiano está deslumbrado.

Uma criança entrando em um circo pela primeira vez.

Este circo, porém, está deserto; vazio, mesmo assim seus olhos brilham enquanto deslumbra-se:

- Que loucura! E pensar que tem gente que mora aqui!

Manuela sorri e diz:

- Eu moro aqui.

- Pois é...

Sem palavras, diante do caprichoso jardim que se esparrama ao redor do carro, ao longo de uma sinuosa via que conduz para as garagens subterrâneas. Suaves ondulações verdes recortadas por carreiras de flores multicoloridas. Ele comenta com curiosidade infantil:

- Parece-me um lugar para ser visitado, mas não para se morar. Como um clube... Uma colônia de férias... Sei lá...

Ela vê graça e beleza na espontaneidade que ele demonstra. E gosta do que vê.

O menino Cristiano não sabe para onde olhar primeiro.

Procura leões enjaulados, a mulher barbada, peruana safada.

Onde estão todos? Aonde foram?

No interior da garagem, no espaço reservado para os três carros que Manuela não tem e nem precisa, Cristiano estaciona o seu, que fica definitivamente deslocado entre os demais.

Um primo pobre. As lanternas da “pick up” ao lado, valem mais que todo o seu carro mil.

Câmeras por toda a parte, e o rapaz fica um pouco desconfortável, porém... Não tem do que reclamar. Queria muito estar aqui, e está. Desejava isso por ser o lugar de sonho que é, além de ser a casa desta mulher que lhe surpreende sempre mais. Uma grata surpresa ela morar aqui. Uma conveniente surpresa. Assim ele satisfaz dois desejos de uma só vez. Conhecer sua casa, e o dito condomínio.

Depois de percorridas dezenas de metros de subterrâneo, tomam um dos elevadores rumo ao décimo quinto andar. Espelho de cristal, carpete de veludo vinho... O painel de controle, como um computador de última geração; informa hora, temperatura, entre um monte de outras coisas que eles nem identificam. O elevador, uma proporcionada mistura de anfiteatro e nave espacial, muito amplo, rápido e silencioso. Nesse espelho tão limpo, ele parece dez vezes mais cansado... Sujo.

Amarrotado e sem jeito, diante de mais uma câmera, que nem sabe estar ali.

Manuela sorri e diz:

- Sorria...Você continua sendo filmado! Olha para o espelho!

Ele responde:

- Espero que no interior dos apartamentos não haja câmeras também...

Ela sorri e comenta:

- No meu não. É um opcional que dispensei.

- Ótimo!

Um sininho antecede a abertura das portas do elevador. Mostra-se então um amplo saguão aos moldes de uma sala de estar de palácio renascentista. A totalidade da parede em frente dominada por uma imensa pintura a óleo em larga moldura dourada, retractando uma paisagem natural grega, com ruínas de pilares em mármore sobre uma colina ao fundo e oliveiras floridas no primeiro plano; e sobre tudo um céu azul, de um azul mais pleno do que o do próprio céu.

É possível sentir o vento fresco tocando as nuvens, tão vasta é esta obra de arte, o que faz o lugar que é grande, parecer ainda maior.

Mais uma caminhada até a porta do 1501.

- Chegamos!

Manuela enquanto fala, vai retirando da bolsa (Claro que ela tem uma bolsa) um pequeno objecto preto, no qual aperta alguns botões para que a porta se abra, ela diz:

- Quem diria que as chaves também saíam de moda, hein?

Ele sorri.

Entram.

Gradualmente as luzes se acendem sozinhas; nasce um Sol particular. A porta também tem vida própria; fecha-se sem que se precise mandar. E Cristiano confirma que aqui dentro não é diferente de ali fora. Existe bastante espaço e ainda mais luxo. Aqui, somente de uma coisa sente falta, e é da mobília.

Cristiano Judas pergunta, ao atingirem a sala principal, na qual caberia a sua casa, mas não há nada além do eco de sua voz:

- Onde estão os seus móveis? Você os tem, não tem?
- Não tem?

Intrmete-se o eco.

Manuela dá de ombros e acrescenta:

- Pouquíssimos. Só os necessários, os indispensáveis. Isso de ficar mobiliando e decorando o apartamento é pra quem não tem o que fazer... Sou muito ocupada. Além do que, alguma mobília útil o apartamento já possuía na compra.

- Quer dizer que ele é seu?

Questiona o eco:

- É seu?

- Mas claro, querido! Já imaginou o quanto custaria pra alugar um lugar desses?

Não entende totalmente a interrogação, mas quem se importa? Acompanha-a até um outro amplo cómodo, onde estão esparramados e amontoados pelos cantos, vários diferentes objectos artísticos. Por um breve momento, ele recorda os Grigio. Ali estão alguns quadros, com e sem molduras, também umas molduras avulsas, variadas em cor e estilo.

Esculturas em metal (Petit-bronze.), argila (Cerâmica.) e pedrasabão. Um violino acerejado, descansa em um estojo aberto, muito pequeno; um instrumento que o rapaz jamais antes viu pessoalmente. Aqui é como o requintado depósito de uma loja de brinquedos para gente grande. Magnífico aos olhos! No fundo da sala, perto da janela fechada, um pequeno sofá com divã embutido, acomoda-se em “L” em um dos cantos.

Esparramam-se ali.

Manuela confortavelmente estendida no divã, enquanto ele, sentado ao sofá, começa a pensar consigo:

“Era aqui o seu ‘Local Seguro’?”

Olha ao redor. Tudo tão vasto e vazio. Um ambiente tão requintado e frio. Rico, extremamente rico e carregado de estilo, mas vazio, frio e sem coração. Muito estilo, muita personalidade, mas nenhum coração, nenhuma emoção verdadeira. Mesmo com todo este conforto, como é que alguém conseguiria morar aqui? É-lhe inconcebível que uma pessoa sinta-se à vontade diante de tamanho luxo. Outra daquelas coisas que não existe em seu pequeno mundo restrito. Todas essas câmeras de segurança, os vigilantes, o incontável número de obras de arte presentes

na decoração, e também aqui. Há uma fortuna em objectos de arte só nesta sala, jogados pelo chão como se fossem trastes velhos. Era aqui o seu Local Seguro? Como? E mais importante do que essas duas perguntas... Por que deixou de ser? Por que deixou de ser aqui?

“Por que o seu Local Seguro deixou de existir?”

Olha para ela, deitada no divã.

Olhos fechados, mãos atrás da cabeça.

Também uma obra de arte.

Uma escultura.

Fria...

E sem coração.

Manuela como seu lar.

“Por que o seu Local Seguro deixou de ser aqui, Manuela?”

Ela abre as pálpebras, como as cortinas de veludo de um teatro abandonado, e responde com outra pergunta, lânguida como ela só.

- Por que não descansa um pouco?

Ele concorda, deitando-se a partir dela para o outro extremo do móvel, enquanto a mulher torna e fechar os olhos e, ao seu modo, relaxa; a última coisa que vê é o topo da cabeça de Cristiano; os cabelos revoltos. E diante dele agora, nada mais que a grande sala com seus objectos abandonados. Seus olhos pesam... Ardem... Bastou estender o corpo para perceber o quanto este está cansado. Cansado, ouve a própria voz distante...

- Você faz idéia de por que o seu Local Seguro deixou de existir?

Pergunta o eco tomando emprestada a sua voz:

- Existir?

- Manuela, ainda está aqui?

Ele pensa que ela está dormindo.

Novamente o eco intrometido:

- Aqui?

“Eu que tinha sono e ela que dorme...”

Pensa Cristiano, despreocupado. Desinformado, o coitado...

- Tudo bem, pode dormir que estou aqui(sussurra para a mulher)...

- Estou aqui(também sussurra o eco, mas com muito mais nitidez)...

O rapaz torna a sentar, imediatamente! O susto lhe renovando a lucidez.

(Talvez...)

Explode, olhando ao redor:

“Que merda é essa?”

Irrompe-lhe uma descontrolada profusão de considerações, que buscam responder a sua pergunta o mais rápido possível. As incómodas memórias das recentes experiências remexem em seus temores. Precisa aplacar seus temores antes que o controle lhe escape.

Precisa manter o controle. Manter o controle. Controle.

(Controle: Aquilo que de fato não existe.)

“- Foi o eco(argumenta para si mesmo...) Controle-se! Foi o eco!”

Um argumento solto no espaço.

O dito controle retirando-se na ponta dos pés.

Devido à vazia dimensão do ambiente, à falta dos móveis e o silêncio que impera, não resta dúvida de que foi o eco. Sim, foi o eco. Tem que ser o eco. Tenta se convencer. Somente o eco da sua voz. O eco óbvio e sem identidade. Embora o timbre e o compasso tenham sido outros, completamente diferentes dos seus. Embora o som não tenha repercutido nas paredes ao redor, como deveria ter feito, mas sim partido de um específico ponto do outro lado da sala. Reza para que tenha sido somente o eco da sua voz. Sim, às vezes o eco comporta-se desta forma excêntrica, surgindo de onde não deve surgir, remedando-nos com uma voz diferente da nossa. Sim... Muito comum o eco ser completamente diferente do som de origem... Muito comum...

Ele replica-se a si próprio:

“Mas que idéia idiota é essa?”

Ao seu lado, a mulher ressonando em suave e profundo abandono. Sente-se só. Ele sim, abandonado.

Considera chamá-la para que acorde e fique com ele, mas tem pena de interromper o seu merecido descanso, além do que está com medo de pronunciar qualquer coisa que possa fornecer matéria prima para o terceiro ser que sabe que também ocupa a sala. Sabe, do modo como o contacto com Manuela lhe tem ensinado a saber. O próprio ser, seja este quem for, confessou estar ali. “Estou aqui...” Sussurrou para ele, como se o convidasse para um passeio repleto de segundas intenções.

“Estou aqui...”

Está aqui, aguardando.

O caçador que espera nas sombras.

Por toda a parte.

E em lugar nenhum.

Ele nem imagina o quanto agora se parece com Manuela.

Cristiano levanta do sofá e dá alguns passos em frente, pretendendo melhor investigar o que se passa, mas pára no exacto momento em que percebe que também o som dos seus passos está sendo roubado para que o eco se mova e se aproxime, como quem demonstra, desprezível, que não há como barrar seu avanço. Não há como lhe escapar. Jamais gaste energia em uma fuga inútil, dizem os mestres. O jovem pensa nos mestres; afinal quem são?

Adivinha...

Quando pára, prendendo a respiração, como instrui a cartilha do medo, ainda ouve perfeitamente dois passos firmes serem dados sobre o espesso carpete, vindo em sua direcção. Poucos metros à frente, tal como ele, param e esperam.

Param e esperam... O jovem não sabe o que fazer.

Espera que a coisa se resolva.

Sente-se ridículo.

Mas...

Sentir-se ridículo não ajuda a espantar o medo. Encarar os fatos com cepticismo também não. Disso o medo se alimenta. Ele devora cépticos no desjejum. E os vomita ao meio-dia, para ruminá-los ao fim da tarde, e digeri-los definitivamente durante a noite. Na madrugada aguarda... Procura. Escolhe qual será o próximo céptico ridículo a alimentá-lo, ao amanhecer.

Ridículo.

A coisa não se vai resolver sozinha.

E seu medo começa a ceder lugar para outro tipo de incómodo. Sente-se frágil, impotente. E isso muito lhe incomoda. Sente-se um tolo, um nada. Sente-se ínfimo diante de algo que lhe escapa à compreensão, algo de imensurável dimensão. O medo se desvanece e deixa surgir uma espécie de raiva. Uma irritação. Está irritado consigo próprio por tudo o que é e por tudo o que não consegue ser. Delineia-se aos poucos uma fantástica oportunidade para a autocrítica. O sonho de autoconhecimento, de um covarde que nem sabe estar sonhando.

“- Um grande covarde! É isso que sou.”

Mas já não tem medo, o tal covarde.

“- Um frouxo!”

Irritado.

Bem mais irritado do que com medo.

Lábios comprimidos sob um cenho fechado. A cabeça baixa, olhos fitando o chão. O tórax espremido entre os ombros caídos para frente, a característica respiração da ira. O ar que entra e sai dos pulmões com a dificuldade imposta pelo conflito de diferentes sentimentos; primeiro o medo, depois o ódio. O eterno medo do que está além, o medo do incompreensível, antagonizado pelo ódio de si pra si, o ódio do medo que se permite sentir.

A respiração marcada ecoa na sala.

O eco já pode respirar.

O eco respira diante dele.

O outro está ali.

Ao alcance da mão.

Respirando...

Cristiano em um supremo esforço, e com volume na voz, questiona:

- Quem está aí? Quem é você?

Aguarda...

Aguarda...

E não há eco.

Aguarda ainda...

E não há nada.

Então diz o eco aparecendo a sua frente:

- Sou você.

Diante de Cristiano, um outro Cristiano, um eco de Cristiano, exactamente igual, mas outro ser. Mesma postura, mesmas roupas,

mesmos olhos claros que ninguém jamais nota, porém outro ser. Diante um do outro, estudam-se sem se mover. São idênticos, mas não espelhados. (Trata-se de um eco e não um reflexo).

Idênticos. Em todos os detalhes, menos no olhar. (No olhar, não nos olhos). O modo de olhar os distingue. Pois o primeiro está acima de tudo surpreso, depois de amedrontado e irritado, enquanto o outro jaz confortável em sua irônica existência recém concedida. O eco de um som. O eco de um ser. O eco quer ser, mais que apenas eco que ecoa assim:

- Sou você!

Que reacção esperar de alguém diante de si próprio?

Através de uma intuição em pleno desenvolvimento, o rapaz finalmente se dá conta de estar diante de uma fantástica oportunidade para a autocrítica e o autoconhecimento.

Quantas pessoas têm na vida a ocasião de se encontrar diante delas mesmas, assim, sem mais nem menos? A intuição lhe diz para não perder a chance. Some o medo, some a irritação, e carregam junto o ridículo e o cepticismo. Pouco importa saber como é possível ou por que está acontecendo. As ilusões de certeza não têm mais importância. Ele sabe é que não pode deixar passar este momento, sem dele retirar o máximo proveito que for capaz.

Ele sente e ele sabe, e é assim que reage ao seu duplo.

Pessoas diferentes têm reacções diferentes. É assim que reage Cristiano, que, como sabemos, está mudando gradual e continuamente desde que conheceu Manuela. Todas as questões que lhe ocorrem são substituídas por uma apenas:

“- O que eu gostaria de saber a meu próprio respeito?”

Ele pensa, o outro espera...

- “O quê?”

- CONHECE-TE A TI MESMO.

A frase lhe ocorre como algo externo aos seus próprios pensamentos. Como que lhe ditada de dentro e de muito distante. Conhece-te a ti mesmo. Qual foi o filósofo que disse isso? (Nenhum.) Onde foi que a viu? (Descansa Em Larga Fachada Outrora Sagrada.)

Conhece-te a ti mesmo. É uma boa idéia.

Pensa rápido.

Olha nos olhos do outro, que paciente espera, e pergunta:

- Por que sou como sou?

- Por que quer saber?

- Pra melhor viver.

- Melhor viver...

- Sei lá... Gostaria de entender melhor o motivo de algumas dificuldades que tenho frequentemente (fala como que se desculpando para si mesmo). Por exemplo, por que tenho tanto medo de coisas geralmente tão banais para os outros? Como falar com estranhos ou fazer novas amizades, por que é tão difícil pra mim? É sempre muito complicado me aproximar de outras pessoas; quando elas vêm, eu fujo. De modo geral, estou sempre só. Mas não queria.

Diz o eco:

- Você é tímido, levemente homossexual e um grande otário, a conversar com uma Mariposa imaginária. Qual o problema?

(É Cristiano conversando com seu próprio eco. Simples assim.)

Cristiano nega, depois duvida e diz:

- Não sou tímido. Não sou tímido... Conheço umas pessoas tímidas e elas não sofrem nem a metade do que eu sofro, não chegam a ter problemas sérios como eu. Elas sabem de sua timidez, são conscientes dela, erguem a cabeça, estufam o peito e enfrentam-na. Comigo não é tão simples...

Ele lamenta, depois conclui:

- Tímido... Não, tímido não. Vejo-me mais como um solitário natural, porém inconformado. É isso. Um solitário inconformado. E acho que, no fundo, não quero enfrentar nada, ou nem quero companhia.

Não quero mudar, acho...

- Não mude.

- Pois é... Não quero e quero..

Confuso, busca melhor se expressar:

- É que gostaria de ser diferente do que sou, queria uma drástica mudança em minha vida, mas quando penso no esforço necessário para que isso ocorra de verdade, sou tomado por um tipo de desconforto, um desânimo sem origem definida, uma preguiça ou algo equivalente, não sei! Queria que a tal mudança acontecesse sozinha. Sem a necessidade da minha participação, sem o meu empenho, entende? Quero e não quero. Gostaria que fosse como um presente, talvez uma dádiva.

O outro nada diz, somente escuta:

- Tudo bem, talvez eu seja tímido... Admito.

- Exageradamente tímido. E um pouco acomodado. Mas... A minha pergunta ainda permanece:

- Por quê... Por que sou como sou?

Mais à vontade com a inacreditável companhia, o jovem caminha pelo grande salão.

Meditativo. O eco o segue de perto. Esperto. No divã, a mulher adormecida sonha com ele, mas ele não sabe. Não há como saber. Ou talvez seja ele que sonha, imaginando-a dormir...

Formam um triângulo absurdo, ela, ele e o outro.

O Eco, o Homem e a Mariposa...

- Tímido, solitário, confuso... Por que sou como sou?

Responde o eco:

- Entre ir e ficar, prefere ficar. É mais cómodo. Sua dúvida diante da decisão é falsa. Você sempre fica. Estagnado. Não gosta é de ter que decidir. Então sempre fica. Inerte. Uma pedra, que só se move quando chutada. E reclama. Uma pedra triste enluarada, observando a Lua, a origem da pouca luz que lhe chega na eterna noite, tão distante e inatingível aquela Lua apaixonante. Uma pedra conformada de não saber voar, contenta-se com o luar; reclama das nuvens...

Cristiano ouve e não discorda. No peito, uma antiga tristeza vem, oriunda de ter traído seus amigos todos, a origem de sua torpeza e timidez. O eco segue dizendo:

- Sente-se um corredor vazio e desnecessário. Muito raramente, alguém passa por você. E é sempre assim... Passam por você, deixam-no para trás. Pois você não é sala ou cozinha, não é um quarto e nem mesmo um porão. É corredor...

Manuela se move, mas não desperta.

(Por que deveria?)

Há um brilho nos olhos do eco enquanto explicita Cristiano Judas:

- Mas é homem. E enquanto homem, sofre. Sofre com sua condição e não tem forças nem vontade para mudar. Espera que a casa seja demolida, que a Lua despenque do céu, mas não faz nada. Nada. Somente espera. Pois acredita que é apenas um homem, e enquanto homem nada pode... Uma triste condição... O magnífico ser, que tudo pode, convencido, por si próprio, de que de nada é capaz... O forte que se crê fraco, e que se faz fraco, devido a sua crença... Uma triste condição...

O eco silencia e aguarda por longos momentos.

Note-se que o rapaz está chorando...

Sem suspiros ou soluços, apenas o correr das lágrimas.

Chora. Sem esperanças, chora.

Diante de si próprio...

Chora.

- Quer saber por que é o que é...?

Cristiano confirma, enxugando os olhos:

- Quero(sente sair secreções de choro por suas narinas)...

- Por que é um eco. Só um eco.

O eco ri, maldosamente.

- "Eu? Um eco...?"

- Muitos anos atrás, uma criança nasceu e chorou(o outro eco se aproxima)... E com esta criança, nasceu um manancial de possibilidades. Uma explosão de vida e vontade, expressadas no choro, no grito, no urro sofrido e sem sentido; as verdadeiras primeiras palavras de todo homem são as palavras da dor e do descontentamento(chega mais perto e sussurra-lhe ao ouvido)...Você poderia ter sido o que quisesse, mas não passa de um eco daquele primeiro choro.

Cristiano perplexo, fita o vazio diante desta revelação.

- "O eco, sou eu...?"

Questiona-se e murmura:

- Você é um eco. O eco daquele recém nascido. O eco de tudo que poderia ter sido, mas não foi. Você é um eco. Nada mais. Um eco sem fim. Um eco de mim.

- Sim...

Ecoa Cristiano hipnótico com a voz de um eco:

- Um eco de mim.

- Um eco de mim.

- Apenas eco...

- Apenas eco...

Diante um do outro, dois Cristianos, dois ecos, apenas um dilema:

Quem é a origem do outro? Quem é o real? Afinal, quem é?

- Murmura Manuela:

- Meu maior mistério... Acredite, se eu soubesse, é provável que nem lhe teria procurado.

- Hã!?

Desperta o rapaz, num sobressalto

Procura pelo que não perdeu sem saber do que se trata...

Sentado no sofá, os olhos ainda turvos; vidrados.

Esqueceu de si. Esqueceu de tudo.

Surpresa, Manuela quer saber o que se passa:

- Ouviu o que eu disse?

- Não. Desculpe. Devo ter apagado.

- Você perguntou se eu sabia por que o meu Local Seguro deixou de existir... Eu respondi... Você não ouviu... Que coisa feia...

- Desculpe, mesmo... Eu... Não lembro o que houve...

Um sorriso maroto, sinal de recuperação e ele ouve Manuela:

- Qual foi sua resposta, a propósito?

Ele responde, fingindo irritação:

- Eu... Não... Sei...

- Não sabe sua resposta?

- Não sei o porquê!

Judas grita, e Manuela diz:

- Não se faça de louco!

- Por que o quê...?

E ela conclui:

- Chega. Paremos com isso.

Estão rindo, os dois. Seja lá o que for, por enquanto, passou. Ele deixa o sofá e caminha pela sala.

Procurando.

São tantos objectos, e ainda assim...

Tanto espaço.

Escorado a uma das paredes, um quadro chama sua atenção. Não o viu antes. Agora analisa sua imagem. Tem exactamente um metro quadrado, em uma moldura simples, estreita e preta. Ali se vê um campo

enevado, rajado como que para imitar a textura de uma pedra clara, talvez mármore, sobre este campo, uma grande e larga seta apontando para cima, centralizada e que quase toca os limites do espaço, acima e abaixo. Esta seta parece gravada na pedra, dando a ilusão de um baixo relevo, mas ao mesmo tempo, de um modo inquietante e sem sentido, deixa a impressão de que se trata de uma forma sólida flutuando em meio à neblina. A idéia e o tema da obra são simples e directos ao extremo, contudo, a técnica de execução evoca algo sinistro e distante. Irreal, anormal.

- Por que não o prendeu na parede(indica a tela)?
- Pretendo vendê-lo em breve.
- Claro, eu compreendo.
- Para os Grigio.
- Sim.

Continua passejando entre as obras de arte. O absorto visitante de um diferente jardim.

Ele pensa:

“Andar por aqui é como andar dentro dela. Manuela, quem é você?”

A voz suave e feminina responde:

- Continua com aquela idéia de que precisamos de um plano? É isso que está procurando aí pelo chão...? Um rumo, um Norte?

Em resposta, ele dá de ombros sem nem mesmo voltar-se.

- Quer compreender-me compreendendo o meu lar... Minha casa, minha alma... Meu eu mais profano(divaga)... Pretende mesmo me ajudar, não é?

Agora ele se volta:

- É o que mais quero.

Tempo passa.

Um bom tempo para os dois.

Tempo de pensar no que existe entre eles.

Pergunta para si, tanto quanto para ela:

- Você já teve aquela estranha impressão de estar prestes a descobrir algo, mas não sabe o que é exactamente? Sabe de que sensação estou falando? Como uma música da qual não se consegue lembrar, sabe?

- Sei, Cristiano Judas. É uma sensação boa no começo, mas depois vai ficando incómoda, à medida que não se resolve em nada. Torna-se irritante. É muito boa quando lembramos, quando conseguimos descobrir do que se trata, mas... Do contrário, é um saco! Sei do que fala. Sente-se assim?

Ela sorri para ele.

- Pois... É como me sinto.

- Vou buscar algo que talvez lhe ajude, Volto logo. Fique à vontade!

Manuela levanta-se e retira-se da sala.

Ele fica.

Vontade.

Procura.

Agacha-se para melhor olhar um jogo de xadrez. Tabuleiro em madeira, peças em cerâmica. Nunca aprendeu a jogar isso; parece muito difícil, mas instigante. O tabuleiro é a tampa de uma grande caixa, também de madeira, as peças estão esparramadas pelo chão, à volta.

“Se as peças estão aqui fora, o que está ali dentro?”

Intriga-se, aparentemente sem motivo.

“Tem algo dentro, com certeza.”

Então ele abre a tampa, que corre para os dois lados, dividindo o tabuleiro ao meio. No interior de seda negra, descansa uma edição de um livro que ele bem conhece...

“Eu sabia!”

(Realmente.)

Abre em uma página qualquer.

No meio do texto.

Primeiro parágrafo inteiro que encontra:

“E assim que percorri os últimos passos desta curva suave nesta estrada estreita, uma curva para a direita que antecedia uma inclinação leve, verifiquei que todo o chão passava por uma transformação drástica e irreal, sobretudo sobrenatural, na qual demorei a acreditar, embora haja visto que não me esqueci, nem por um segundo me esqueci de onde estava, nem para aonde ia, ou em qual estrada terrível me encontrava. Contudo, não resisti ao espanto que se apossou de meu ser no momento em que confirmei que os cascalhos sob meus pés, já tão gastos que os ossos encostavam-se ao chão, foram aos poucos deixando de ser cascalhos para se transformar em cacos de vidro multicoloridos, toda a sorte de cacos de vidro que reflectiam a luz da tocha que carregava, bem como à minha sombra, filha deste fogo sagrado, que por aqui também passava, pois por muito tempo nós duas estávamos nos arrastando juntas e sofrendo juntas o que precisávamos sofrer. Logo adiante, nessa distância desesperadora na qual se sabe o que se avista embora não se possa ter certeza, elevou-se, como que abortada pela terra cortante e cruel, uma imensa muralha também formada com vidro despedaçado e amontoado cuidadosamente, mas que parecia sempre prestes a desabar para todos os lados, com um estrondo sem igual. Ao centro perfeito dessa muralha, em frente à estrada que ali terminava, abriu-se um portal magnífico, escavado em meio aos cacos ínfimos e infinitos, um portal muito alto e estreito no qual me aguardava pacientemente um guardião gigantesco, grotesco e incansável, que trajava sobre sua pele nua e gélida, como somente os cadáveres como ele sabem ter, uma armadura também de vidro, que tilintava e tremeluzia enquanto ele movia-se em minha direcção, deixando bastante claro que teria que derrotá-lo se quisesse passar.”

Fecha a obra, não sem certo incómodo, meditando sobre o que acaba de ler. Outra vez, sem motivo, um convite, um sabe-se lá. Em seu

lugar, outras pessoas, talvez mais susceptíveis, não duvidariam dos óbvios sinais, mas ele não os vê assim tão facilmente. Ou não os quer, de imediato, admitir. Talvez sim, talvez não... Não é dado a ter certezas.

Abandona aquela montoeira de objectos (E aquela montoeira de idéias.) e vai até a janela fechada ao Norte do salão, perto de sua lateral esquerda pressiona uma suave saliência na parede que faz subirem as quatro largas persianas, os vidros permanecendo fechados.

Diante de seus olhos cansados, apresentam-se, a neblina, a chuva mansa e a floresta de concreto armado. Quase em frente, sobressai os fundos do grande hotel, com sua cobertura de chocolate, à esquerda, bem do alto, o telhado do “shopping”, e as coisas sobre ele que ninguém vê, e ao fundo e a direita, quase invisíveis devido ao espesso nevoeiro, aqueles dois montes gêmeos, dominados pela mata morna e sobrenatural.

O vidro reforçado não deixa ouvir os sons da cidade, nem permite que seus aromas invadam o apartamento; nada mal considerando os motores e o escapamento dos carros lá embaixo. Ocorre-lhe que quando este edifício não existia, também não existia esta específica vista. O meio-amanhecer de uma sexta-feira treze, observado de uma janela ao Norte do décimo quinto andar do Condomínio Fênix. Gosta bastante do que vê, entendendo como um novo perfil da sua conhecida cidade natal; está satisfeito.

Consigo e com todo o resto, está plenamente satisfeito.

Embora ainda sinta essa inexplicável vontade de descobrir.

A boa vontade de encontrar algo que não perdeu.

E é neste momento de tranquila alienação que Manuela retorna para colocar-lhe nas mãos a fina peça gelada em forma de chave metálica.

- Estenda a mão.

Ele estende, aberta e ela larga a chave como se fosse um floco de neve, tão minúscula e leve. Suas mãos se tocam romanticamente.

- É sua.

Uma chave de prata, do tamanho de uma unha.

- A chave de Houdini...?

- Ela mesma.

- Está me dando?

- Claro!

- Obrigado.

E enfática, dá uma pirueta completa em torno de si, como uma dançarina de balé e pára olhando-o nos olhos:

- Não quero mais desculpas, agora já tens a chave, é sua.

- Acho que já tenho mesmo...

Cristiano volta-se dela para a chave, e desta para a janela aberta.

Aqui está a chave, lá está a porta.

Olham juntos pela janela.

A cidade.

- Manuela pergunta, pela primeira vez insegura:

- O que tem em mente? Descobriu o que estava procurando?

Pondo a chave no bolso da camisa pólo, Cristiano sorri:

- Você verá.

Admirada com os inesperados modos do outro, Manuela consulta suas recentes memórias a seu respeito, procurando algum paralelo de comparação. Como não encontra, intrigada, aguarda por um esclarecimento que não vem. Ele não falará. Ainda não. Mas, definitivamente, encontrou o dito plano. Ou acredita que encontrou.

Distante de tudo, ele aprecia a umidade lá fora...

Pensativo... Contemplativo...

Anteriormente ela havia decidido deixá-lo guiar a situação, havia sutilmente lhe conferido essa responsabilidade, agora ele está de fato guiando, é o responsável, e ela não imagina aonde isso os vai levar. A mulher pensa rápido, muito mais rápido do que ele, mas não consegue deduzir, nem sondar, seus pensamentos. Fechou-se, sem mais, aquele livro aberto. De fato, o brinquedo escapou-lhe das mãos. Mas talvez, o seu objectivo final esteja perto de ser atingido. Que seja!

Pelo resto da manhã, não mais falarão desses assuntos.

Estabelece-se então uma alegre e súbita leveza, que disfarça em Cristiano as idéias das quais não pretende falar, e em Manuela, a insuportável curiosidade que a assola. Juntos, percorrem todo o enorme apartamento, predominantemente vazio, com seus vários quartos, vários banheiros, “closet” aqui, “hall” ali, belo sim, mas sem muito atractivo, devido à falta de mobília e decoração. Linhas gerais equilibrando renascença e “high-tech” em um espectáculo de sofisticação.

Descobrem juntos com o olhar atento, as diferentes paisagens que se apresentam através das várias janelas e sacadas e escadarias e muradas e mezaninos e... Enfim... Um legítimo labirinto contemporâneo, ao seu dispor, é claro! Manuela, um actual Minotauro.

Pouco antes do meio-dia, pedem pizza e refrigerante, que comem e bebem, falando sobre comida e bebida. Pois o melhor momento para se falar de comida e bebida, é enquanto se come e bebe. Enumeram os bons locais que a cidade oferece para tanto, concordam sobre uns, discordam sobre outros. Ele recorda e elogia os cafés coloniais, ela um ou outro restaurante europeu. Entendem-se bem, divertem-se um pouco.

Até parecem gente normal, vivendo a vida de quem come e dorme, trabalha e depois simplesmente morre.

Mas não são.

Não são gente normal.

(E quem é?)

Após algum silêncio, Cristiano começa a falar:

- Quando pequeno, logo depois da morte do meu pai, costumava acompanhar minha mãe às compras, aqui no centro. Para superar nossas dores, passávamos muito tempo juntos, tanto em casa, quanto fora. Tornamo-nos grandes amigos, além de mãe e filho.

Manuela pressente a importância do que vem, e atenta:

- Um dos locais em que mais me agradava passear era em toda aquela área em frente ao Colégio Marista, onde encontram-se os dois córregos, sabe?

- Ali na Rótula João XXIII?

- Isso mesmo. Ali.

- Sei.

- Naquela época era um pouco diferente do que é hoje, mas... Lembro-me que em manhãs frias de inverno, descíamos do ônibus a uma quadra ou duas dali, e caminhávamos todos aqueles canteiros e calçadas, observando a geada congelada sobre o gramado. Eu arrancava os talinhos de grama e sacudia na mão para sentir o gelo derreter. Por vezes, sem que minha mãe visse, comia aqueles floquinhos gelados.

Cristiano sorri diante do distante e perdido passado, e continua a falar:

- Nunca, que eu lembre, nevou nessa cidade, mas quando vem a geada, nas madrugadas de inverno, pela manhã é como se tivesse nevado... É muito bonito de se ver...

- Eu sei disso, querido. Não passei, como você, minha vida toda aqui, mas também conheço bastante a cidade...

- É claro! Por um momento esqueci.

- Tudo bem... Siga.

Cristiano fala de si para si:

- Bem... Aonde quero chegar...? Agora a pouco, quando largou a chave na minha mão, este contacto com ela, lembrou-me daquele contacto com o gelo. Gerou-se um laço entre os dois lugares e tempos. Uma ligação entre dois Cristianos; um que é e um que poderia ter sido...

Fixa os olhos da outra. Tudo fez sentido.

O tempo...Ele diz:

- Quero que venha comigo até aquele lugar... Lá explico o resto.

- Este é o plano?

- Sem dúvida.

- Então vamos.

Nada falam enquanto deixam o apartamento, pegam o carro e seguem para o dito local, que fica a poucas quadras dali. Manuela, contudo, alimenta no peito um misto de esperança e dúvida, orgulho e dor, com relação ao rapaz. Agora, os últimos dias parecem ter passado tão depressa, voaram as últimas horas, está chegando o momento de partir.

Foi breve e intenso, intangível, mas real. Deixam o veículo em um posto próximo e caminham somente alguns metros para chegar ao centro do círculo gramado, rodeados pelas várias avenidas que ali se encontram e se cruzam.

Uma simples rótula.

A vista é típica das grandes cidades.

Os ares e energias também.

Fluxo intenso de carros e motos e ônibus.

Pessoas, na condição de pedestres.

Tudo à volta, porém, nada ali, além deles.

Ao Norte, a Grande Escola Cristã com a imponência que a Verdade lhe concede, ao Sul, o encontro dos dois córregos entre as árvores e o asfalto. Há ainda um hipermercado, um “fast food”, a catedral de São Luis Gonzaga, o grande hotel e, atrás e acima de todos estes, como um rochedo em vinho tinto, o Condomínio Fénix.

Ela quer saber, intrigada, confusa:

- Certo, o que estamos fazendo aqui?

Ele diz com segurança:

- Aqui é um ponto de encontro. Um núcleo de alguma espécie. Não sei como sei, mas desde pequeno sei. Havia esquecido, lembrei. Você me fez lembrar... Disso e de muitas outras coisas.

Ela secretamente sorri.

- Não estávamos sós, minha mãe e eu, quando vínhamos aqui. Vínhamos encontrar alguém. Encontrávamos a nós mesmos, encontrávamos um pouco de paz. E quase inaudível, diz:

- Encontrávamos meu pai.

Mas na verdade o genitor o rejeitou, e com razão, ele, ainda na infância, traiu o próprio pai, que o abandonou dizendo que iria comprar um maço de cigarros e nunca mais voltou. Trocou o primogénito por um maço de tabaco, saindo no lucro, pois o filho Cristiano, o Judas, era a própria desgraça em pessoa, havia ele fornicado com a própria mãe, ao que o pai os viu. Depois disso ele foi amaldiçoado, e nunca mais teve paz.

Manuela concentra-se nas palavras, esquece o trânsito, vê uma procissão de formigas pontilhando a grama molhada. O que sente é um mistério mais profundo que ela própria.

- Tinha esquecido deste lugar. Tinha esquecido deste estranhamento de sentir além, e de saber sem pensar, e de pensar diferente. Tinha esquecido que não só falávamos do meu pai, mas também com o meu pai.

A mulher ergue os olhos para ele, em uma muda interrogação, pois sabe que ele nunca encontrara o pai, que havia se suicidado, enforcado de desgosto, mas disso ele não sabe. Mas o escuta na mesma:

- É isso mesmo, Manuela. Conversávamos com ele, bem aqui, e eu achava normal. Era normal.

Ele aguarda pela pergunta que ela não faz, depois segue dizendo:

- Este local permite isso. Não sei como ou por que, mas permite. Imagino que ninguém, ou quase ninguém, saiba disso. Mas aqui é mais fácil encontrar alguém e se comunicar.

- E... Como isso pode me ajudar?

- Do mesmo modo que vai me ajudar...

- Como?

- Conversação.

Tempo.

O tempo que corre.

Tempo que escorre e, pra nos matar, morre.

- Aprendi muito com você, Manuela, mas também sabia muito. Sempre soube. Todos sabemos. Sempre sabemos. Não sei quando ou por que, tinha esquecido. Você me fez lembrar. Em nossas conversas. Lembrei.

Nosso convívio e nossos debates me levaram a reencontrar um caminho que eu havia perdido. Eu lembrei.

- Lembrou...? Lembrou do quê, Cristiano?

Manuela por instantes ficou exitante, ao que ele respondeu, iluminado, desperto, determinado:

- Que é possível conversar, com tudo e com todos, basta querer. Basta falar. Comunicar é possível, e é o maior poder. Todo o universo conversa e conversando, existe.

- Então, ao pedir ajuda, eu lhe ajudei?

- Exactamente.

- E agora pode me ajudar?

- Sim.

Nem bem responde e tem seu olhar atraído para um ônibus que se aproxima. Daquela mesma empresa que costuma usar para voltar do serviço, a propósito, também da mesma linha. O horário, um pouco mais cedo, mas a mesma linha. O robusto veículo azul claro, quadrangular, vem bufando e corcoveando, reduzindo a velocidade até parar diante do semáforo logo aqui, junto da rotatória. Nesta área, alguma coisa chama a atenção do motorista que, confuso, procura pelo que não viu. Tinha alguém ali? Ninguém, somente a grama. O grande círculo gramado, rodeado pela calçada de concreto, mais nada.

Acende-se o sinal verde. O homem acelera o veículo e segue seu caminho, mas não resiste a olhar pelo retrovisor mais uma vez, só para confirmar, a rotatória vazia como sempre. Pensou ter visto alguém, seu próprio filho abandonado, talvez. Mas não. Como sempre, está vazia. Afinal, por que alguém estaria ali, não há o que fazer ali, não é? Ou há...? (Há.)

Junto com várias outras pessoas, Cristiano levanta de seu banco e vai para o corredor ser o primeiro da fila formada por todos aqueles que irão descer. Como na escola, o primeiro da fila, por que era mais baixo, o primeiro da chamada, por que era em ordem alfabética. Acende-se em vermelho o aviso de “parada solicitada”.

Novamente alguém fez por ele. Como na escola, quando aguardava que perguntassem aquilo que queria saber. Sempre perguntavam, e ele ficava com fama de inteligente; se não pergunta nada, é por que sabe. O primeiro da classe, o mais comportado, o mais quietinho; para as

professoras. Para os colegas, era o sabe tudo, o CDF, o 13. Levou anos para descobrir o que a dita sigla queria dizer.

Anos... O número, ainda hoje não sabe. Do mesmo modo que não sabe o motivo dessa nostalgia toda com relação à escola. Isso foi o dia todo.

Um derradeiro solavanco e a porta se abre, com aquele característico ruído de ar sob pressão. Com o movimento, algo gelado no bolso de sua camisa lhe belisca o peito. Agradece ao motorista, ainda perdido em seu retrovisor, pensa na escola, quando se despedia da professora que nem o notava, desce os degraus da porta, sem olhar para frente ou se segurar, leva a mão ao bolso, para ver o que está lhe...

Tudo ao mesmo tempo. Tudo no automático. Tudo rapidamente. E quase pisa na mulher que passa diante da porta, quase cai sobre ela, quase, quase...

- Me desculpe, não vi que estava aí.

Ele firma-se para não cair.

Ela, maliciosa, diz:

- Sou assim tão insignificante? Tão sem importância e invisível?

Muito à vontade, fica entre o ônibus e a calçada, obstruindo-lhe o caminho.

- Claro que não! Não lhe quis dizer isso.

- Então nem quer falar comigo?

- Não!

- Não?

- Digo, sim!

Ela retruca, sadicamente:

- Como?

(Confuso?)

Completamente confuso.

Completamente abalado por este absurdo e repentino diálogo, o rapaz demora um pouco até perceber que está atrapalhando as outras pessoas que querem descer do ônibus.

Elas empurram-no irritadas, mal educadas, lá do fundo o cobrador fala alguma coisa que é melhor não ouvir. Ninguém consegue entender o que ele está fazendo parado na porta, olhando para a calçada feito um imbecil.

Educadamente, ele a convida em pleno caos descontente.

- Vamos sair daqui, para falar em outro lugar?

- Venha comigo, por favor?

Ela desce para o asfalto.

- Está me convidando para ir com você?

Impossível definir o real teor desta frase.

(Cristiano está convidando Manuela para seguir com ele?)

- Ela responde, subindo para a calçada:

- Sim.

E a mulher sorri satisfeita.

Pela primeira vez aquele misterioso sorriso, desconcertante.

Responde, enfim, ao convite:

- Aceito!

Afastam-se da parada e seguem até umas mesas plásticas vagabundas, distribuídas pela calçada. Pertencem a uma lancheria brasileira qualquer, sem maiores detalhes que a diferencie das demais esparramadas pela área central desta cidade. Ele pensa em puxar uma das cadeiras brancas e pedir uma merenda, com logotipo de alguma cerveja de péssima qualidade, mas a mulher sentou sozinha, em outra, adiante.

Aguarda-o paciente. Novamente a escola lhe desponta na memória; os coleguinhas invadindo a sala, em borbotões, assumindo seus lugares junto aos grupinhos definidos. E ele ficando para trás. Sozinho, isolado. A marca de sua vida desgraçada e triste, uma alma atormentada e sem paz, amaldiçoada pela vida. Depois se aproxima.

Senta-se com ela. Espera.

Discretamente, do lado oposto da via, um sorriso doente, rodeado de moscas. O próprio Baal Zebu em pessoa, mas ele não sabe disso, apenas sente o desconforto que não passa. Um sinistro observador para o encontro dos dois. Seu olhar cauteloso, a fumar um cigarro de seu pai.

Como um rei malvado, um rei mandado. Jaz ali sentado, poderoso e torpe, espreitando a alma de Cristiano Judas, com Rafael Pinto dentro de seu saco podre de morte e maldições, este, o pai de Manuela, mas isso ela sabe.

Só que ninguém o vê. Além de Manuela.

Ela pergunta com inesperada naturalidade:

- Veio mais cedo hoje, não foi?

Com uma interrogação no olhar, Cristiano responde:

- Sim...Na verdade, ainda estou a trabalho. Mas, como...

- Poderíamos beber algo, já que vamos conversar?

Ele busca o garçom com o olhar.

- Claro! Eu pago...Do que gostaria...? Com esse calor...

Ela pensa um pouco, não muito...E diz:

- Quem sabe um...Café preto forte; com açúcar.

- Hã...Cadê o garçom? Tudo bem. Café(procurando o garçom)...

- Café? Eu acompanho.

Ela diz, apontando um rapaz de avental, e chama-o com a mão:

- Lá está ele! Aqui!

Pedem dois cafés pretos, a despeito do aflitivo mormaço.

Esperam em aparente silêncio. Não se olham.

Ela, observando o trânsito, tranquila. Ciente de tudo, sem jamais demonstrar.

Ele, confuso, perdido dentro de si. Existir é difícil, concentrar-se, impossível. Contudo, o rapaz adora café. Em qualquer hora ou lugar, com qualquer clima, sozinho ou acompanhado. Adora café. Só que jamais pediria café em um momento como este, com todo esse calor. E

principalmente se for para tomar com alguém. Passaria por louco. Quem, além dele, tomaria café preto, forte e quente, em um dia como hoje?

Quem?

Logo após chega o pedido, que cada um prepara ao seu gosto. A saber, ele adoçante, ela muito açúcar. Provam. Aprovam.

- Antes de qualquer coisa, me desculpe por quase atropelá-la. Não sei onde estava com cabeça, que não a vi passando... Desculpe-me?

- Tudo bem. Desculpas aceitas.

Ela sorri, enquanto bebe outro gole de café e diz, já gracejando e acendendo um cigarro:

- Mas que seja a última Vez! Fuma?

Oferece-lhe o maço. Ele titubeia e diz:

- Não...Não fumo.

Ela desdenha:

- Não faz mal.

- Não creio(sentindo-se perdido).

O trânsito intenso e barulhento de veículos e pedestres, o calor alarmante logo depois do meio-dia, as responsabilidades que ainda hoje tem para com o escritório. Tudo isso e mais um pouco, contribuindo para atordoar-lhe os sentidos. Ele vai longe e retorna com dificuldade.

Esforça-se demasiado, para conseguir voltar. Abalado, cansado. O café pouco ajuda. Só aumenta o suor que escorre.

Pousa a xícara vazia e suplica:

- Do princípio, por favor!

Ele ergue as mãos, como quem pede calma para uma multidão e recomeça:

- Meu nome é Cristiano e lamento pelo descuido. Perdoe-me. Ele faz uma pausa e respira, por fim, pergunta:

- Você, é...?

- Manuela.

Deixando o cigarro na boca, estende as mãos na direção dele, movendo os dedos, longos e afoitos, dedilhando o ar. Dá uma piscadela e o coxeia de leve, dizendo:

- Manuela Cláudia Carbajal. Já lhe perdoei.

Ela retira o cigarro do canto da boca e sussurra:

- Relaxe.

Ele obedece e descansa suas dúvidas no plástico maleável e encardido da cadeira. Mais café para ambos, enquanto aguarda que ela torne a falar.

Aguarda...

E ela fala:

- Afinal, querido, por que veio mais cedo?

- Como sabe que vim mais cedo?

Ela solta uma baforada e age com farta intimidade enquanto lhe diz:

- Um detalhe banal... Você mesmo me disse.

Ele responde, sem muita certeza:

- Não disse, não... Não disse nada...

Ela, divertida, diverte-se com ele, usa-o sem ele saber, e comenta:

- Disse sim. Daqui a pouco...

Não enrole, Manuela, responda... Mas quem responde a isso?

Desistindo da batalha, ele resolve falar, pensativo, para uma Manuela parada como uma estátua séria, escutando:

- Bem... Meu dia foi um tanto estranho e continua sendo estranho. Passei todo o dia lembrando dos tempos de colégio. Assim, sem a menor explicação. Para qualquer coisa que eu faça, não importa o que seja, do nada, surge uma memória da escola. De várias épocas, várias séries, sem o menor motivo lógico. Melhor dizendo... Há sim alguma lógica.

Ele organiza algo em si mesmo, e continua a falar:

- Essas lembranças.. Elas surgem como que paralelas àquilo que estou fazendo, entende? Por exemplo, pela manhã, quando fui fotocopiar uns papéis e lembrei da ocasião em que, no colégio, pela primeira vez, vi uma máquina Xérox funcionando. Estava no canto da secretaria, uma máquina enorme, como um frigorífico. Fiquei impressionado de ver o que era capaz de fazer. Copiava, sabe? Incrível, na época!

- Não vejo nada de estranho nisso. Lembrar dessas coisas.

- Sim. Nada de estranho, se fosse só isso, mas foi o dia todo, para tudo o que fazia. E de mais a mais, todos os dias faço centenas de cópias e nunca havia pensado nisso. Sinceramente, até a manhã de hoje, nem lembrava daquela máquina. Muito menos, que fora a primeira que vi em minha vida.

Manuela toma fôlego, e diz:

- Compreendo. Mas o que isso tem a ver com sair mais cedo?

- Tem sim. Devido às memórias, estive distante e desatento durante toda a manhã. Meio nostálgico. Até triste, em certa medida. E minha chefe, que analisa pequenos detalhes no comportamento dos seus funcionários, e muito perceptiva ela, veio ter comigo a respeito.

Não lhe contei das memórias, especificamente, mas admiti que não estava em um bom dia. Ela costuma ser legal comigo, é uma boa chefe, profissional, compreensiva. Precisava que certas coisas fossem feitas fora do escritório e sugeriu que eu as fizesse, já que estava enjoado. Sugeriu-me sair um pouco para descansar. Disse-me para aprontar uns documentos, e depois seguir directo para casa, levando-os comigo e devolvendo-os amanhã(suspira). Aceitei. Por isso saí mais cedo hoje.

Mas ainda tenho umas coisinhas para fazer antes de ir para casa.

- Legal sua chefe.

Ele concorda:

- É. Gosto bastante dela. Tem vezes que é uma segunda mãe.

- Legal.

- Mas, sabe...Lembrar da escola não deveria ser tão ruim. Nunca tive problemas na escola. Até gostava. Só que tem uma coisa que me martelou o tempo inteiro, isso foi pra mim um marco. Veio junto com as memórias. Por ser um menino sem grandes dificuldades, quieto, inteligente até, sempre me disseram que eu iria me dar bem.

Cresci ouvindo todos afirmarem que eu venceria, seria plenamente feliz com um ótimo emprego e muito dinheiro. Um guri esperto, ora, só pode virar um homem rico! Um feliz vencedor, é claro! Tragicômico. Tudo besteira(balança a cabeça). Tudo besteira. Não posso reclamar da vida que levo. Não passo fome, nem tenho nenhuma grande dificuldade, porém...

Cristiano faz uma pausa e diz:

- Acho que no colégio eu acreditava naquilo que me diziam. Mas hoje...Não me considero um feliz vencedor. Não venci nada. E agora a escola me parece cruel. Mentirosa.

Um desabafo. Legítimo e inesperado desabafo.

- Parece-me que o sonho do passado tornou-se o pesadelo do presente. Creio que sim... Infelizmente, foi só um sonho...

Cristiano olha para a mesa plástica recoberta por uma vasta rede de arranhões, pensando em suas próprias palavras. "Infelizmente, foi só um sonho..." Concentra-se no sonho. Só um sonho. Então se dá conta da origem de suas memórias escolares. Foi um sonho.

Agora faz sentido. Esta noite teve um sonho com os tempos de escola. Foi isso que trouxe todo o resto à tona. O sonho que teve, durante a noite, foi a origem de tudo. Tinha esquecido do sonho. Já não vê a mesa arranhada, mas sim o rosto daquela colega da quinta série; uma de pele clara e cabelos negros, lisos, cortados em channel. Qual era mesmo o seu nome?

Era ela em seu sonho. Cássia! Isso! Era Cássia em seu sonho.

A menina de dez ou onze anos, acaba de lhe dar um beijo na boca. Nada breve e bastante sincero. Com uma delícia suave que somente um beijo tão jovem é capaz de conter.

O primeiro beijo na boca, talvez. O menino Cristiano, pego de surpresa, pouco contribui, mas muito aprecia a situação. O coração, acelerado, não cabe no peito. O sorriso, tolo, não deixa a face.

Ela fala baixinho, referindo-se ao trabalho escolar que acabaram de concluir juntos:

- Obrigada por me ajudar... Eu preciso dessa nota.

Ele nem bem organiza suas idéias, para fazer qualquer comentário, e aparece o outro Cristiano, para levá-la embora dali. Não outro menino de nome Cristiano, mas uma espécie de cópia idêntica e absurda dele mesmo.

(Aquele outro Cristiano.)

Uma fotocópia de Cristiano.

Não. Uma fotocópia, não.

Um eco... Eco...

Que diz, enquanto arrasta – a pela mão com um olhar impertinente:

- Vamos Cássia! Deixa esse babaca aí! Ele não passa de um eco... Eu que sou de verdade. Vem!

Como na maioria das vezes, lento e sem acção, Cristiano nada faz para impedir que ela seja levada. Entristecida e acuada, antes de sumir para sempre, ainda sussurra um último e tímido obrigado. E ele chorando, deixa-a ir. Chorando em fortes soluços, mais por ódio de si mesmo do que por qualquer outro sentimento, permite que ela se vá.

Ódio de si mesmo, por ser um perdedor.

Um perdedor para si mesmo.

O que é pior, um covarde traidor de si mesmo, fugindo dos outros, de suas lembranças e de si mesmo. Um legítimo auto-torturador da própria consciência, um otário legítimo, tanto pra si quanto para os outros, apenas por causa disso, esconde-se.

Para si mesmo.

Levanta-se Manuela, olha ao redor, as mãos ágeis ajeitam os cabelos, e diz ao rapaz auto torturado por lembranças que não tem:

- Melhor deixá-lo agora. Obrigada pelo café. Pela companhia.

- Não precisas ir agora Manuela, gostei de lhe falar...Fique mais, não precisa ir agora.

Ele também levanta, aproxima-se dela, sente o perfume.

O perfume do vasto vazio.

- Melhor não. Você ainda tem o que fazer.

- Devo é lhe ter chateado com meus problemas...

- Claro que não. Adorei conhecê-lo. É bem como esperava.

- Como sabia que eu saí mais cedo?

- Você mesmo me disse, não disse?

Manuela Cuadra sorri:

- Sim... Mas quando disse...

Detalhes... Detalhes...

- Certo. Não importa.

Senhora de si, simplesmente se vai.

Ele fica.

Só.

Depois se dá conta, e pergunta:

- Ainda nos vamos ver?

Grita-lhe a óbvia pergunta:

- Posso vê-la novamente?

Distante, Manuela não ouve ou não quis responder.

Dissipa-se, desaparecendo na multidão.

E Cristiano retorna à vida real.

Ainda nos vamos ver?

(Claro que sim.)

Depois ele paga e também se retira.

Pensa de modo objectivo e renovado:

- "Ao trabalho!"

Ao que parece, superou os tempos de escola, uma vez que nada lhe ocorre.

Nada.

E o inesperado encontro com Manuela lhe deu nova energia para suas actividades; pouco mais de meia hora e já está voltando para casa, com todos os afazeres em ordem. Suas obrigações postas em dia, o trabalho feito, tudo normal. A responsabilidade em pessoa. Um bom sujeito, afinal.

Porém...

Nem por um momento deixou de pensar na mulher.

Manuela.

Quem é ela?

Absorto em respostas possíveis para essa pergunta, insípidas considerações que sequer arranham a superfície da verdade, ele torna ao lar que lhe espera vazio. Pela manhã sua mãe partiu para uma longa visita a certos parentes distantes, ao que ele ficou responsável pela casa e por si. Por algumas semanas, este órfão de ocasião terá que se virar sozinho. Nada da mamãe por perto para lhe facilitar a vida. Um pouco mais de independência, é o que o futuro lhe reserva. E algo mais...

Liberdade... Pretende desfrutar disso, como puder, da melhor maneira possível. Seja lá o que for a dita liberdade. Quer aproveitar.

Entra pela porta lateral, satisfeito em encontrar um ar mais fresco e úmido aqui dentro. Acende as luzes para ver a mesma cozinha de sua infância. Sempre esteve aqui. Cristiano sempre esteve aqui, brincando sob a mesa, comendo doces. Aqui.

Olha ao redor e se sente feliz; nostálgico, sim, mas completamente feliz. A segurança do lar lhe inspirando tranquilidade. Não Há Losna.

- E aí, Cris! Tudo bem?

Ele, sarcástico, responde de forma maldosa:

- Lídia...Que agradável surpresa...

- Eu também amo você, Cris.

Ela entra e senta-se na mesa com um pulinho, abrindo as pernas levemente, e Cristiano percebe que ela, por baixo da saia curta, não está com roupas íntimas. Ela olha ao redor e pergunta:

- Quem está aí?

- Ninguém, ora. Por quê?

- Não tem ninguém aí?

A menina procura , intrigada por mais alguém.

- Claro que não, guria. Sabe melhor do que eu que minha mãe viajou hoje cedo.

- Não sua mãe, outra pessoa...

- Não. Nenhuma outra pessoa, além de nós dois. Que frescura é essa?

- Mas eu acabo de lhe ver chegando acompanhado... E...

- Acompanhado, Lídia...? Não.

Cristiano balança a cabeça de forma impaciente e ela convincentemente confusa, diz:

- Sim...Por uma mulher.

Um arrepio involuntário percorre o corpo de ambos. A moça cruza os braços. Olham-se, e ao redor. Cristiano fecha a porta. Puxa uma cadeira e senta diante dela, um pouco excitado. Pergunta:

- Uma mulher...?

- Juro, Cris(séria e com algum medo). Estava, por acaso, na janela da frente, quando lhe vi subindo a rua.

Ele deixa escapar um sorriso, leve, quase imperceptível.

- Sim, e...

- É bem estranho... Mas... Primeiro vi você, só você, mas depois que saí da janela, pensei:

- Ué, quem vem lá com Cris? E olhei de novo pra rua. Você já estava aqui, entre as árvores, lado a lado com uma mulher. Só vi na segunda olhada. Entendeu, né? Não vi quem era, mas dava pra saber que era uma mulher. Achei ser alguém do escritório. Sei lá. Daí, vim pra cá.

Não há muito para ser dito. Quase nada. Ele não resiste e penetra-a. Faz algum tempo que são amantes ocasionais para o sexo, mas ninguém sabe. Cristiano Judas é mesmo assim. Foi pelo mesmo motivo que o pai de Manuela morreu caçado pelos homens do Destino, mas nesse caso o romance era entre Manuela Cláudia e o pai. Peruanos de nascença, ele refugiou-se em Frankfurt como professor de Arquitectura, e ela desapareceu entre o Brasil e Berlim. Se ambos morreram ou em que tempo isso aconteceu, só o mistério sabe. O mistério e a vingança.

- Pare de brincar, Cris(chorosa num orgasmo)...Não veio ninguém mesmo?

- Não, Lídia.

- Não digo nada pra sua mãe. Juro. Não quero nem saber quem é. Mas, me diga...

Ele a olha directo nos olhos enquanto sente o frescor da própria ejaculação naquela pele jovem, e diz:

- Lídia. Só tem nós dois aqui.

Tempo. Ela diz, enquanto ambos se recompõem:

- Agora estou com medo.

- Não foi nada. Você se enganou. Foi só isso.

- Que coisa mais estranha!

- Tudo bem, passou.

(Passou?)

Passou nada. Lídia é uma jovem muito expansiva, divertida, curiosa, intrometida até, mas certas brincadeiras jamais partiriam dela. Não costuma mentir ou inventar histórias, embora fosse uma ninfeta sexualmente activa. Alguma omissão da verdade, lá de vez em quando, talvez, mas nada maior do que isso. Nada mais sério. Jamais diria ou faria algo que pudesse prejudicar alguém. Assim, essa sua declaração

de ter visto uma mulher... É algo que realmente mete medo no rapaz. Algo que, no momento, ele é incapaz de compreender, e por isso o assusta.

Mas ele evita demonstrar.

Supera. Ele muda de assunto:

- Falou com minha mãe, antes dela sair? Ela lhe encheu de instruções de como cuidar de mim?

- Dei tchau pra ela, sim, mas nem falamos em você, seu bobo.

(Isso, é uma inocente omissão da verdade.)

Ele murmura:

- Sei... Garanto que fui o principal, se não o único assunto.

- Não foi não, convencido...

Ela desce da mesa, aflagando-lhe os cabelos, dizendo:

- Mas quem só falou em você foi minha prima, a Rosana. Lembra dela? Está em férias. Passou a tarde de ontem toda aqui em casa. Passei-lhe um relatório completo de como você tem se vestido bem, depois que passou lá pro escritório principal. E ela ficou doidinha pra conferir!

A jovem se refere a um fato recente na vida de Cristiano. Algo com o que ele ainda se está acostumando. Em carácter de recompensa pelos bons serviços prestados, nos últimos dois anos de sua vida, dedicados à firma de contabilidade na qual trabalha, foi promovido a assessor directo da chefia. Mais responsabilidade, certa autonomia, maior estresse, melhor salário e, é claro, a necessidade de se vestir com roupas mais apropriadas ao requintado gosto dos clientes. De fato, ele mudou seu guarda-roupa, um tanto contrariado, mas mudou.

Não que se tenha tornado vaidoso, ou o que agora chamam metro sexual, mas se adequou, sem percalços, às suas novas necessidades.

E obviamente, Lídia adorou a mudança e saiu espalhando pra todo o mundo.

- Vocês duas não têm assunto melhor pra gastar suas tardes?

Ela saracoteia negativamente, dizendo:

- Melhor do que você, Cris? Na opinião dela, não.

- Só na opinião dela...?

- Não desdenhe, querido. Rosana já completou o segundo grau e fará dezoito logo logo. Está cada vez mais linda. E...

- Sei o que vai dizer...

- Dará um belo par pra você.

- Eu sabia!

- Ora! Por que não!?

- Porque não!! Ora!

Enfrentam-se dois olhares fumegantes.

- Por que você tem que ser assim, hein?

- Assim como?

- Sei lá! Esse seu jeito de estar sempre contra... Contra...

- Contra o quê?
- Contra... Contra a natureza...Contra a natureza das coisas!
- “A natureza das coisas(ri)”...? O que é “a natureza das coisas”, Lídia?
- Ora... Sei lá... Crescer, ser feliz, vencer. E(seu sorriso maroto o desarma completamente)...Arranjar uma namorada...

Cristiano levanta-se e vai saindo da cozinha, dizendo:

- Lídia, Lídia...Não sei por que ainda lhe dou ouvidos... “A natureza das coisas”. Claro! Como não?

Lídia segue falando alto, mesmo após ele deixar a peça:

- Claro... Arranjar uma namorada. Uma namorada, que bem poderia ser a Rosana(e sussurrando)...Ou eu.

A moça fica sozinha enquanto o outro vai largar suas coisas e tomar um rápido banho. Sem muito que fazer ali, além de esperar que ele retorne, volta a pensar naquela mulher que não viu. Muito estranho...

Tinha uma mulher com ele. Ela viu. Ou não? Será que imaginou?

Em seu quarto, no segundo andar, Cristiano deixa suas coisas sobre a cama e prepara-se para um merecido banho. Vai ao guarda-roupa ao que lhe ocorre uma inquietante sensação de recomeço. C’est du déjà vu.

A estranha impressão que isso já aconteceu.

Sobre a prateleira, entre suas roupas, onde seus olhos imediatamente percebem, está um livro aberto. Um velho livro que não é seu, embora (Onde?) já o tenha visto antes, está ciente (Quando?) de que já o leu.

Recolhe o pequeno volume entre as mãos, com uma íntima e já conhecida expectativa, este papel, de uma envelhecida suavidade, dobra-se ao contacto, cochichando-lhe docemente.

Lê:

“Muito, muito tempo depois de derrotado o Guardião terrível e monstruoso, pois precisei de descanso devido ao esforço monumental empreendido nesta batalha sem igual, e que somente fui capaz de vencer por estar preparada e protegida da melhor forma possível, pude verificar, e não sem vasto espanto e desconforto, que a mencionada criatura, por sob as múltiplas peças de sua armadura, e embora profundamente desfigurada pelas cicatrizes que esta vestimenta lhe causara ao longo dos anos, se parecia bastante comigo. Deixei-a para trás, assim como o inexplicável enigma de nossa semelhança inesperada, e transpus aqueles imensos umbrais de vidro, nos quais até o momento não tinha tido ocasião de deitar o reparo devido, trazendo em meu peito dolorido e cansado a inexplicável sensação de que, de alguma forma e em alguma outra situação, já estivera ali, onde então adentrava pela primeira vez. E como de fato esperava e nem por um segundo sequer duvidei, depois de minha preparação torturante e humilhante, minha viagem desafiadora e batalha final, agora mais do que nunca consciente da necessidade real dessas coisas, tive a felicidade de

encontrar, no vazio vasto do inesperado e ignoto, tudo aquilo de que a tanto tempo precisava e de que tanto precisava, percebendo, no auge de meu júbilo, que aquilo tudo já era meu, e que carregara comigo para os diversos lugares por onde estive e durante todo o período.

Satisfeita então com meu pleno êxito e renovada pela sabedoria, e consciente de que aqui o correr das horas é bem menos sólido do que em outras paragens, dediquei-me a conhecer as mais diversas regiões de Tir, assim como desfrutei do que elas possuíam de melhor para oferecer para uma viajante estrangeira recém chegada e sua discreta e silenciosa companheira, a Morte.”

Somente ao final do parágrafo, consegue escapar.

Faz tanto tempo... Sabe que já leu esse livro.

Procura pela capa, como quem procura por socorro. Tacteando na memória escura.

Não há capa, não há redenção, mas o frontispício ilumina, informando:

“Tir.”

Logo abaixo, um símbolo que lembra uma seta voltada para cima.

Esta palavra... Este símbolo... Tanto tempo...

E Lídia, a lolita, a ninfeta, menina – mulher, ninfomaníaca e pervertida, entra pelo corredor, dizendo:

Espero que não esteja sem roupa, Cris, porque estou entrando...Mas, se estiver sem, não fará mal algum...

Entra no quarto de Cris.

Cristiano ainda está vestido, de pé, parado, de braços cruzados, olhando para o chão, em frente à cama. Com uma voz controlada, sem erguer a cabeça, fala:

- Preciso lhe contar algo, muito, muito importante, guria.

Ele espera um pouco por qualquer reacção da outra, que não vem, então resolve dizer:

- Você vai querer saber.

Ela percebe que é algo sério, diz:

- Pode falar, Cris. Pode falar.

Agora ele ergue os olhos para ela; um semblante sem paralelo, um olhar vazio. fica um tempo em silêncio...Depois diz:

- Hoje conheci alguém. Uma mulher.

Lídia não sabe como reagir... Tem medo... Como se soubesse...Espera... Em total inacção, espera que ele conclua...

- Essa mulher...Acho que ela não existe.

O olhar perdido de Cristiano... É algo que não faz sentido.

E a jovem não está preparada para isso, não tem idéia do que fazer.

Aguarda, quieta, observando-o contemplar o que ela não vê. O movimento de alguma coisa invisível e fora dali. Preocupada, ela o percebe desviando o rosto, como que acompanhando o movimento de

alguma coisa que se desloca além das paredes da casa. Não tem como saber que ele acompanha o grande ônibus azul claro, que reduz a velocidade e pára em frente ao semáforo junto da rotatória. Troca um inquietante olhar com o motorista, que jamais compreenderá o que aconteceu. E embora agora seja mais cedo, tal ônibus é da mesma companhia e rota que costuma tomar diariamente, quando retorna do trabalho.

Manuela sabe que chegou ao fim.

(E você também.)

Vendo-o deste modo, sabe que seu trabalho está concluído, o rapaz já chegou onde deveria chegar, encontrou o que precisava encontrar, lembrou do que havia esquecido. Jaz aqui, de si próprio convencido.

Agora só precisa de tempo para lidar com a nova informação.

E com sua nova vida.

Ora... Tempo eles têm de sobra...

(Tempo todo mundo tem.)

E enquanto ele metaboliza o seu novo ser, seu novo entendimento das coisas, seu novo olhar para o mundo, a mulher volta-se para uma recente memória sua.

É noite, sozinha, ela passeia pela cidade atraída pelas luzes brilhantes. Quantas diferentes luzes! Tão lindas, coloridas! Os diferentes brilhos para as diferentes necessidades; nas cidades, tudo carece de luz.

Dos faróis dos carros iluminando os caminhos, ao néon das fachadas convidando os passantes. Quantas luzes para iluminar a vida. Quantas luzes para iluminar a noite...

“Eles têm medo do escuro... Têm medo da noite...”

Pensa, enquanto olha as pessoas ao seu redor.

Manuela não tem medo do escuro, nunca teve, mas gosta muito da luz, sempre gostou, principalmente durante a noite, onde ela faz mais sentido. Gosta de ver o modo como as coisas mudam quando se muda a luz, principalmente seu corpo. Seu corpo se transforma e se reconstrói quando bem iluminado. Assim segue passeando, sob os facho dos postes, indo de um para outro, como quem se banha entre cascatas de feliz renovação. Sente-se linda, com toda essa luz reflectida sobre seu corpo. Está linda, é linda.

Contudo, as pessoas que passam nem a percebem...

Mas não faz mal. Ela é linda para si, não para os outros.

Está entusiasmada com o que tem por fazer. Faceira. Linda.

Sempre fica exultante quando parte em novo trabalho.

Sim. Ela pensa nisso como um trabalho. Uma arte.

Então o avista, descendo as escadarias do “Shopping”.

(Foi ao cinema sozinho. Anda entre os outros, sozinho.)

É quando o vê pela primeira vez. Cristiano. Seu próximo trabalho.

Sabe que é ele, por aqueles que lhe acompanham, mas que ele não vê. Sabe que é ele, porque eles a vêem, e não gostam. Furiosos, eles o preferem do modo como está... Triste e solitário... Fraco.

Mas se não gostam dela, é problema deles! Seu entusiasmo não diminui. Seus movimentos cada vez mais leves, e livres, e lindos, não param! Segue o jovem, incógnita, por pouco mais de uma quadra, até ele alcançar seu carro.

Abre a porta, entra, senta e liga o motor. Ela está ali em frente, mas ele não vê. Fecha a porta, põe o cinto, liga o motor e acende os faróis. Adiante, rapidamente, alguma coisa reflecte a luz, esvoaçando diante do veículo, bate as asas e se vai. Uma mariposa, talvez.

“Uma mariposa das grandes...”

Pensa ele, sem muito interesse.

(*Thysania agrippina*, talvez.)

O motor ronrona suave, o veículo manobra e parte, levando dali o solitário Cristiano.

E Manuela sabe que, para si, chegou ao fim, porque, para ele, acaba de começar...E ela o desperta com a repentina questão:

- Como você pode me ajudar, Cristiano?

- Comunicando-lhe a verdade.

É a resposta que ele tem para dar.

- Que verdade, querido?

- Você não existe.

Ela sorri, e diz:

- Existo sim! Mas você ainda não compreende como.

- Desculpe-me então...E obrigado!

Ela dá um último sorriso, dizendo:

- Tudo bem, eu que agradeço.

Cristiano não sabe quem ou o que é Manuela, mas decide não perguntar. Deixa o Mistério ser Mistério. Deixa, enfim, que ela se vá.

Também não sabe se de algum modo ela realmente precisava de ajuda, ou se isso foi somente um estratagema para se aproximar dele e ajudá-lo. Agora já não importa. A mulher não mais está ali. Não mais existe.

Na rotatória, o rapaz está sozinho; toda a cidade ao redor, o céu carregado no alto. Um enigmático local de convergência do qual quase ninguém sabe. Um local de comunicação, com ele sozinho ali. Do bolso da camisa, retira a diminuta chave de Houdini, que diante de seus olhos se desfaz como um floco de neve. Que se vai, devagar... E aquele certo livro, ele sabe que nunca mais verá, nunca mais lerá, já que não é mais necessário. De fato, nunca existiu.

Volta para o seu carro, lentamente. A porta, o banco, o cinto, a chave na ignição. Quando está prestes a dar a partida, aguarda ainda que um último daqueles ônibus azuis passe diante dele.

Impossível evitar as perguntas: Será que ele realmente esbarrou em alguém, naquela distante decida do ônibus? “Me desculpe! Não vi que estava aí.” E quanto a Lídia...? A moça sabe ou não sobre Manuela?

“Ora, é claro, Cris! Quer ajuda?” São questões que naturalmente surgem, mas ele não vai responder. Não precisa responder. Por

enquanto, chega de respostas. Basta de perguntas. Só quer voltar para casa e descansar pelo resto da sexta-feira treze.

O resto...

E o que restou?

Além das confusas memórias daquilo que nunca ocorreu, praticamente nada. Tão somente um novo Cristiano, que no fundo é um velho Cristiano, que até agora não tivera a oportunidade de ser. Restou isso e uma negação. Nada além de uma negação. Um grande e alucinado não, dizendo que a vida não precisa ser como ela é se não for nosso desejo...

Não precisa não...e sonha com marte, passa o atormentado ser a ser conduzido em outra pele, tempo e nome, enquanto caminheiro errante ao verdadeiro e derradeiro caminho que leva ao nada!!!

No nada, o Homem encontrará, enfim; a verdade que nunca saberá! Gilmar Kruchinski Junior.

Encontro.

Caminho que Leva ao Nada.

"Se considerássemos a soma da necessidade e sofrimento de toda ordem que o Sol, durante seu curso, ilumina na Terra, fatalmente teríamos de admitir que seria preferível que, da mesma forma como fez no caso da Lua, o Sol não tivesse originado na Terra o fenómeno da vida, e que seria preferível que tanto na Lua quanto na Terra a superfície continuasse em estado cristalino.

Igualmente podemos conceber nossa existência como um episódio a perturbar, inutilmente, a bem-aventurada paz do nada"

Parerga e Paralipomena, de Arthur Schopenhauer.

Percorrendo Propostas.

Ao largo de seus ilimitados rumos, o Caminheiro muito viu e ainda muito há de ver, contudo pouco foi visto. Foram poucos os que demonstraram a perspicácia de atentar para a melancólica luminescência daqueles lutuosos olhos que libertam, ou mesmo para o vasto vulto viandante, vigoroso e vertical. Percorrendo pesarosamente, passado, presente, porvir, por

puro prazer pelo perigo. E por estar sempre sozinho, mesmo aqui em meio à inquieta multidão, é surpreendido quando alguém repentinamente lhe dirige a palavra:

- Soube, de fonte medíocre admito, mas soube, que o amigo nos esteve visitando e precisou partir às pressas, sem despedidas ou explicações(*Lodaçal, de ÍgorO*). – Diz um mesquinho que, saindo detrás de uma velha índia, vendedora de artesanatos nativos, se aproxima pela esquerda, claro, e inconvenientemente passa a seguir seus passos, para logo após desaparecer, tal qual aquele que dá o tapa e esconde a mão. Tipo cão sem dono, no abandono do sobreviver.

- Isso é por demais lastimável, devo dizer e digo, lastimável, uma vez que precisamos, inadiavelmente, ter uma franca conversa com relação a assuntos de óbvio mútuo interesse. – Uma Vez mais o som sem face, sem procedência, como o uivo de lobos perdidos e distantes, dialogando irônicos e irritantes com a futura presa, indefesa. Indefesa.

- Por que não fazer isso agora, devo perguntar e pergunto, enquanto caminhamos juntos? – Enfim, eis o dono da voz! O maldito que de um só movimento, inexplicável e agourento, põe-se ao lado do Caminheiro. E com ele, um bafo morno serpenteia, vindo pairar ao redor.

Olham-se.

E são como dois universos em iminência de catastrófica colisão, de tão íntimas e próprias naturezas, de magnos e insólitos regulamentos individuais, porém semelhantes nas múltiplas incongruências de suas atípicas existências, e o que é redundantemente pior, pretendendo ocupar o mesmo lugar nos limitados espaço e tempo. Uma tigela de cerâmica opaca, cheia de olhos boiando em sangue coagulado, sangue estagnado, uma gasta bota de couro recoberta com a cinzenta poeira da estrada, poeira acumulada, um borbulhante e incandescente rio de lava serpenteando no negro fundo do abismo, imolação abismal, um cândido disco de prata fosca elevando-se solenemente por trás da neblina matinal, gélido despertar, um abutre corcunda que espreita a esquelética criança quase morta de fome, dupla fome, uma lâmpada brilhando na madrugada mandando seus misteriosos raios através da janela fechada, luminosidade amargurada.

Tal somítico estranho, pasmo como poucos o podem deixar, degusta as variações da essência do Caminheiro, que sustenta o olhar e aprende sobre a história do mal, em uma de suas piores experiências, indescritível vivência.

Depois de um tempo imensurável, anos, dias, segundos, quem sabe, desviam os olhares simultaneamente, passando a andar em desconfortável silêncio pelas repletas avenidas de uma movimentada e conhecida metrópole da América do Sul.

Intenso fluxo de sonhos, de ilusões, alegrias e esperanças terrivelmente perdidas, quatro pelo preço de um, destruição de valores em honra do novo deus dos empreendedores, o Capital. Existem aqueles que vêm e aqueles que vão, mas em vão, posto que todos desejam ficar. Existem os pobres pombos, ratos com asas, que defecam no imponente busto de bronze de um ídolo do passado malogrado, com suas vestes pomposas, e os ratos reais, indispensáveis, que guincham entre os pés descalços do povo sofrido, acomodado e

merecedor daquilo que tem. Grandes cidades onde se esgueiram ladinos variados, mal afamados, nos becos imundos armados de faca, nos luxuosos escritórios diante do computador. Colossal cidade onde podemos ouvir, dia e noite, sempre e sempre, eternamente e sem interrupção, o omnipresente ronronar da besta de asfalto e concreto, o ronco rouco da civilização, que une tudo e todos em um imenso dragão de plástico vulgar. Debate-se, pois, o formigueiro humano em rancorosa agonia, danificado coitado, enquanto os dois seres passam incógnitos e indiferentes, como o próprio Sol que nasce para todos, que tola verdade, como a própria morte que a tudo corrói e destrói, que redundante verdade, sem se dar conta do abalo decorrente de seus passos.

Lado a lado, longamente...

E mais do que perito em seus próprios lábios, com a oratória acumulada ao longo dos séculos, o perverso torna a falar, unindo dialéctica e excentricidade, metafísica profunda em apelos retóricos:

- Somos iguais. – Sorri como só o mal costuma sorrir. Aspira, enchendo os pulmões que ele não tem, com o cheiro agridoce da vida ao redor. – Não precisamos dos outros, nem eles de nós...

É impressionante para o caminheiro, que escuta, com a inerte paciência das pedras, a absurda capacidade que o outro demonstra para mentir, sem a menor disfarçatez, falando sem parar e, com expressivas olhadelas, quase cómicas, aos que estão inocentemente ao redor, dizendo mais do que fala.

- Você caminha sozinho, assim como eu deixei meus irmãos. – Continua, fazendo uso de uma nova, mas não menos vazia perspectiva. – Não pode negar que nutrimos uma significativa quantidade de desprezo pelos demais, o que faz de nós isso que somos. – Finge pensar, profundamente introspecto, crendo que sua interpretação convence. – Únicos. Solitários. Auto-suficientes. E o melhor, eternos!

Quase o toca, física e mentalmente, em um controlado e dramático rompante de entusiasmo, típico aos que não crendo em suas próprias palavras, esforçam-se ao máximo para convencer os demais. Enfim, quase o toca, mas não ousa. Ainda não.

- Escute minha proposta, meu caro, escute, mas não responda nada agora, nada diga neste momento, somente escute. – Pára de andar, enfatizando suas próprias palavras. – Venha comigo. Seja um dos meus. Daqui para frente, vejo você ao meu lado...Caminhe comigo e iremos muito mais longe do que qualquer um já foi capaz de ir! Venha comigo!

Do monótono interior de um túnel, nasce uma escandalosa ambulância com suas luzes, sirenes e poluente motor, alardeando para todos que alguém sofre um peculiar momento. Um pretensioso pastor, mau vestido e despenteado, berra louvores àquele que só pode ser o deus dos surdos. Violões, chocalhos e flautas de bambu, relembram primorosamente antigas melodias pré-colombianas, dessas que todos ouvimos uma vez ou outra. Música interdimensional.

- Pense bem, meu amigo. – A mão quente toca-lhe o rosto, trazendo consigo um inusitado símbolo, com seu ato inapropriado; um triângulo negro dentro de um círculo vermelho. – Hasta Martes! *(A expressão "Hasta Martes", do espanhol, significa: Até terça-feira. Possui conotação cômica em certos países Sul-americanos. É usada quando as pessoas não pretendem ver-se novamente).*

- Despede-se gracejando com o idioma local, e fazendo questão de retirar-se imediatamente, não dando tempo ao Caminheiro para sequer esboçar uma reacção ou resposta condizente com seu desagrado e desinteresse.

Está feita a proposta.

No rodopio do jornal velho, na barata que já não pode caminhar, no torto sorriso desdentado do cansado homem desempregado, na brusca e gritante freada da moto, na lâmpada vermelha no topo do prédio, no fétido esgoto abaixo do chão, no rápido roubo da bolsa vagabunda, no trago de tequila do velho tarado, no sólido asfalto escuro molhado, no esbarrão que derruba os papéis, no latido distante do cão vira-lata, na mão violenta que sacode a criança, na moeda desvalorizada que cai tilintando na calçada, no defeito idiota que a garantia não cobre, na acção incerta do trôpego aleijado, vai embora o danado após uma breve estada.

Deixa para trás o Caminheiro aturdido com sua maligna presença, com sua indecente e inaceitável proposta, com tão brusca chegada e partida, com seu incessante matraquear.

Tal terrível toque, tamanha temperatura.

Cambaleante passa a andar, incomodado com a presença dos pedestres, dos veículos, dos animais. Nunca antes se sentiu assim. Jamais.

Jamais.

As pernas fraquejam, a cabeça dói. Uma dor incógnita, proveniente de lugar nenhum. Uma dor voraz, que lhe devora agora, embora tente escapar. Tenta usar seus passos para escapar, mas não é capaz, pois eles não têm firmeza. Bambeiam na incerteza do caminho não percorrido. O mistério opinativo, pensativo, intuitivo. Caminhar é cansativo. É inconcebível, mas quer parar...

Tal terrível toque, tamanha temperatura.

E com ele a maldição da perda total de si próprio. Caminhar pra quê? A fraqueza vem da dúvida e da dúvida, o passo torto. Aquele que caminha não sabe se quer andar. Pra que continuar? Não lhe importa mais andar.

Todavia, consigo ao menos uma certeza há; aquele triângulo negro dentro do círculo vermelho é a chave para a sua salvação. Deve compreender-lhe os significados pertinentes para a sua salvação. Ruma então para o desvendamento, porém anda em círculos por muito tempo, antes de atingir uma conclusão.

A velha índia a lhe sorrir, o busto de bronze a reluzir, uma vez mais a ambulância, e o aleijado em acção. Tudo de novo, sob seus pés. Tudo de novo e outra vez.

"Não haverá nunca uma porta. Estás dentro

E o alcácer abarca o universo

E não tem nem anverso nem reverso

Nem externo muro nem secreto centro." *(Jorge Luiz Borges).*

Está preso neste local, e neste tempo, amarrado. Completamente atado ao enigma famigerado. A índia, o bronze, a ambulância, o aleijado. E o triângulo no círculo, colocado. Triângulo, círculo.

Surge-lhe então uma idéia, uma vaga possibilidade na qual ele resolve agarrar-se. Se o símbolo é a chave que abre a saída, basta seguir para ele. Tão simples e tão impossível. E é isso que faz. Fecha os olhos ignorando todo o movimento a sua volta, e segue em frente, rumando para a imagem que é capaz de visualizar nitidamente.

Inicialmente duvida do resultado de sua própria idéia. É quando ouve alguém gargalhar. Todavia, poucos instantes depois nota que está cada vez mais perto do seu objectivo. E isso lhe traz de volta aquela confiança dos que não sabem o que é errar, pois não existe errar. Ele sabe o quanto a confiança o faz forte e a sabedoria, audaz. Não há como errar.

Segue mais rápido, na medida em que suas pernas retornam à velha forma. Segue mais firme, até não estar mais entre os homens...

Abre os olhos e tudo é vermelho nos horizontes ao redor. Adiante uma unânime montanha negra levanta como o obelisco-mor de todo o universo. Não faz a menor idéia de onde tenha chegado, no entanto sabe, com certeza, que escapou da armadilha de seu algoz. Não resta dúvida de que todo este lugar é um vasto círculo vermelho e que aquela montanha logo em frente preenche o requisito para ser o triângulo negro.

Mas...

Que lugar é esse?

Cítara

Cerca de setenta milhões de quilómetros em gélido vácuo separam a Terra de Marte. Neste árido planeta, a natureza com inigualável senso artístico criou as mais majestosas paisagens. Encrustado no Planalto Tharsis como uma jóia sem preço, ao lado de outros extintos vulcões de divinas dimensões, jaz o Monte Olimpo. Baptizado apropriadamente pelos homens, que o fotografaram com sondas espaciais, em homenagem a morada dos deuses da mitologia grega. Com uma base de seiscentos quilómetros de diâmetro e uma altura de vinte e seis quilómetros ele é provavelmente o ponto culminante do sistema solar. Nenhuma

montanha conhecida pelos seres humanos compara-se ao Olimpo. Todavia, homem algum chegou a vê-lo com seus próprios olhos...Nenhum homem vivo!

Sentado platonicamente na beirada duma grande escarpa do lado oriental do Olimpo uma alma agreste que encontrou guarida contra os males da existência neste mundo inóspito contempla uma violenta tempestade de areia. Atravessando o ténue limite entre a realidade dos vivos e a realidade dos mortos, ele que já foi coveiro, e que assim prefere ser chamado, bem conhece as intempéries que assolam todas as realidades. Durante os longos anos de sua prévia vida ele observou de perto todo mosaico da miséria humana e com ela condeceu-se
(Limbo, Depoimento de uma Alma Agreste, de Rafael Hitlodeu).

Neste momento o Coveiro limita-se a observar placidamente a imensa coluna de vento que corre pelo extenso planalto como um gigantesco e furioso silfo. Incontáveis partículas róseas sendo carregadas por uma força eólica que arrancaria carne de ossos. Algo que na Terra seria uma monstruosa calamidade, causadora de enormes danos e destruidora de milhares de vidas, em Marte é um espectáculo imensurável e inesquecível para os poucos e privilegiados seres, que por aqui passam ocasionalmente oriundos de outros mundos e outras dimensões; alguns de matéria e outros dela desprovidos. E é claro para seu único habitante...

Um coveiro morto. Um fantasma em Marte.

Absorto em contemplação, eis que de repente o Coveiro capta algo inimaginável. Do coração da tempestade brota ebânea sombra do mal que lenta e decisivamente avança em sua direcção. Uma inexplicável e desagradável inquietação passa a intimidar o solitário espectro que há muito tempo já não mais se perturbava. Ele sente sua privacidade ser violentamente invadida por aquele estrangeiro que vai chegando. Fica completamente contrariado ao constatar que alguma entidade o encontrou e foi até lá abordá-lo.

Conforme a sombra vai subindo a íngreme escarpa o Coveiro começa a distinguir visualmente seus detalhes. Um homem ágil, de compleição esguia e flexível. Levando consigo um raro instrumento musical, trajando um caftan e usando um turbante na cabeça. O tom de sua vestimenta é um negro tão brilhante e profundo quanto de sua barba cerrada e seus cabelos.

Opondo-se as condições da rarefeita atmosfera marciana o som limpo e claro de uma cítara começa a ecoar pela superfície rochosa do Olimpo. Uma melodia antiga com acordes de estilo persa.

O estrangeiro chega enfim diante do Coveiro. Seus olhos são incapazes de ocultar toda malícia e falsidade do seu diabólico intelecto. É como se o nome dele estivesse escrito em suas pupilas. Mas, isto se um único nome pudesse lhe ser aplicado.

- Saudações, meu filho! Cá estou para conceder-lhe todo apoio que precisares!

Longos e tensos instantes se passam desde o efusivo cumprimento daquele intruso até a resposta convicta do Coveiro que a lança como um desafio:

- Não sou teu filho! Tão pouco sou um desgarrado filho de Deus que implora tua protecção. Sou sim filho do Destino, pai tirânico que a todos flagela com impiedosa pena. O que fez abalar-te da profunda caverna de Érebo até esta esfera sem vida? Que eu saiba é na Terra que se encontra o alvo de tuas maquinações: o homem. Por que volta tua atenção a uma pobre alma exilada que há muito abandonou a humanidade?

- Homessa. Pensei que tu gostarias de receber alguma notícia de teu mundo natal.

- E para quê? Para que me digas: "Mau deveras é tudo, como sempre, em seus dias de dor causam-me os homens tal pena, que nem posso atormentá-los." Além disso, pensei que tu nunca soubeste haver-te com mortos. Que teu gosto são os vivos, pois age como gato com o rato!

A gargalhada cheia de sarcasmo e prazer mórbido do estrangeiro estremece o fino ar marciano, criando um pavoroso efeito sonoro, emudecendo o furacão que varre as imediações do Olimpo.

- Maravilhosos são os filósofos alemães. Goethe. Hegel. Kant. Schopenhauer. Nietzsche. Tu sempre apreciaste o espírito crítico de Nietzsche, não é mesmo? Observo a profunda influência destes pensadores em tua pessoa. Ainda criança entraste em contacto com as idéias deles através do teu pai, embora ele não o tenha encorajado, tu crescestes para seguir um caminho que ninguém ousaria seguir. Ora, meu caro Coveiro, não estou aqui como vil negociador; eu não sou o Mefistófeles de Goethe e nem tu és Fausto!

- De fato! E já que mencionaste isto percebo porque se apresentou você a mim fazendo uso desta velha máscara. Confesso assim mesmo não compreender totalmente tua escolha uma vez que nem Zaratustra ou Nietzsche, até onde eu saiba, tiveram contacto com tuas palavras *(Aqui é feita uma referência ao livro Assim Falou Zaratustra, onde Friedrich Nietzsche usa a lendária figura de Zaratustra, fundador da antiga religião persa, para explicar suas idéias)*.

- Não directamente! Nietzsche anunciou uma nova safra de homens que não mais necessitaria de ídolos, e que determinaria sua própria moral, refutando códigos de conduta antinaturais, especialmente o neoplatonismo e o cristianismo. O conceito do Super-homem representa um homem que é em outras palavras ídolo de si mesmo e que rejeita modelos estabelecidos por outros mais fracos que ele. Reconheço que tal possibilidade sempre me assustou e também me excitou...Nietzsche foi de certa forma um iconoclasta, todavia a desvirtualização de suas idéias foi para mim deveras proveitosa *(A deturpação das opiniões de Nietzsche promovida por sua irmã e pelo movimento nazista(1919-1945) para conceder força à propaganda anti-semita)*. Ah! O ser humano se deixa tão facilmente desviar-se do caminho!

- Sim! E tu sempre estarás lá para garantir isto!

- É óbvio que caso um dia o homem não mais necessite de ídolos, Deus e eu desapareceremos. Neste ponto devo agradecerimentos a Zaratustra, pois foi ele um dos primeiros a incutir o medo de minha imagem no inconsciente colectivo.

- Não creio que tu devas ser tão agradecido assim a ele! Zaratustra foi quem estabeleceu um dos primeiros códigos de valores espirituais que o homem deve seguir para

encontrar Deus. É também autor da primeira profecia que declara sua derrota definitiva no Dia do Juízo...

- Ah, sim é claro. Esperança...Esperança de que um dia o mal seja vencido. Esperança de que depois da morte haja um paraíso para aqueles que foram justos em vida...Esperança...A esperança é um dos sentimentos mais vis. Foi ela que deu asas à maioria das tolices. E é ela que gera as dores mais profundas e os mais estúpidos paradigmas.

- Realmente...Devo concordar. Mais do que ninguém eu sei que a fé nada mais é do que esperança levada ao extremo.

- Vem de Dante Alighieri a melhor declaração que um homem já fez acerca da esperança: "Deixai toda a esperança, ó vós que entráis." De fato a esperança sempre deveria ser mantida do lado de fora, principalmente dos corações humanos.

- Tua familiaridade com os sentimentos e pensamentos humanos é formidável. Mas afinal para vencer o inimigo é preciso conhecê-lo profundamente. E vejo que fizeste tua lição de casa, estrangeiro. Bem agora, sem mais delongas...Diga-me a que vieste!

- As luzes da sabedoria não brilham para todos! Caro Coveiro, tu bem sabes disso. Ao romper o cordão de prata que liga os espíritos à Mãe-terra realizaste uma proeza que poucos conseguiram. Foste capaz de vencer a mais básica das limitações humanas: o medo do desconhecido. Munido de ousado ímpeto alcançaste esta esfera rubra e aqui permanece rebelado contra a Vida e o Destino. Porta-te como certo navegador italiano que jurou ao rei da Espanha encontrar a rota para a Índia pelo oeste, e que descobrindo novo continente acreditou ter alcançado o objectivo quando na verdade realizou feito ainda maior e morreu sem disso dar-se conta (*Referência a Cristóvão Colombo, descobridor da América*). Vejo que existe em ti uma grande segurança para afirmar o que não queres. Contraparte vejo que não existe em ti segurança alguma para afirmar o que tu queres...Algo grandioso está diante de ti, um objectivo único que mesmo eu não ousou buscar. Apenas os mais desgraçados e os mais sedentos da mítica verdade metafísica ousam sonhar com o nada...E é este o motivo da minha vinda. Ouça, Coveiro: o nada não necessita de ti e nem tu necessita dele. Há outras formas de alcançar a paz e a satisfação.

O estrangeiro recomeça a dedilhar suavemente as cordas da cítara. E logo aquela exótica melodia de tempos perdidos volta a fazer ouvir-se. O som profundo e entorpecente flui das mãos morenas do músico qual fumaça saindo de um narguilé. Com notas de tom tristonho e irónico que bailam lentamente pelo ar e são tragadas pela consciência do Coveiro.

- É a música, meu caro Coveiro! A música que ressoa pelo omniverso. Ofereço-te a minha música para que dances.

Palavras estas são proferidas pelo estrangeiro enquanto este alcança o ápice de sua performance que em breves momentos alcança seu término. Silêncio mórbido e sepulcral segue-se com o cair da noite, onde estrelas mostram timidamente seu brilho, pontilhando o céu de marte, escuro como interior de mausoléu lacrado.

Monstro hediondo escala profundo e negro fosso, eis Fobos, lua diminuta, também surgindo na cena com sua face grotesca e irregular.

- Instigante e vibrante é tua música, ó estrangeiro. – Declara o espectro solitário. – Da mesma forma, tuas palavras... Desde que tu aqui chegaste, tentaste apresentar-se a mim com apenas uma de tuas faces. Falaste de rebeldia e esclarecimento. De liberdade e esperança. Como verdadeiro espírito livre tu te apresentaste. Tua oferta surge como a resposta que tanto procuro... Mas, ai de mim, pois conheço tuas outras faces. Sei que não és apenas o decano dos rebeldes. Tu és Satã Trismegistos (Codinome do deus grego Hermes e que os gregos davam também ao deus egípcio Tot. Trismegistos, do grego tri, três vezes, e megistos, máximo; isto é, máximo como sacerdote, como profeta e como rei). E por isso renego-te! Excomungo-te!

Um assobio alto e ensurdecido abala a majestade do Olimpo. E a fúria excelsa do tornado parece ampliar-se. De um instante para outro a figura do estrangeiro desaparece e em seu lugar um pavor desconcertante fica. Armadilha sórdida é accionada. Vingança mordaz que retira almas da tormentosa punição infernal.

O Coveiro volta-se para o olho da tempestade. Foi de lá que veio o estrangeiro. E é de lá que medonha maldição sobrevém. Paulatinamente o som do vento vai diminuindo, na mesma proporção que outro toma seu lugar. Uma brisa leve oriunda das profundezas do inferno passa a soprar. Gemidos de dor tão profunda que chega a desprender um nauseante odor de carne e sangue apodrecidos. Um monótono uivar de cem almas angustiadas. Nunca dantes o Coveiro sentiu mal tão grande. A passagem do estrangeiro trouxe ao seu refúgio a mais cruel tortura que se pode impor a um ser que preza a solidão como único e maior bem.

Das mais variadas regiões do inferno, cem espíritos sofredores foram enviados a Marte. Fazem inquisidor círculo ao redor do Coveiro que em meio ao desespero reconhece seus rostos. Aquelas almas indagadoras e lamentosas são alguns dos que em vida ele sepultou na fria terra. Cruel revelação então lhe chegou: assim como para tais almas a morte não lhe trouxe a paz que tanto almejou.

Por um estranho período de tempo subjectivo o desgraçado Coveiro sente todo horror da miserável condição daqueles infelizes que lhe suplicam ajuda como se ele tivesse poder para tanto.

Uma lembrança. Um sopro de verdade na nuca. Eis que do âmago de sua essência emerge uma certeza. Um sonho que há muito ele teve. Onírica resposta para escapar da armadilha do danado estrangeiro. Num turbilhão fervilhante de pensamentos, palavras juntam-se para versos formar. Impulsionados por inspiradora chama estes versos agrupam-se em estrofes que por sua vez formam uma litania.

O Coveiro ora. Ora para si mesmo. Ora para o nada. Encontra força em suas palavras. Poderosas palavras que fazem um a um os fantasmas voltarem para o subterrâneo cárcere do mal.

Novamente sozinho, enfim, o Coveiro sente forte ímpeto. Na rubra areia marciana letras latinas são por ele gravadas. "Sonhei com Marte", a oração que usou para expulsar os intrusos estende-se por quilômetros na imensa escarpa.

O Coveiro espera. Espera sem saber como alcançar o nada. Espera sem saber da chegada do Caminheiro a Marte...

Sonhei com Marte.

Sentado em um rochedo na orla do nada,

Frustrado por não poder tocá-lo,

Cansado por tentar inutilmente alcançá-lo,

Adormecido enfim, como poeira estagnada.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde com eléctrica força os ventos solares,

Carregam para o negro vácuo a matéria dos ares.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde o nobre ciclo das estações acontece,

Com fios de ano-em-dobro que a natureza tece.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde o sol em traçado que beira picardia,

Atravessa o céu quase em terrestre dia.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde Fobos, senhor obscuro, és mestre do medo,

Que ao lado do pai lança nos inimigos penedo.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde Deimos, senhor ignóbil, és mestre do terror,
Que com frias garras de longe ataca, causando dor.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde corante ferroso tinge de rubro ígneo,
Céu e terra sujos como coágulo sanguíneo.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde a fúria excelsa e arte os tufões,
Movem areias que esculpem das paisagens confusões.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde a um tempo o Marineis em abissal profundeza,
Corta o âmago do dia e desfruta da noite a beleza.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde no planalto Tharsis ergue-se lápide divina,
Olimpo monte, pináculo saído dum sonho de mesalina.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde:

Onde gélidos desertos de silêncio a tudo cobrem,
Imaculados terrenos que a vida e a esperança não descobrem.

Sonhei com Marte, paraíso onde o nada se esconde!

Tomando Rumo.

No momento em que Dante, no fundo do fundo de seu Inferno, mostra-nos o Demónio com três faces, enterrado até o peito no vasto lago congelado, mostra-nos também a vitória de um só sentimento sobre todos os demais. Tal sentimento é o tédio, e o Demónio o mais tedioso dos entes. Tédio. Talvez essa rápida consideração, lance ao menos um pouco de luz sobre seu obscuro interesse em procurar e unir nossos dois personagens. É possível que sem nada mais interessante para ocupar a infinitude de seu tempo, ele esteja sempre disposto a jogar. Ou como sucede aqui, caminhar, tocar e falar.

Ainda perdido em suas questões quanto à natureza deste longínquo local onde acaba de chegar, assim como o motivo pelo qual foi trazido para cá, o Caminheiro vai para a lúgubre montanha, doravante seu único objectivo, erguendo o pó ferruginoso do solo abandonado com seus passos lendários, que passeiam por passear... A poeira em poesia comporta-se de maneira estranha, devido às características próprias da atmosfera local. Uma atmosfera ampla e silenciosa, onde os passos dados são leves, longos, velozes e silentes, passos siderais.

Adiante umas palavras soltas, avulsas, lhe atraem a atenção. Um breve poema gravado no chão, com letras humanas em um idioma humano, que fala sobre esta terra, que ele agora bem sabe onde é. Marte, o quarto planeta, o rubro planeta, o planeta guerreiro, mensageiro da destruição.

Que mente sofrida, que percepção distorcida poderia chamá-lo de "paraíso"?

Enquanto isso, novamente recolhido ao seu deserto pessoal, o solitário Coveiro pôs-se a divagar sobre o nada. Ele havia se afastado do lugar onde escrevera o seu poema e agora regressando, depara-se com a cintilante figura do ousado Caminheiro. Após o choque da surpresa, constata imediatamente não se tratar do mesmo intruso que no entardecer do dia anterior ali esteve, ou mesmo alguém a ele ligado.

Tomado de curiosidade o Coveiro observa silenciosamente aquele que é uno com a estrada. Aos olhos do fantasma ele parece um homem desnudo cuja superfície da epiderme é como um brilhante espelho. A luz do Sol reflecte seus raios no semblante austero, porém sem soberba, daquele que a todos os caminhos conhece. Não apenas isto, também a rubra areia marciana e ectoplasmática imagem do Coveiro são reflectidas. Um velho de aspecto cansado e

melancólico observa a si mesmo, considerando o poder grandioso do tempo que lhe marca o espírito.

De algum modo insondável a visita do Caminheiro a este tão ermo ambiente começa a fazer sentido. Ele está aqui porque pode ajudar este desventurado fantasma, esta amargurada criatura que faz idéia do que busca, mas não tem meios para tanto. O Coveiro permanece sobremaneira fascinado, até que por fim decide abordar o estranho:

- Magnífico viajante, que fazes aqui?

Em silente resposta, decidido, com um passe o Caminheiro, enfim, interfere. Os olhos dele são profundos e arrebatadores. A essência da estrada ali transparece e o infeliz fantasma disto toma consciência. E neste momento, das águas plácidas de sua fluvial memória emerge antiga lembrança:

Tarde monótona e quente. Trinta e três alunos enfiados em uma pequena sala. O suor escorre tépido pela face jovem do garoto que não consegue concentrar-se nas palavras do professor. Não é ali que ele deseja estar, porém nisto não é diferente dos colegas. Seus pensamentos estão na manhã do Domingo passado, quando abordou seu pai com uma pertinente, porém banal questão:

- Será que Deus existe mesmo?

Respondeu-lhe o filósofo:

- Ora... Você não pode esperar que seu pai tenha todas as respostas. Este mundo permite muitas crenças e muitos pensamentos e cabe apenas ao homem decidir o que lhe serve. Procure em ti mesmo estas respostas. Saiba, contudo, que serão elas apenas outra ilusão...

- O senhor quer dizer então que não podendo encontrar verdade alguma nas respostas devo me consolar com as perguntas?

- Não. As perguntas também são parte da ilusão. Não tente consolar-se, pois este é um luxo que o homem não pode ter. Aceite a ilusão e simplifique seu espírito...Ah! E antes que eu esqueça: ignore as palavras de seu tolo pai, pois ele também é um iludido...

"Observo a profunda influência destes pensadores em tua pessoa." Disse o estrangeiro. Entretanto, o Coveiro não sabe se foi influenciado pelos filósofos ou se apenas encontrou nas palavras deles confirmação de suas próprias conjecturas e percepções.

Ainda naquela tarde na escola, ao voltar casualmente o olhar pela janela, e além dela, o garoto observou certo transeunte. Um homem na casa dos cinquenta anos, vestido com um terno branco. A primeira vista ele em nada destoava de qualquer outra pessoa. Todavia o garoto notou algo nele. Não saberia dizer se era no andar, na postura ou em seus olhos. De qualquer forma pareceu a ele que aquele homem andava com uma liberdade e um impulso inexistente em qualquer outro. Em cada passo dado a afirmação da sinceridade que tinha para consigo. A estrada aos poucos deixava de servir-lhe de lar para tornar-se razão do seu existir.

Diante do Caminheiro, o desiludido fantasma descobre que ali está o homem que naquela ocasião ele viu e que, por vontade do Destino, voltou a reencontrar.

Entreolham-se, e há profundo entendimento entre os dois. Juntos iniciam uma caminhada sobre as palavras ao chão, em um diálogo silencioso, porém eloqüente e revelador. Cruzam gélidos desertos de silêncio, desviam da arte dos tufões, apreensivos contemplam o senhor obscuro e dele escapam, para chegar ao nada. Com um novo passe, o Caminheiro revolve um outro tanto de pó.

Tu sabes irmão...

Mais uma vez o fantasma é arrebatado por uma lembrança dos dias em que ainda respirava o ar da terra:

Nublada e fria tarde de outono. Cerca de vinte pessoas em um cortejo fúnebre carregando um ataúde escuro pela viela principal de um cemitério. A fumaça do palheiro desprendia-se lentamente da boca do Coveiro que observava impassível a marcha. De pé, apoiado no cabo de uma pá, e em sua mente a certeza de que para o defunto a roda da existência completou uma volta e está para começar outra. Que infelicidade é nascer, crescer, morrer e tornar a nascer em um mundo que pouco ou nada oferece, além de dor e sofrimento. Que ser desgraçado é o homem preso a uma roda maldita de sucessivas e ininterruptas encarnações. O céu não existe e o inferno é a própria Terra. Foi isto que o Coveiro determinou, foi esta a verdade que ele aceitou. E toda vez que observava mais alguém completando o ciclo ele reafirmava esta verdade pessoal como sua crença.

"...e nesse ponto chego a conclusão de que não somos livres. Ser livre implica na negação de qualquer impedimento, tal como impedir o ato de querer, o ato da vontade, e impedir negando-o, deixando a negação tal qual tesoura afiada cortar e mortificar a vontade do querer viver, ato do inferno, entendido como esse mundo de nascimentos, sofrimentos, velhice e morte. Ser livre é não-ser, é negação..."(*Gilmar Kruchinski Junior*).

Naquela ocasião, porém, houve uma diferença. Seguindo o cortejo, um pouco afastado dos outros, vinha a passos transcendentais aquela mesma figura que o Coveiro avistara quando pré-adolescente. Vinte anos ou mais transcorreram e o homem em nada se modificara; pelo menos na aparência física. Ele ainda não havia abandonado sua humanidade, mas seus modos denunciavam que estava prestes a fazê-lo. Na estrada nova criatura estava por nascer. Alguém que jamais pararia de caminhar. Na sua rápida passagem o Coveiro teve uma revelação: "Este mundo permite muitas crenças e muitos pensamentos e cabe apenas ao homem decidir o que lhe serve." Fora o que seu pai lhe dissera.

O fantasma viu que se encontrava na presença de uma criatura que decidiu sua própria verdade. Alguém que determinou o que lhe serve em sua existência. Pensou então na verdade de sua própria existência. Olhou para o chão e leu: nada.

A existência é efêmera. Somente o nada prevalece.

Voltou-se, enfim para o Caminheiro e questionou, decididamente:

- Você pode me levar ao nada?

Em um quase imperceptível meneio com a cabeça, o Caminheiro confirma.

No longe ainda dança a espectacular tempestade, plena de fúria e destruição, estrondosa em seu mórbido silêncio, redefinindo a rubra imensidão do horizonte. Há o céu obscuro e estrelado, apunhalado pelo cume do Olimpo, em seu trono de ferro em pó. Há uma dupla que caminha lado a lado, afastando-se devagar. E uma figura sem nome ou face, que reflecte sobre seus actos, enquanto observa o Coveiro e o Caminheiro extraviarem-se rumo ao Nada.

Onde não há mais sono.

Onde não há mais sonho.

Morte eterna é o que é.

Onde não há mais sentir

Onde não há mais o pensar.

Autocontemplação é o que é.

Onde não há mais a fome.

Onde não há mais a sede.

Satisfação vazia é o que é.

Onde não há mais dor.

Onde não há mais o prazer.

Verdade absoluta é o que é.

Onde não há mais o espaço.

Onde não há mais o tempo.

Onde se está então?

Em todo lugar.

Em lugar nenhum.

Em todos três tempos.

Em tempo nenhum.

O nada é a semente que não germina.

O nada é a criança que morre antes de nascer.

O nada é o reflexo do que não existe.

Onde não há vida, onde não há consciência;

O nada prevalece.

O coveiro deixa de existir.

E o caminheiro segue sua senda....